N.º 5 ★ 1-2-51

Cr$ 3,00
em todo o Brasil

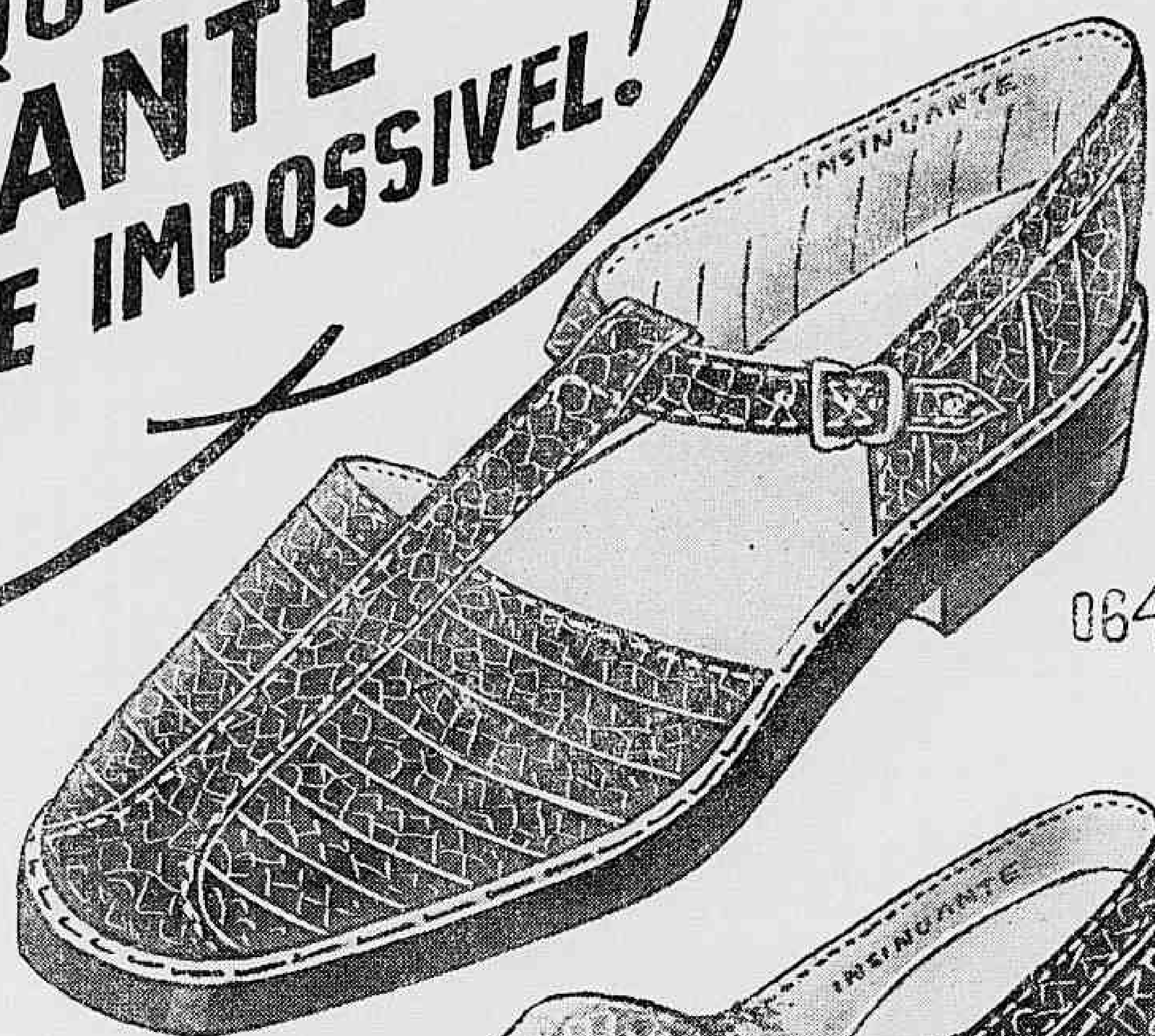


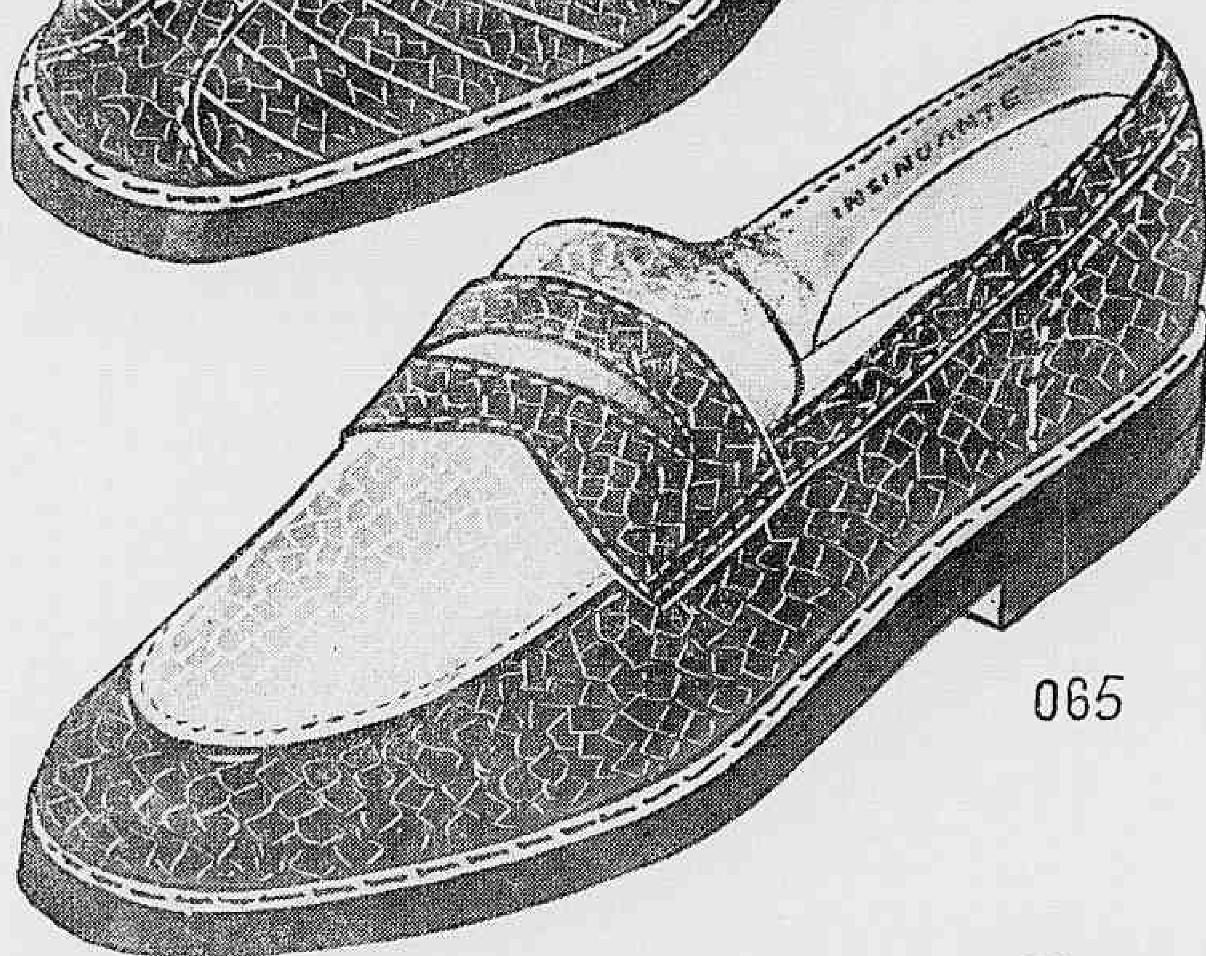

# A CENA muda

RÁDIO
CINEMA
MÚSICA
VARIEDADES



COMPRAR POR MENOS
É HUMANO! MAS, ...
...POR MENOS QUE NA
INSINUANTE
É HUMANAMENTE IMPOSSIVEL!




**064** — Cr$ 98,00. Ótimo sapato-sandália, estampado vinho, com salto de borracha. 100 % másculo. Numeração de 36 a 44.

**065** — Cr$ 98,00. Formidável sapato marron c/branco para êste verão com salto de borracha. Numeração de 36 a 44.

**Não trabalhamos com reembôlso postal. Remetemos para todo o Brasil, porte 5 cruzeiros.**

# insinuante

*Devolve a importancia com o mesmo sorriso com que lhe vende!*

É A MAIOR E MELHOR SAPATARIA DA AMERICA LATINA, E TAMBEM UMA GALERIA A SUA DISPOSIÇÃO.

**CARIOCA, 46-48 - 7 de SETEMBRO, 199-201**

AT. SEMDG

A CENA Muda

Nº 5 ★ 1-2-51

SEMANARIO DE ARTE

Fundada em 1921 — Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA. Diretor-presidente: Gratuliano Brito. Diretor-secretário: R. Peixoto de Alencar. Endereço: Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro — Brasil. Telefones: Secretaria, 22-4447; Administração e Publicidade, 22-2550. Portaria, 22-5602. Endereço telegráfico: "Revista". Número avulso para todo o território brasileiro, Cr$ 3,00. Assinatura: Anual (52 números), Cr$ 140,00; Semestral (26 números), Cr$ 70,00. Registrada: Anual, Cr$ 170,00; Semestral, Cr$ 85,00. Estrangeiro: Anual, Cr$ 270,00; Semestral, Cr$ 140,00. Número atrasado, Cr$ 3,50. Agentes em tôdas as capitais e principais cidades do Brasil. Representantes: — Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West 44th Street, New York City, N.Y. Em Portugal: Helena A. Lima, Avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º Distrito, Lisboa. Africa Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Sucursal na Argentina: "Inter-Prensa", Florida, 229, Buenos Aires. Tôda correspondência deve ser enviada ao diretor.

★

A Redação não se responsabiliza pelos trabalhos assinados

★

Representante em São Paulo: A Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69, Telefone: 4-1569

CORRESPONDENTES EM HOLLYWOOD
VIOLET KINNEY
THOMAS KEENE

CORRESPONDENTE EM PARIS
JEAN DELMAR

Redator-Chefe da Publicidade: Severino Lopes Guimarães

★

SUMÁRIO


| | |
|---|---|
| O cinema encontra novos rumos (Leon Eliachar) | 3 |
| O ano cinematográfico de 1950 (Alex Viany) | 4 |
| Glória Swanson, uma sombra que volta (Alberto Conrado) | 6 |
| Perdidamente Tua (cine-romance) | 7 |
| Harold Lloyd torna a filmar | 10 |
| Quais os melhores de 50? (enquête) | 11 |
| O sucessor de Ary Barroso (Charles Guimarães) | 12 |
| Telas da cidade | 13 |
| Antologia dos cronistas cariocas (Salvyano Cavalcanti de Paiva) | 14 |
| A Ilha do Tesouro (cine-romance) | 15 |
| Desmorona-se um casamento (Antônio Rocha) | 18 |
| John Ford de novo no oeste | 20 |
| Gary Cooper (close-up) | 22 |
| Coluna do fã | 23 |
| Cine-Teste | 23 |
| Correio do fã | 23 |
| Rádio - Inquérito | 25 |
| Fantasia | 26 |
| Carnaval | 27 |
| Marlene Dietrich (close-up) | 30 |
| Música (O. Cunha) | 31 |
| Arquivo | 32 |
| Pausa para meditação | 34 |
| Notícias | 34 |


CAPA:
IVONE DE CARLO
(U-International)

# *Carnaval*

*1 Jovem, adolescente ainda, já mostrava tôda a exuberância de um corpo escultural e provocante. A reduzida máscara encobria-lhe os olhos. De nada lhe valeriam as pernas descobertas, o busto seminu, quando a janela de sua alma estava vedada à uma análise mais profunda. Queria brincar, expandir sua alegria, seu entusiasmo refreado pelos preconceitos sociais durante os outros 362 dias do ano. Agora, iria viver como desejava. Entrou no cordão. Olhos vorazes acabaram de despí-la mentalmente. Era realmente linda, encantadora. Pulou. Suou. Gargalhou. Cantou. Afastou-se lentamente, deixando um rasto de olhares atrás de si. O borborinho excitante da multidão inebriada foi emudecendo à medida que ela se afastou em direção à varanda. U'a mão estendeu-lhe um cálice de uisque. Aceitou. O calor de seu corpo não era tão quente como o calor de sua alma. Sorveu a bebida em dois goles. Sorriu. Uma voz atraente fêz-lhe um convite. Sorriu novamente. Um desejo de ler nos seus olhos a resposta fêz com que aquela mão máscula tentasse arrebatar-lhe o pedaço de pano que aguçava a curiosidade de todos. Reagiu. Esquivou-se, perdeu-se novamente no meio do ruído. Misturou-se com as outras vozes que faziam um côro uniforme, como se uma suplicante prece se elevasse aos céus, num pedido de que aquêles três dias se prolongassem por tôda a eternidade.*

*2 Era bom viver assim. Era bom que todos, homens e mulheres, tivessem os mesmos direitos, fôssem todos iguais. Era a lei do carnaval, marcada pelo compasso contagiante de um ritmo alucinante, de uma cadência louca. Era o grito do sexo que acendia a chama bruxoleante do amor selvagem adormecido em todos nós. O calor entrava pelos poros e a labareda do entusiasmo fervia o sangue que nos corre nas veias. Todos comprimidos, carne na carne, numa atmosfera efervescente e empoeirada que anuviava a visão. O álcool alimentava o fogo do prazer. O lança-perfume embriagava os cérebros. Ninguém era mais inteligente que outrém. Fantasias multicores igualavam as classes. Príncipes e rainhas de mãos dadas com mendigos e palhaços. Holandesas dançavam com chineses, turcos sorriam para hawaianas. Era o mundo ideal onde tôdas aquelas almas, purificadas pela loucura do prazer descontrolado, encontravam a felicidade naqueles três dias curtos e rápidos, numa ânsia incontida de que o tempo parasse.*

*3 Morte ao silêncio. Cuícas, pandeiros, chocalhos, martelavam ao compasso dos metálicos ensurdecedores. A música é alma do povo transformada em sons. A grande massa humana chorava suas misérias atrás dos sorrisos. As orquestras embalavam os corpos femininos expostos à voracidade e ao desejo dos homens. Foram arrebentadas as correntes de leis que governam o mundo durante o resto do ano. Novas leis eram estabelecidas. Uma algazarra incompreensível dominava os nervos dos mais calmos. Era a expansão do subconsciente. Era a transformação do Ego individual num Super-Ego universal. Tôdas as almas estavam irmanadas pelo mesmo desejo. Não havia objetivos definidos. Não havia diretrizes traçadas. Era a paralisação do pensamento. Gritar. Desabafar. Enrouquecer. Como quem está em transe. Até cair. Desfalecer.*

*4 Cinzas. Tudo calmo. A chama extingue-se lentamente. Novamente impera o silêncio. Mais pesado, mais denso. Readquire-se o raciocínio. Entra-se na rotina. O espetáculo da vida continua. O tempo não parou; fêz uma pausa. Os romances de amor retomam sua serenidade normal. Os homens de negócio prosseguem controlando seus trabalhos. O artista respira novamente o ar puro de sua arte. O escritor continua a imaginar coisas. A ciência procura prolongar a vida. A guerra continua espalhando a morte. O cérebro reconquista o seu lugar. O Super-Ego universal divide-se novamente em Egos individuais. A ganância, o furto, o egoismo, retomam seus lugares. E' a luta pela vida. Vencer ou sucumbir. Subir ou descer. O barômetro da felicidade é incerto. Bom tempo para uns, mau tempo para outros. Sempre há tempestade e bonança em nossas vidas. O carnaval apaga tudo. Iguala todos. E' um pouco quando se derrete, com o calor. o tecido transparente da fantasia. O príncipe de otimismo dentro de um mundo pessimista. Mas, sempre vem a realidade, volta a ser mendigo, a rainha torna a ser dactilógrafa, a hawaiana continua a lavar pratos. A jovem adolescente também sabe disso, quando vai ao espelho e tira a máscara. O mistério de seus olhos não aguça mais a curiosidade de ninguém. E' estrábica. Suas pernas bonitas já não são assim tão atraentes. Continuará esperando o próximo carnaval. E' uma válvula de escape para seus recalques. E todos nós temos recalques, conscientes ou inconscientes. O carnaval é uma necessidade. E' um alivio. As cinzas nos trazem novamente à tona, onde continuaremos flutuando na realidade da vida. E que é a realidade senão outra ilusão? Porque a realidade é um carnaval, e o carnaval uma realidade. E se o carnaval é uma realidade, e a realidade uma ilusão, a ilusão não deixa, por isso, de ser uma realidade. Confuso? Então até para o ano, amigo.*

leon eliachar

RETROSPECTO

# O ANO CINEMATOGRÁFICO DE 1950

MELHORES E PIORES FILMES ★ DIRETORES, ARTISTAS, FOTÓGRAFOS, CENARISTAS, MÚSICOS ★ CINEMA ESTRANGEIRO E CINEMA NACIONAL ★ PERSPECTIVAS.

De ALEX VIANY

JÁ é tradicional que o cronista cinematográfico escolha, ao fim de cada ano, os melhores e os piores dentre os filmes apresentados nos doze meses anteriores — e, naturalmente, como pode haver alguém que espere isso de nós, não queremos fugir a tão árduo e difícil dever.

Começando pelos piores, queremos registrar alguns filmes que, devido ao renome de seus realizadores, bem podem ser considerados como as maiores decepções de 1950. Em alguns casos, registramos também certos assuntos que, bem aproveitados, dariam excelentes películas. Vamos, portanto, aos piores, e em ordem alfabética.

**À Sombra da Guilhotina,** uma horrorosa deformação dos homens e das idéias da Revolução Francesa, desperdiçando os talentos de Anthony Nann e William Cameron Menzies. Produção de Hollywood.

**À Sombra do Patíbulo,** uma versão quase irreconhecível de **A Carta do Parma,** de Stendhal, com um Conrad Phillippe infelicíssimo. Produção ítalo-francesa de Christian-Jaque.

**Até o Céu Tem Limites,** versão de «The Creat Catsby», bom romance de F. Scott Fitzgerald, onde só Betty Field conseguiu brilhar. Produção de Hollywood.

**Enquanto a Morte Espera,** uma brincadeira de mau gôsto sôbre o julgamento dos criminosos de guerra. Produção de Hollywood.

**A Filha de Satanás,** prova definitiva do declínio de King Vidor, com uma Bette Davis incrível. Produção de Hollywood.

**Joana A'Arc,** provàvelmente, o cúmulo do desperdício de dinheiro e assunto, para não falar no desperdício de Ingrid Bergman. Produção de Hollywood.

**Johny Alegro,** onde se zombou do talento de Ted Tetzlaff, o magnífico diretor de **Ninguém Crê em Mim.** Produção de Hollywood.

**O Lago Azul,** em que dois bons realizadores inglêses, Frank Lunder e Sidney Gilliat, jogaram fora um excelente assunto.

**Nada além de um Desejo,** que serviu para desmascarar definitivamente o fantasiado Frank Capra. Produção de Hollywood.

**O Preço da Glória,** um dos muitos filmes bélicos que Hollywood vem fazendo nos últimos tempos, e onde o mesmo William Wellman de «Também Somos Sêres Humanos» limitou-se a mostrar Van Johnson a fritar ovos num capacete.

**Sob o Signo de Caprcórnio,** o ponto mais baixo da carreira de Alfred Hitchcock. Produção anglo-americana.

E muitos et ceteras.

A lista de maus filmes é impressionantemente grande, e nela estão representados muitos diretores e artistas famosos. Por outro lado, tivemos alguns filmes de primeira classe em 1950, e uns poucos bem poderão ser inscritos nas páginas de honra da história do cinema.

Por sua importância, por seus valôres técnicos, artísticos e sociais, os melhores filmes de 1950, a nosso ver, foram os seguintes:

**Ladrões de Bicicletas,** de Vittorio de Sica.

**Obsessão,** de Luchino Visconti.

**Paisà,** de Roberto Rossellini.

**Em qualquer parte da Europa,** de Geza Radvanyi e Bela Balaaz.

**Henrique V,** de Laurence Olivier.

Logo em seguida, **formando um** segundo time, colocamos os seguintes filmes: **A Margem da Vida,** de John Cronwell; **Um Dia em Nova York,** de Gene Kelly e Stanley Denen; **Dulce,** de Claude Autant-Lara; **O Grito da Carne,** de David Lean; **A Manada,** de Harry Watt; **Mãos Vermelhas,** de Jacques Becker; **Marcada pelo Destino,** de Frank Launder e Sidney Gilliat; **Marcado de Ladrões,** de Jules Dassin; **O Segrêdo das Jóias,** de John Huston; e **Tarde Demais,** de William Wylér.

Como um terceiro time de quinze filmes, completamos um número redondo dos trinta melhores de 1950: **Almas Abandonadas,** de Maxwell Shane; **Os Amantes de Verona,** de André Cayatte e Jac-



**CAIÇARA**
Melhor filme e melhor roteiro



**«SOMBRA DA OUTRA»**
Melhor direção e melhor fotografia



**«ESTRÊLA DA MANHA»**
Melhor partitura

ques Prévert; **Ao Cair da Noite,** de Frank Dorzago; **Enamorada,** de Emilio Fernandez e Gabriel Figueroa; **Fúria Sanguinária,** de Raoul Walsh; **Golpe de Misericórdia,** também de Walsh; **A Grande Ilusão,** de Robert Rossen; **O Matador,** de Henry King; **O Que a Carne Herda,** de Elia Kazan; **Pânico,** de Julien Duvivier; **Piedade Homicida,** de Michael Gordon; **Resgate de Sangue,** de John Huston; **Sangue de Meu Sangue,** de John Mankiewiez; **Sombras do Mal,** de Jules Dasin; e **Vítimas do Destino,** de Julien Duvivier.

Os melhores diretores do ano, indubitàvelmente, foram Vittorio de Sica e Luchino Visconti, pelos filmes já citados, e quase todos os outros responsáveis pelos trinta melhores filmes merecem destaque especial. Além dêsses, devemos citar John Dréville, por **Juventude Delinqüente**; Joseph H. Lewis, por **Czar Negro**; Robert Montgomery, por **Nascida para Amar;** Anthony Kimins, por **Seu Próprio Verdugo;** Mark Robson, por **Meu Maior Amor;** Robert Siedmak, por **A Confisão de Telma;** e Jacques Tourneur, por **Tormento de uma Glória.**

Os melhores roteiros cinematográficos foram também os de **Ladrões de Bicicletas** e **Obsessão,** merecendo menção os de **Em qualquer parte da Europa, À Margem da Vida, A Grande Ilusão, Henrique V, Marcada pelo Destino, O Segrêdo das Jóias** e **Tarde Demais.**

Entre os atores, hesitamos, por mais estranho que pareça, entre o amador Lamberto Maggiorani, de **Ladrões de Bicicletas,** e o experimentadíssimo Laurence Olivier, de **Henrique V.** Hesitamos menos entre as atrizes, preferindo a excelente Clara Calamai, de **Obsessão,** à Olivia de Havilland de **Tarde Demais.** Gostamos ainda de Valentina Cortese em **Mercado de Ladrões,** Florence Eldridge em **Piedade Homicida,** Betty Field em **Até o Céu Tem Limites,** Deborah Kerr em **Marcada pelo Destino** Eleanor Parker em **A Margem da Vida,** e Ethel Waters em **O Que a Carne Herda.**

Os atores coadjuvantes que mais nos impressionaram foram Vittorio Antonucci, o ladrão de **Ladrões de Bicicletas;** José Forrer, o Delfim de **Joana d'Arc;** e o surpreendente Stanislau Zbyszlco de **Sombras do Mal.** Temos mais dificuldade em selecionar as melhores atrizes coadjuvantes do ano, pois muitas foram as que nos agradaram. Devemos destacar, entretanto, as seguintes Renée Asherson em **Henrique V;** Lianella Carelli em **Ladrões de Bicicletas;** Dhia Cristiani em **Obsessão;** Judy Holliday em **A Costela de Adão;** Miriam Hopkins em **Tarde Demais;** Mercedes McCambridge em **A Grande Ilusão;** o Margareth Wycherly em **Fúria Sanguinária.**

Excepcionalmente, o ano de 1950 ofereceu-nos três grandes interpretações infantis: Alfonsino no episódio napolitano de **Paisà;** Ladislau Hervath em **Em Qualquer Parte da Europa;** e Enzo Staiola em **Ladrões de Bicicletas.**



**ELEANOR PARKER**
**Uma das melhores atrizes, pelo seu desempenho em «A Margem da Vida»**



Musicalmente, o ano foi fraco, pois só conseguimos separar sete partituras dignas de nota. São elas: a de Daniele Amfitheatrof para **Na Solidão do Inferno;** a de Alessandro Cicognini para **Ladrões de Bicicletas;** as de Aaron Copland para **Tarde Demais** e **O Vale da Ternura;** a de Hugo Friedhofer para **Joanna d'Arc;** a de Earl Robinson para **Morrerei Onde Nasci;** e a de William Walton para **Henrique V.** E o único filme musical interessante foi mesmo **Um Dia em Nova York,** de Gene Kelly e Stanley Donan.

Passando ao cinema brasileiro, quase que temos de escolher os menos piores, pois, infelizmente, nossa pequena indústria ainda continua num primitivismo entristecedor. Assim, arriscando-nos a fazer mais alguns inimigos, oferecemos a nossa seleção:

Melhor filme: **Caiçara,** de Adolfo Coli.

Melhor diretor: Watson Macedo em **A Sombra da Outra.**

Melhor roteiro: **Caiçara,** de Gustavo Honnenberg, Abílio de Almeida e Afonso Schmidt.

Melhor fotógrafo: Edgar Brasil em **A Sombra da Outra.**

Melhor atriz em papel principal: Eliane Lage em **Caiçara.**

Melhor ator em papel principal: Anselmo Duarte em **A Sombra da Outra.**

Melhor atriz em papel secundário: a velha Felicidade em **Caiçara.**

Melhor ator em papel secundário: Jackson de Souza em **Quando a Noite Acaba.**

Melhor partitura musical: a de Radamés Gnattali para **Estrêla da Manhã.**

Melhores filmes de curta-metragem: **Nordeste,** de Pedro Lima; **Painel,** de Lima Barreto; e, pela fotografia colorida, os filmes científicos de Benedito Duarte.

Livres, por fim, da penosa tarefa de escolher os melhores do ano, podemos agora olhar para os novos filmes do novo ano. E só podemos desejar que 1951 nos dê de presente um quinteto tão poderoso como **Ladrões de Bicicletas, Obsessão, Paisà, Em Qualquer Parte da Europa** e **Henrique V.** Quanto ao cinema brasileiro, estamos sèriamente desconfiados de que 1951 marcará o início de uma nova época. Em volume e qualidade, é bem possível que venha a ser o melhor de todos os anos do nosso pobre e sacrificado cinema.



ROTEIRO DE VIAGEM

# CRONICA DE BUENOS AYRES

de ALBERTO CONRADO

(Enviado Especial de «A CENA» aos paises da América Latina)

# GLÓRIA SWANSON, UMA SOMBRA QUE VOLTA



BUENOS AIRES — Janeiro. — Nos salões da embaixada dos Estados Unidos, na capital Argentina, foi exibido sòmente para críticos e comentaristas cinematográficos, o filme «Sunset Boulevards», que, como nota sensacional, marca a volta ao celulóide da famosa atriz do cinema mudo, Glória Swanson. Os jovens fãs que contam menos que vinte anos vão agora enfrentar-se com um nome que para êles talvez seja novo. E para quem tenha alcançado o meio século é um nome que regressa aos lábios com reminiscências sentimentais e melancólicas... Trata-se de Glória Swanson. Isto é, a Glória Swanson, aquela que aparecia em traje de banho nos filmes de Mack Sennet, considerado naquele tempo «moral e socialmente perigosos» e que hoje parecem tão inocentes como uma novela de Paul de Kock... A jovem Glória se mostrava diante das câmeras daquêle tempo como uma grande atriz cômica. Os filmes de Essanay e de Sennet tinham como estrêla uma garôta que surgia em maillot, mostrava suas pernas, piscava um olho, se bamboleava como um bonde velho e corria pelas praias californianas para espanto de Ben Turpin. Depois deixou de ser a atriz provocante das praias de Mack Sennet para converter-se na ardente e inquieta mulher das comédias audaciosas — relativamente audaciosas — de Hollywood. «A oitava espôsa de Barba Azul», «A filha pródiga», «Zazá», «A Dama Indómita», «Saddie Rhompson» e a primeira adaptação cinematográfica da novela de Somerset Maugham «Rain» (Chuva), foram alguns de seus maiores êxitos. A pobre Saddie encontrou em Glória Schwanson uma admirável intéreprete que comoveu ao espectadores das cinco partes do mundo. Entretanto, as suas excursões pelos filmes falados não tiveram êxito, vindo em 1931 a paralisar sua carreira. Era já demasiadamente Glória Swanson na tela. Esta última requeria novas caras, outras maneiras, outros idílios...

Glória casara-se. Era marquêsa. Contraíra núpcias com um aristocrata francês...

Tout un trés bien, madame la marquise... Não. Absolutamente. Nem tudo ia muito bem. Um dia, lá pelo ano de 1940, um amigo lhe disse: «Por que não vai fazer um novo filme Glória? Glorinha disse sim. Já se sabe, nada comove mais ûma artista do que se que sim. Já se sabe, nada comove mais a uma artista do que a lembrança de um cenário ou uma galeria cinematográfica. Procurou-se-lhe uma comédia que evocasse o trabalho em que ela se havia especializado nos seus primeiros tempos. O filme se intitulou «Papai se casa» (Father takes a wife»), e se estreou em 1941. A fôrça de querer fazer um filme comercial, produziram uma película imbecil. Foi um fracasso para todos. Depois disso, Glória declarou: «Nunca mais». Mas quando se esqueceu do fracasso de 1941, Glória Swanson voltou seus olhos para o passado... Por aquêle «Sunset Boulevard» de Hollywood, por onde podia passar agora cômodamente sem ser reconhecida, tinha se deslizado sua vida e também a vida da cinematografia norte-americana. E tinha se passeado por aquela avenida os sonhos de tôdas as adolescentes que imaginavam desde qualquer aldeia perdida do mundo ser alguma coisa assim como as Mary Pickford, as Bebe Danoels ou as Clara Bow. E Glória Swanson aceitou fazer um filme sôbre a história do cinema. E surgiu êsse «Sunset Boulevard», a Hollywood, seu esplendor morto para sempre, essa meca do cinema fantástica, dos salários fabulosos, dos palácios absurdos, das atrizes enlouquecidas, das festas noturnas que terminavam com um crime no quarto de banho... A Hollywood de Rodolfo Valentino e de «O nascimento de uma nação», a maravilha de Grifith. O filme começa com certa originalidade. Um cadáver flutùa numa piscina de Beverly Hills. O morto e Joe Gillis, argumentista que para fugir de uns cobradores, tinha-se escondido numa vila magnífica. Um empregado, de aspecto sombrio, lhe tinha informado que a senhora de casa o aguardava. Era Norma Desmond, estrêla do cineca, cujo chimpanzé favorito tinha acabado de morrer. Joe é confundido com o agente fúnebre dos animais. O empregado é o famoso Eric von Stroheim. Norma contrata Joe para escrever uma adaptação de «Salomé», com que pensa ressuscitar sua carreira artística. A atmosfera de sua casa espelha o mundo enlouquecido, maniático, absurdo e pitoresco em que viviam as atrizes de outros tempos As portas não têm chaves nem fechaduras. O empregado faz uma confidência ao argumentista: «A atriz tem tendência para o suicídio». A artista, envelhecida, não acredita que o público a tenha esquecido. O autor lhe fala da necessidade de um bom argumento. A conversação passa da aclaração das respectivas personalidades às recordações e se desliza para o amor. O autor é um oportunista. «Ali existe onde se possa tirar alguma coisa». «E ela precisa acreditar em amor»... A atriz vive num mundo absurdo — o passado que a obsessiona — a necessidade de um presente cheio de atividades; a ambição, ainda, de ·um futuro de glórias artísticas. Em resumo, quando a artista desconfia que o jovem escritor decide deixá-la, tresloucada e confundida em sua alucinação de «Salomé», o assassina. E segue sua loucura depois do crime porque quando chegam o juiz e os cinegrafistas dos noticiários cinematográficos, imagina que tôda aquela gente são o diretor e os técnicos que seguem rodando o filme. Deve-se elogiar o argumento de «Sunset Boulevard», de autoria de Billy Wilder e Charles Bracket, os mesmos escritores de «Farrapo Humano». O

(Cont. na pág. 24)




Embora se amassem, viam-se obrigados a seperar-se, principalmente em virtude de a espôsa de Steve ser paralítica.

# PERDIDAMENTE TUA

MUITO tempo depois, Lily James perguntou a si mesma por que não tivera a intuição de saber que o curso de tôda a sua vida seria mudado depois daquela noite, quando abriu os olhos e viu diante de si a figura simpática de Steve Harleigh, que a olhava. Talvez porque estivesse cansada e a pequena soneca que dera não surtira efeito, dando-lhe ânimo. Sentia-se exausta após um dia de trabalho como modêlo. No entanto, deixara persuadir-se por Jim Leversoe a jantar com êle e com um seu amigo que estava visitando a cidade — um tal de rei do cobre de Montana — contanto que êle a deixasse dormir durante uma hora na poltrona de seu "living room".

Dormira, mas, de repente, estava novamente acordada e ali estava sentado o tal rei do cobre com um "drink" na mão. Era um sujeito simpático, pensou depois, com olhos que denotavam compreensão e um sorriso cheio de bondade. Lily sentia-se aborrecida e se êle não fôsse possuidor de uma assombrosa longanimidade ela talvez houvesse voltado para casa imediatamente.

Apesar de tudo, não foi o que se pode denominar uma noite importante. Apenas dois homens e u'a moça, comida, bebidas e conversa. Lily falou a respeito de sua cidade natal no Kansas. A cidade natal de Steve em Montana era mais ou menos a mesma coisa.

Jim, que era um dêsses sujeitos de grandes cidades que parecem saber tudo, confessou que estivera apaixonado pela moça com quem Steve contraíra matrimônio. Agora, estavam juntos no negócio de cobre. Conversa, muita conversa. Não, não foi uma noite importante. Quando Steve a levou de volta ao Hotel de Betsy Ross para Mulheres, ela lhe disse boa-noite à porta.

Dois dias depois veio o domingo. Um domingo quente de um verão escaldante. Lily estava lavando as suas meias no hotel quando Steve lhe telefonou, pedindo-lhe para dirigir o carro que êle alugara e irem para Connecticut. Um "boy" do hotel onde estava hospedado lhe falara de uma taverna famosa por suas deliciosas lagostas e êle desejava saber se o garôto tinha mesma falado a verdade.

Aceitou o convite porque tinha plena convicção de que qualquer coisa era melhor que ficar sem

---

Título original
**«A Life of Her Own»**

E l e n c o :

| | |
|---|---|
| Lily James.. | **Lana Turner** |
| Steve Harleigh ...... | **Ray Milland** |
| Jim Leversoe | **Louis Calhern** |
| Lee Gorance | **Barry Sullivan** |
| Mary Ashlon. | **Ann Dvorak** |
| Tom Caraway | **Tom Ewell** |
| Nora Harleigh ..... | **Margaret Phillips** |
| Maggie Collins ...... | **Jean Hagen** |

Um filme da Metro Goldwyn Mayer. Produzido por Voldemar Vetluguin. Dirigido por George Cukor — Cenário de Isobel Lennart.



Lily sabia que devia manter esta noite êste adeus, sem importância. Mas, Steve a estava amando e a despedida foi difícil para ambos.



Quando voltou para Montana, Steve mandou-lhe um presente, que o seu amigo Jim se encarregou de entregar.

fazer nada, pensando constantemente e aborrecida... e como se sentia aborrecida e como pensava... o assunto era sempre o mesmo: Mary Ashlon.

Já fazia uma porção de tempo que Mary Ashlon havia morrido. Um homem chamado Lee Gorrance e que era um grande homem no mundo da publicidade e conhecido em tôda a New York apostara com Lily que ela acabaria da mesma maneira que Mary Ashlon.

Isso aconteceu logo que ela chegara a New York. Conhecera Mary no escritório de Tom Caraway, no primeiro dia em que se avistara com êste czar entre os agentes de modelos e êle havia decidido aceitá-la como cliente. Certamente, todo o mundo conhecia a face de Mary Ashlon, pois esta tornara atraentes cêrca de mil cartazes e dez mil páginas de revistas. Lily notou que, em verdade, Mary parecia mais velha do que os seus trinta e cinco anos lhe deveriam permitir. Contudo, a sua face continuava sempre bela, embora marcada com o inelutável estigma de infelicidade, auto-desprêzo, cedendo a todos os impulsos de acôrdo com a necesidade, e sombras de um mêdo secreto... tudo isso podia ser visto sob a maquilagem e a alegria de que incomparàvelmente ela sabia fazer uso.

Mary havia gostado imediatamente da nova modêlo e havia tomado como tarefa ensinar-lhe pequenos truques que u'a modêlo deveria saber. Havia até mesmo lhe conseguido o seu primeiro encontro em New York e no final ela saíu com Jim Leversoe, um amigo de Lee Gorrance.

Àquela mesma noite, bebendo desordenadamente, pois via através das atenções que Lee dispensava a Lily um quadro de futuros acontecimentos, Mary saltou de uma janela.

Para Lee Gorrance... que naturalmente viera à procura da nova moça fingindo necessitar de confôrto e tentando conquistá-la, Mary não mais existia. Era como se simplesmente houvesse mudado de endérêço ou se o seu nome estivesse numa agenda perdida. Mas, Lily pensava de maneira diferente. Tinha memórias que não deixavam o seu cérebro, levando-a quase à obsessão, e ela reconhecia que essa obsessão era devido à aposta feita com Lee. Sabia que êle deveria estar certo. Não seria difícil para Lily James, uma moça pobre nascida numa cidade do interior, entrar no alegre carrocel da vida e terminar como Mary quando as luzes começassem a apagar-se.

Assim... não era bom pensar tanto... Por isso, quando Steve telefonou pedindo-lhe qúe o acompanhasse à "Almirante", ela aceitou.

Steve alugara um conversivel e deixou a capota arriada, deliciosamente satisfeito com o seu bomgôsto. "Há anos ouço falar da comida do mar do oeste" — assegurava-lhe seguidamente Steve, pois a Almirante não estava tão fácil de localizar como lhe afirmara o "boy".

Ao fim da procura, os dois se encontraram numa pequena taverna, onde Steve se tornou imediatamente alvo da simpatia do filho do proprietário por tê-lo convencido a comprar um velho carro que o rapaz ansiava. Mais tarde, o rapazinho não ansiara por um carro melhor...

— O que você desejava... ardentemente? A tal mina de cobre? — perguntou-lhe sorrindo, Lily. — Agora, você a tem e por isso veio a New York celebrar...

— Não pense que seja uma grande vitória.

— Acaso não o é? O conseguir o que se deseja não deve ser colocado acima de tudo, mudando tudo? — ela se lembrou do que desejava quando ainda vivia em sua cidadezinha no Kansas. — Ser alguém. Chegar ao último degrau da dourada escada do sucesso. Para mim seria.

— Então talvez você deseje alguma coisa fora do comum.

— Apenas ter o que você conseguiu — disse ela. Parou e notou que o que desejava mudara de significação para ela. — Conseguir o sucesso.

— Acaso você não o conseguiu? No seu próprio ramo?

— Bem, sim... eu... eu penso que sim... talvez a única coisa que me faça falta seja a felicidade. Que botão devo eu apertar para consegui-la?

Voltaram para casa cedo, pois o brilho que esperavam que revestisse o dia tornara-se opaco. O sentimento de camaradagem que era o traço de união entre os dois dera lugar a uma melancolia irritante, fazendo cada um voltar às suas próprias preocupações. Fi-



Era o aniversário de Steve. Do outro lado da cidade, longe de Lily, êle celebrava em companhia de uma mulher de cadeiras de roda, sua espôsa.



«— Não se preocupe, — murmurou Lily. — Não lhe disse coisíssima alguma. Êle não respondeu e Lily continuou: Está tudo acabado, querido».

tando fixamente a estrada que se descortinava, Steve perguntou repentinamente:

— E... você sabe que eu sou casado, não sabe?

— Creio que Jim mencionou êste fato — respondeu Lily, tentando dar um tom de naturalidade às palavras. — E' uma pena que a sua espôsa não o tenha acompanhado nesta viagem.

— Sim... foi uma pena.

Vinte minutos antes de fechar o hotel, o carro encostou no meio-fio. Steve acompanhou-a e, lá dentro, uma expressão de desgôsto se estampou no seu rosto.

Vendo-o, num misto de desconsertada e gentil, Lily perguntou-lhe:

— Que há?

— Eu estava pensando numa maneira de convidá-la para jantar amanhã comigo e tôdas as outras noites até a minha partida. Se eu estivesse sòzinho, hoje, provàvelmente, teria dirigido uma hora e voltado para casa.

— E eu teria ficado em casa e lavado minhas meias.

— Está vendo só? — êle parecia triunfante. — Foi bom para nós dois. Desde que você já conseguiu convencer-me de que esta viagem a New York representa uma vitória...

— Naturalmente, — concordou Lily — você quer ir dançar.

— Mas, não sòzinho.

O Bar Champagne não ficava muito longe do Hotel de Betsy Ross e tornou-se o seu lugar favorito durante o restante da visita de Steve Harleigh. Algumas vêzes ficavam lá tôda a noitinha, apenas conversando. Lily então compreendeu como fôra simbólico ter visto Steve com o "drink" na mão, no primeiro encontro de ambos. Era como se ela desde então estivesse sonhando.

O Bar Champagne era um lugar agradável, mas lá as horas passavam muito depressa, talvez depressa, talvez depressa de mais. A última noite chegou quando mal a primeira terminava, parecia-lhe. Sentavam-se exatamente como o faziam nas noites anteriores — naturais, mas juntos — e Lily tudo fazia para que isso não se tornasse importante.

— Quanto tempo falta ainda para a saida de seu avião?

— Quatro horas e vinte minutos.

Agradeceu e pôs um pouco de pó-de-arroz no nariz para não o ter de olhar de frente.

Chegaram, finalmente, ao aeroporto e Steve tentou dizer-lhe alguma coisa saida do coração, mas Lily o interrompeu.

— Se você está preparando-se para fazer um discurso — disse ela sorrindo delicadamente — não há tempo! Se você quiser ir sentado nas asas, é melhor embarcar agora mesmo...

— Lily... — a voz de Steve era rouca e não escondia tôdas as agradáveis recordações.

— Faça uma boa viagem e que não enjoe. Apresse-se! — disse ela ràpidamente.

Steve sorriu-lhe e caminhou em direção ao aeroporto enquanto ela o acompanhava com os olhos. Voltava através do túnel quando, de repente, teve de encostar-se nas paredes, pois as lágrimas brotavam de seus olhos de modêlo. Seria essa a Lily James que ela sempre fôra? Não, isso era uma sensação nova.

Alguns dias depois, Jim Leversoe convidou-a para jantar e no restaurante mostrou-lhe o rico presente que Steve lhe enviara. Lily recusou, alegando que nem ao menos êle escolhera o presente e que aquilo não tivera nenhuma importância para ela.

Algumas semanas mais tarde a telefonista do Hotel Betsy Ross chamou o quarto de Lily para avisar que o sr. Steve Harleigh estava telefonando e perguntava se ela podia atender. A resposta foi "não". Se bem que por algum milagre Steve estava de volta a New York — o que significava aquilo para ela? Tudo terminara. Infelizmente, ela possuia um pequeno par de chinelos que lhe lembravam a todo instante u'a moça que entrara alegremente no carrocel da vida e não reconhecera que as luzes começavam a apagar-se.

Foi apenas por acaso que Lily e uma outra moça passaram em frente ao Bar Champagne uma noite. Ela fôra jogar canastra e inquieta — deixou-se persuadir por Jerry a dar uma volta pelo bairro — pois tudo fazia para livrar-se daquela maldita obsessão que a pouco e pouco lhe corroia o espirito.

Entraram no Bar Champagne e na sua velha mesa, Steve estava sentado, sòzinho. O seu rosto era u'a máscara de tristeza e o cálice de vinho em sua frente continuava cheio, pois êle não o tocara. Repentinamente, os seus olhares se encontraram e num piscar de olhos a moça que acompanhava Lily desaparecera e os dois encontravam-se novamente sentados à velha mesa, o que sentiam acentuadamente marcado nas faces.

— Eu não a chamaria novamente — murmurou Steve quase humildemente.

Ela preferiu não falar sôbre o assunto.

— Não tenho estado aqui desde que...

— Lily, você está com raiva? A pulseira?

— Não gostei do presente como pagamento para que eu não mais o procurasse.

— Esta não é a verdade e você sabe muito bem disso.

— Sim — exclamou Lily vagarosamente, desejando que êle a tomasse em seus braços. — Eu deveria saber disso. O que é desta vez, mais uma semana?

— Mais tempo. Não sei exatamente.

Parecia que a primeira mina se estava acabando e êles tinham de abrir uma nova. Viera pedir algum dinheiro ao banco. Steve falava de negócios quando Lily não suportando mais, gritou:

— *Por que você voltou?*

— Tentei fazer todo o possivel para não vir.

Agora, compreendiam que não adiantava lutar. Não poderiam viver um sem o outro. Isso era... ora... isso era amor!

Steve não se sentiu satisfeito em visitá-la no hotel. Era necessário que tivessem um lugar onde pudessem estar a sós. Lily alugou um apartamento, embora não permitisse que êle pagasse o aluguel, permitindo-lhe, no entanto, ajudar a mobilar.

Finalmente, Lily James era feliz. A sua vida se transformara num sonho. Embora tivesse mais trabalhos do que antes, de todos se desincumbia mais fàcilmente, pois os seus pensamentos convergiam para um ponto fixo — Steve. Em nenhum de seus sonhos supusera poder vir a ser tão feliz.

Uma tarde, Lily voltou ao apartamento e lá encontrou Steve. A sua conferência com os banqueiros e o advogado terminara mais cedo do que de costume. Lily sentiu um calafrio percorrer-lhe o corpo. Sentia que chegara o momento da decisão, mas tentou falar e agir como se não soubesse que algo acontecera ou ia acontecer.

A melhor parte de uma surprêsa, — disse ela alegremente — é saber antes de ser surpreendido. Steve, você tem de me conceder a noite de sexta-feira. Aposto que nem ao menos sabe do que se trata! E' o seu aniversário, bôbo! E eu vou dar-lhe uma festa de aniversário.

De pé êle a escutava, mas os seus olhos estavam vazios.

— Lily...

O momento chegara e ela o encarou.

— Muito bem, Steve.

— Minha mulher vai chegar — Steve falava com esfôrço. — Quinta ou sexta-feira. Não soube disso antes. Planejou chegar antes de meu aniversário.

Lily sentiu-se repentinamente abatida e colocada em segundo plano; contudo, conseguiu sorrir.

— Nós mulheres e nossas pequenas surprêsas — no entanto Steve estava abatidissimo e ela tocou-lhe a mão. — Nós sabiamos que ela viria. Apenas agora é realidade.

— Agora é Nora.

— Ela é real e o seu nome é Nora. Eis em que se resume tudo o que sei a seu respeito. Se ela estivesse aqui com você nunca nos teriamos encontrado. *Mas, ela não estava.*

— Não poderia estar. Ela... ela não pode andar. Um acidente de carro enquanto eu dirigia.

Por um longo e terrivel minuto, Lily fitou os olhos nêle em silêncio.

— Por que você nunca me disse?

— Parecia-me que era como se eu estivesse pedindo piedade.

— Sem falar, certamente, no mêdo que você tinha em estar enganando-a.

Steve não se intimidou ante o seu olhar.

— A principio sòmente. Então pensei... a vida de Nora parou há três anos atrás e tentei fazer com que a minha também parasse. Quando a encontrei vi que isso não era possivel.

— A vergonha ainda o domina. O que vai fazer, Steve? Terminamos tudo aqui?

— Não é assim o meu modo de agir.

— Mas, as coisas não podem continuar no pé em que estão. Não

(*Cont. na pág.* 24)




Há muitos anos atrás Harold Lloyd fazia sua primeira película, «Grandma's Boy». Sua leading-lady foi Mildred Davis, com quem está casado há 25 anos...



Vocês se lembram de «Feet First»? Bárbara Kent foi sua companheira nessa película, interpretando um papel romântico. Ambos conseguiram arrancar boas gargalhadas do público...



E aqui chegamos no ano de 1932. O filme é «Movie Crazy», que há pouco revimos com o título de «Cinemaníaco». A pequena é Constance Cummings, que pouco depois alcançava a glória...

# HAROLD LLOYD VOLTA A FILMAR

REMINISCÊNCIAS ★ UM ASTRO DO PASSADO QUE TORNA A BRILHAR NO PRESENTE ★ CADA PEQUENA QUE APARECIA AO SEU LADO ERA UMA NOVA ESTRÊLA QUE COMEÇAVA A LUZIR...

Fotos R.K.O. — (Especial para "A CENA)



Uma das mais famosas fitas de Harold Lloyd foi sem dúvida «The Milky Way», feita em 1936. A garôta ao seu lado é nada menos que Dorothy Wilson. Reparem como a moda evoluiu...



Hoje, em 1951,,mr. Lloyd volta à tela. Talvez um pouco envelhecido, mas com aquela mesma verve de sempre, aquêle mesmo propósito de fazer rir. Desta vez, lança também uma nova estrêla: Frances Ramsden, em «Trapalhadas do Haroldo». Tomem nota, é uma garôta sensacional, com cinco pés e sete polegadas de altura, atraente e com uma bonita voz.

"ENQUÊTE" DE "A CENA" ENTRE SEUS LEITORES

# QUAIS OS MELHORES DE 50?

*UM pouquinho de paciência. Não será hoje ainda que daremos o resultado da primeira apuração, pois quando redigíamos esta nota nossa "enquête" nem havia sido divulgada. Isso se deve exatamente à antecedência com que é feita a revista. Quando êste número estiver em circulação, vocês já terão visto o voto de Leon Eliachar, na edição anterior; e hoje encontrarão as preferências de Alex Viany, num rápido retrospecto sôbre "O ano cinematográfico de 50". Sem se deixar influenciar pela opinião alheia, e baseado exclusivamente na coleção de A CENA, onde divulgamos e comentamos quase a totalidade dos filmes exibidos no ano findo, VOCÊ encontrará apoio para avivar sua memória sôbre o que viu em 1950 — e enviará também o SEU voto, para o cômputo geral. Enquanto isso, aqui estamos, aguardando a SUA carta — que talvez já esteja a caminho, quem sabe?...*

C O N D I Ç Õ E S :

A) Letra bem visível (de preferência, à máquina).
B) Não é obrigatória a resposta a tôdas as perguntas.
C) No caso de fotógrafos e músicos, que não souber os nomes, poderá enviar o título do filme melhor fotografado e melhor musicado. A redação se encarregará de colocar o nome.
D) Quem achar dificuldade em escrever as respostas nesta própria página, ou não quiser recortar a revista, pode remeter em papel separado, repetindo, entretanto, as perguntas dêste original.
E) Os votos que não vierem acompanhados do respectivo "coupon" serão cancelados.
F) Os votos que não vierem devidamente assinados e com o endereço completo, não serão tomados em consideração.

C O R R E S P O N D Ê N C I A

Tôda correspondência para esta enquête, deve ser endereçada a

*"QUAIS OS MELHORES DE 50?*
*Redação de A CENA*
*Rua Visconde de Maranguape,* 15
*RIO DE JANEIRO."*

E S T R A N G E I R O S :

Filme ........................................

Diretor ........................................

Ator ........................................

Atriz ........................................

Coadjuvante masculino ........................................

Coadjuvante feminino ........................................

Fotógrafo ........................................

Partitura ........................................

N A C I O N A I S :

Filme ........................................

Diretor ........................................

Ator ........................................

Atriz ........................................

Fotógrafo ........................................

Partitura ........................................

C O U P O N

NOME (legível) ........................................

PSEUDÔNIMO (dispensável) ........................................

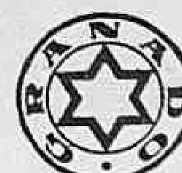
ENDEREÇO ........................................

CIDADE ........................................

ASSINATURA ........................................






Polvilho Antisséptico
GRANADO


# O SUCESSOR DE ARY BARROSO

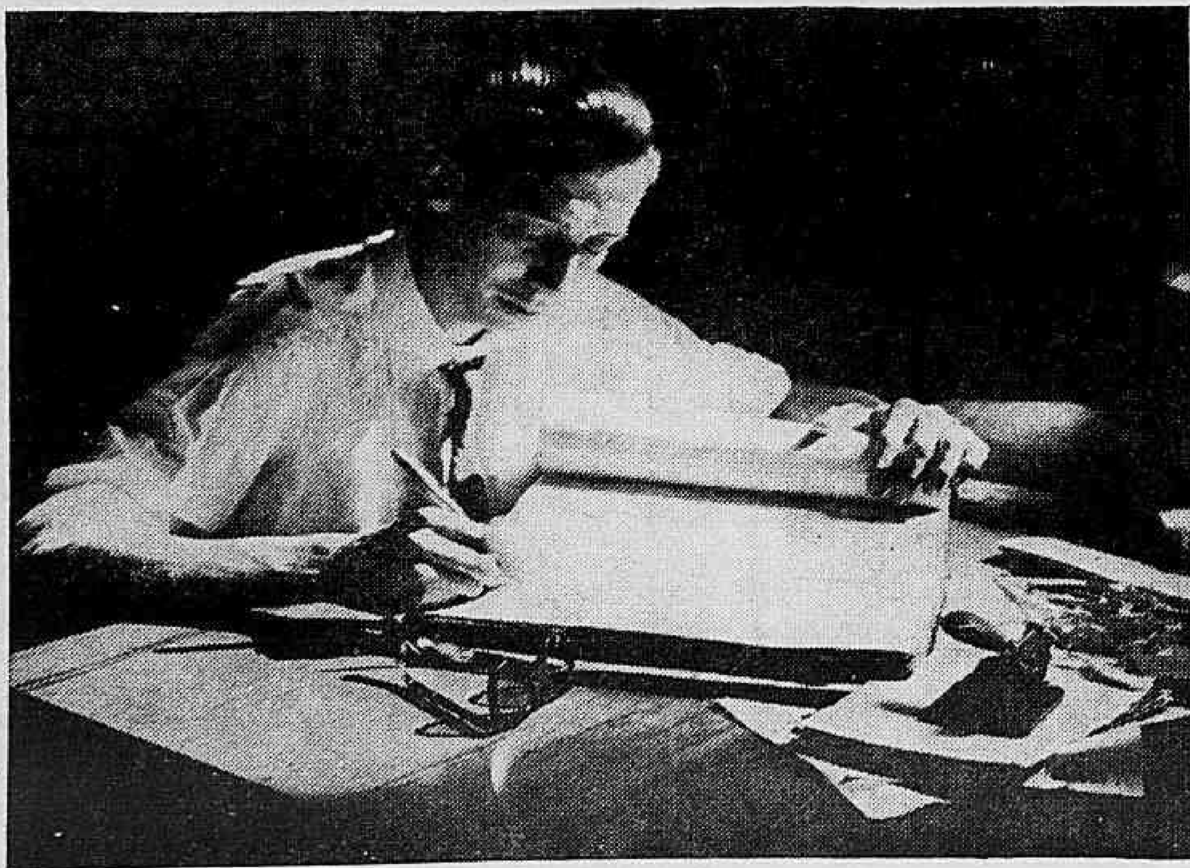
## QUEM É DOMINGOS ARAUJO, O VENCEDOR DO "CONCURSO DE LOCUTÔRES ESPORTIVOS" PROMOVIDO PELA RÁDIO TUPÍ ★ CURIOSA PALESTRA COM A GRANDE REVELAÇÃO DO RÁDIO-ESPORTIVO NACIONAL

**Reportagem de CHARLES GUIMARÃES**

O ESTUDANTE Domingos Araujo julga que não se pode depender exclusivamente do Rádio e por isso não pensa deixar os estudos de medicina...

A evolução do futebol brasileiro, como não podia deixar de acontecer, depois de atingir outros setôres chegou até ao Rádio. Assim sendo, a maioria das emissoras nacionais, que em sua grande parte possuia uma equipe especializada composta no máximo de três elementos, teve necessidade de triplicar o número de colaboradores para atender às mais rudimentares necessidades que tal evolução exigiu. Mas, naturalmente, a carência de bons locutores, veio criar um sério problema para os chamados «chefes de equipes». Entre outras emissôras que desenvolveram inúteis esfôrços no sentido de reforçar a sua equipe com os elementos disponíveis no mercado radiofônico, destacamos a Tupí que obedece ao comando de Ary Barroso, o veterano e destacado locutor esportivo que marcou época na radiofonia nacional. Na impossibilidade de solucionar o grave problema e diante da aproximação do campeonato mundial de futebol, decidiu entã, Ary Barroso, num último recurso, lançar um concurso para locutores esportivos, no qual se alistaram 360 candidatos. Nas provas finais das quais participaram apenas 3 candidatos, a saber: Domingos Araujo, Alberto Figueiredo e Raul Vioty, o primeiro dêles logrou obter a melhor classificação, sendo por isso mesmo imediatamente contratado juntamente com o seu companheiro Alberto Figueiredo, indo Raul Vioty alistar-se na Rádio Nacional, atendendo a um convite de Antônio Cordeiro. Muito cedo, porém, Alberto Figueiredo deixou o microfone famoso a fim de se juntar a equipe especializada de Mário Provenzano, ficando então como o único remanescente o jovem Domingos Araujo que é hoje o mais próximo auxiliar de Ary Barroso. Revelando firmeza, capacidade, e sobretudo interêsse, Domingos Araujo conseguiu em pouco se impôr como um dos bons valores da nova geração de locutores, tendo com raro sucesso transmitido várias partidas do Campeonato Mundial. Por se tratar justamente de uma das maiores revelações no rádio brasileiro é que a nossa reportagem resolveu procurar o jovem locutor para uma entrevista, a fim de poder oferecer para os amigos leitores os episódios mais curiosos da vida dessa grande promessa do éter metropolitano. Fomos encontrá-lo em sua residência na vizinha capital fluminense, onde reside em companhia de sua família. Atendidos gentilmente pelo exclusivo do microfone famoso, e reveladas as nossas pretensões, Domingos Araujo se colocou à nossa inteira disposição para os esclarecimentos que se fizessem necessários. Inicialmente indagamos como êle encarava a sua situação no Rádio, ao que êste nos contestou: — «De uma forma bem diferente dos meus colegas, pois apesar de gostar imensamente da profissão, tenho outros projetos que não dizem respeito ao rádio. Isto trocado em miúdos quer dizer que eu não dependo do Rádio para viver...»

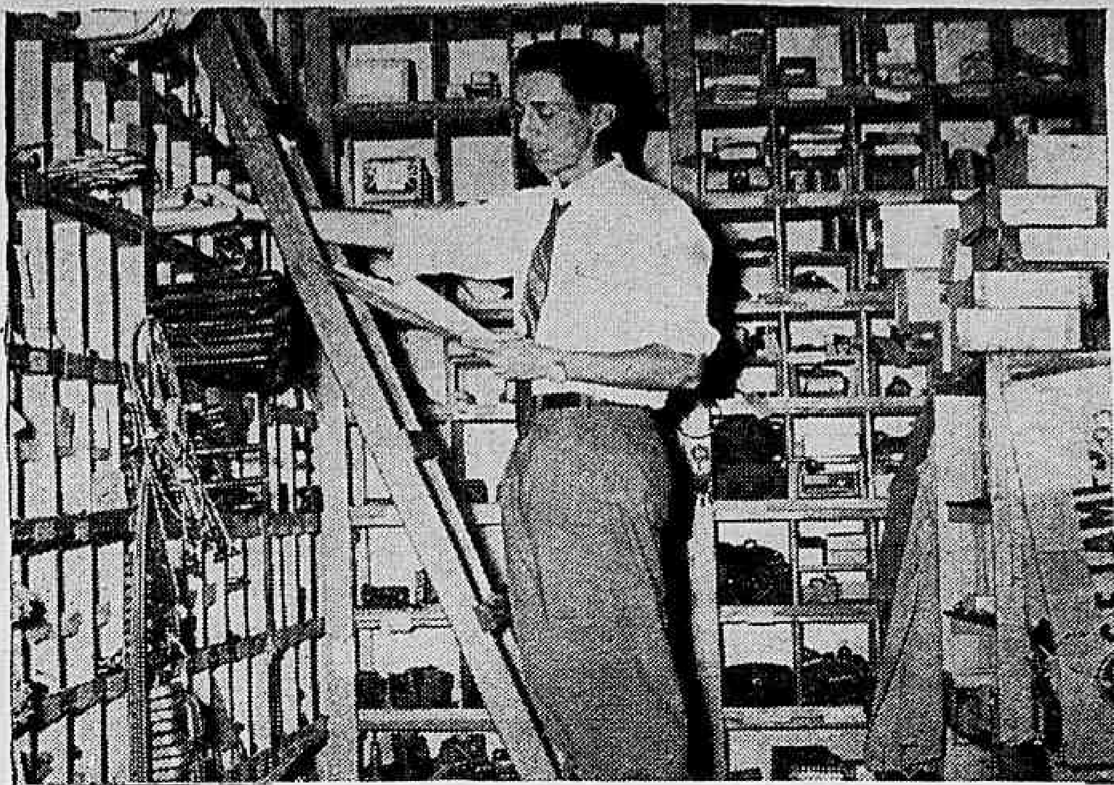
— Naturalmente o que você es-



O SUCESSOR de Ary Barroso. Domingos Araujo, o jovem locutor de 22 anos, prepara-se para substituir o mais famoso locutor esportivo do Brasil



EM SUA residência, o jovem locutor mostra ao repórter Charles Guimarães, a gravação da carreira «Grande Prêmio Brasil» por êle transmitida.



COMO sócio-comercial de uma loja de acessórios de automóveis, Araujo emprega grande parte de tempo, auxiliando os seus irmãos e genitor...

tá dizendo não tem qualquer relação com o término do seu contrato, não é verdade?

— Absolutamente — contestou Domingos. A rigor não tenho desejos, pelo menos no momento, de abandonar a carreira. Todavia, posso garantir que logo após o encerramento do meu compromisso, que ocorrerá agora em 31 de dezembro, tenciono melhorar um pouco o meu contrato. Não tenho intenções de deixar a Tupí, já que dentro dessa emissora, apesar do pouco tempo, fiz muitas amizades e considero muito os meus colegas de departamento, notadamente os chefes. Todavia...

**UMA OUTRA CARREIRA**

Após uma ligeira pausa, prosseguiu o nosso entrevistado: — «Vocês naturalmente não sabem como emprego o restante do tempo, porém eu vou esclarecer. Fora do Rádio, sou negociante e estudante. Aqui mesmo em Niterói, possuo de sociedade com os meus irmãos e meu pai, uma loja de accessórios para automóveis, onde vou tôdas as manhãs, reservando uma parte da tarde aos meus estudos na Faculdade de Medicina. Como vê, apesar de gostar imensamente do Rádio, meus projetos não se limitam a êle, tão sòmente...

— Nesse caso, cremos que você se encontra diante de um terrível dilema, pois chegará o dia em que você terá de se definir: a medicina ou o Rádio,...

— Absolutamente, porque sei que já existem no Rádio, outros elementos nas mesmas condições, como por exemplo, o Paulo Roberto. Tenho um irmão que é engenheiro, outro advogado e eu sigo a carreira da medicina, restando minha irmã, a caçula, decidir qual a carreira que abraçará».

**VASCAINO DE CORAÇÃO — A EQUIPE ESPORTIVA DA TUPI.**

Já estavamos chegando ao final da nossa entrevista e assim decidimos indagar a Domingos, qual o clube da sua predileção, ao que nos respondeu: — «Poucos, naturalmente, sabiam que sou vascaino de coração. Porém, devo esclarecer, que essa minha simpatia desaparece quando pego no microfone. Nas descrições dos jogos sou absolutamente imparcial, limitando-me tão sòmente a relatar o que vejo em realidade, sem a simpatia das camisas. Aliás es-

(Cont. na pág. 30)



FILHO DE FAZENDEIRO, Domingos é um grande amigo das aves e tôdas as manhãs se entrega à árdua tarefa de alimentar a criação.

# Telas da Cidade

**COTAÇÕES:**

1 — FRACO, 2 — REGULAR, 3 — BOM, 4 — MUITO BOM, 5 — ÓTIMO

**«O GAVIÃO DO DESERTO»**
(The Desert Hawk)

Mais um filme de Yvonne de Carlo, passado no oriente. Precisamos esclarecer mais alguma coisa? Cremos que isso basta. Muito papelão pintado, muitos cavalos correndo, muitos cavalos montando êsses cavalos, muita areia artificial, muito tecnicolor, alguns bailados e a mesma história de sempre que não vamos repetir para não encher espaço. O diretor Frederick Cordova. Acompanham Yvonne nessa sua viagem ao oriente, os srs. Richard Greene, Jackie Gleason, George Macready, Rock Hudson e Carl Esmond. Tempo perdido. Mas como estamos em época pré-carnavalesca, vale pelas fantasias que os personagens sugerem... (Produção U-International).

**Cotação artística: 1 — Cotação comercial: 2 1/2.**

**«O GRITO DA CARNE»**
(Assunta Spina)

Filme italiano com Anna Magnani, Eduardo de Filippo e Antônio Centa. Drama passional, cujo argumento gira, em parte, em tôrno do ciúme. O marido dá uma navalhada na espôsa, logo no início, e é condenado a um ano de prisão. Na sua ausência, sua espôsa trava conhecimento com outro homem, casado, por quem se apaixona — sem saber explicar por que. Êsse homem, depois de algum tempo, se aborrece dela e a larga; mas ela não se conforma e insiste, ameaçando de fazer escândalo em sua própria casa. Intima-o, por isso, a vir visitá-la. Êle vai, justamente no dia em que seu marido sái da prisão e volta para casa. Novo ciúme, novo crime. Mas a mulher se condenado em seu lugar. Argumento que, tratado com mais sutileza, e com mais senso psicológico, resultaria num bom drama. Assim como está, não convence. Deficiência do cenário e da direção. Interpretações razoáveis, destacando-se Anna Magnani, ótima, como sempre. Produção Ora-Titanus, distr. Art-Films).

**Cotação artística: 2 — Cotação comercial: 3.**

**»O CAMINHO DO DIABO»**
(Devil's Doorway)

Confessamos que não esperávamos muito dêsse novo filme de Robert Taylor. Ainda tinhamos na lembrança a decepção de «Armadilha». Mas tudo foi diferente e a surprêsa foi ótima. Desde a história, interessante e original, passando pela adaptação, (bem cinematográfica, por sinal) até a interpretação e especialmente a direção de Anthony Mann, tudo estêve perfeito, inclusive alguns chavões do gênero, muito bem disfarçados. Esplendida fotografia de John Alton e boa música de Danielle Anfitheatroff. Taylor está sóbrio, discreto, e nos dá um bom desempenho. Paula Raymound faz uma estréia feliz e promete continuar bonitinha em outras fitas. Os demais do cast, Louis Calher, Marshal Thompson e Edgard Buchanan, corretos. Espetáculo western diferente. Vale a pena. (Produção Metro Goldwyn-Mayer).

**Cotação artística: 3 — Cotação comercial: 3.**

**«DUELO SANGRENTO»**
(The Kid from Texas)

Uma calaminade, essa nova versão da suposta vida do bandoleiro Billy, the Kid, que aos 21 anos de idade já contava no seu cadastro com 21 mortes. Tanto disparate, tanta infantilidade, que nem vale a pena comentar. Em nenhum momento a fita impressiona. Nem sequer convence as crianças. Péssima direção, péssima cenarização, e pior interpretação. E quanto tecnicolor gasto, que pena!... (Produção U-International).

**Cotação artística: 1 — Cotação comercial: 1,1/2.**

# ANTOLOGIA DOS CRONISTAS CARIOCAS

---VI---

# MONIZ VIANA

SEU nome verdadeiro é Antônio Augusto de Moniz Viana. Nasceu na Cidade do Salvador, Bahia, Brasil, a 11 de maio de 1924. Fêz o curso secundário no Colégio Rezende, do Distrito Federal. Médico, formado pela Faculdade Nacional de Medicina, turma de 1948. Exerce a profissão, atualmente, dividindo o seu tempo entre a clinica de neurologia e o trabalho de critico cinematográfico do "Correio da Manhã". Descende de grandes burgueses baianos, da aristocracia dos quatrocentos anos: — em sua familia houve dez barões, condes e duques. Em criança era freqüentador assiduo do cine Nacional, da rua Voluntários da Pátria, em Botafogo, aqui no Rio, onde começou a se cinemaniatar... Na Literatura estrangeira escolhe os prosadores Anatole France, Voltaire, Edgar Allan Pöe, Dostoievsqui, William Faulkner, Ernst Hemingway, Malraux e Galsworthy, e os poetas Baudelaire, Verlaine, Pöe (novamente), Mallarmé e T. S. Elliot.

Fã de teatro, apreciando as tragédias e comédias da Grécia clássica, e mais Shakespeare, Molière, O'Neill, Tennessee Williams, Thornton Wilder, Lillian Hellman e Clifford Odets.

Na literatura brasileira escolhe como prosadores Euclides da Cunha e Machado de Assis, e como poetas Augusto dos Anjos, Carlos "Renegado" Drummond de Andrade, Manuel Bandeira e Augusto (Gordinho Sinistro)' Frederico Schmidt.

Gosta de música, ouvindo com prazer Wagner, Beethoven, Richard Strauss (por favor, faz êle questão de frisar, não confundir com Oscar ou Johann Strauss, péssimos autores), Ravel e Debussy.

Também gosta muito de jazz, especialmente estilos *dixieland* e *Chicago*, destacando Louis Armstrong, Fats Waller, Lionel Hampton e Benny Goodman. Também aprecia música popular brasileira e música popular ianque. Gosta das composições de Ari Barroso.

Considera Carlos de Lacerda um dos maiores jornalistas do Brasil.

Lê inglês, francês, espanhol e italiano. Fala o inglês mais ou menos... E' auto-didata em todos os idiomas citados.

Também aprecia pintura, principalmente as obras de Van Gogh, Gauguin, Renoir, Salvador Dali, Fernand Léger e Vittorio Gobis.

Pratos pereferidos: Feijoada e tôda a cozinha baiana.

Bebe regularmente, sendo as prediletas: uisque (que ganha em disparada para as demais), gin (sòmente antes do almôço), cerveja. Não bebe e detesta cachaça, rum, coca-cola.

Não tem preconceito de raça.

Homens que mais admira na História do Mundo: Darwin, Freud, Pasteur, Trotsqui (daí ser trotsquista), Leonardo Da Vinci, Winston Churchill e Eisenhower.

E' muito nervoso, embora tente aparentar uma calma excessiva.

Coisas que odeia: carnaval, falar ao telefone, esperar ônibus na fila, cortar cabelo.

Diretores de cinema preferidos: William Wyler, John Huston, Marcel Carné, Alfred Hitchcock, John Ford, Carol Reed, Sergei Eisenstein, William Wellman, Jules Dassin, Robert Wise, Joseph Makiewicz e Lewis Milestone.

E' inimigo gratuito dos filmes franceses e italianos, achando os filmes italianos os piores do mundo.




**Organização de SALVYANO CAVALCANTI DE PAIVA**
**Charge de JAIMESON**

Filmoteca preferida: — "O Delator", "Cidadão Kane", "A Longa Viagem de Volta", "Punhos de Campeão", "Cais das Sombras", "Trágico Amanhecer", "Boulevard do Crime", todos os de Chaplin, "Em cada coração um pecado", "O Tesouro de Sierra Madre" (aliás, todo Huston), os melhores de Wyler, "Sem Novidade no Front", "Encouraçado Potenquim", "Um Passeio ao Sol", "Condenado", "Desencanto".

E' de familia tradicionalmente católica, mas se diz ateu, tendo pùblicamente blasfemado em artigos, escrevendo que *Ingrid Bergman era a última encarnação de Maria* e que *hóstia não tem vitamina*; todavia, nos últimos trabalhos tem dado sérios indicios de conversão.

E' casado com a jornalista e acadêmica de Odontologia Amiris Alba Veronese de Guarischi Moniz Viana.

Começou a escrever sôbre cinema em principios de 1946.

Sócio-fundador da Associação Brasileira de Cronistas Cinematográficos e do Circulo de Estudos Cinematográficos.

Cinema brasileiro: só acredita em Lima ("Painel") Barreto, Oswaldo Sampaio e Cavalcânti, seus amigos e, segundo suas próprias palavras, "quadro possuidores de grande inteligência e cultura cinematográfica".

Pretende dirigir algum dia, mas só se fôr em Hollywood, Calif., U.S.A.

Tem 1,74 m. de altura e pesa 60 quilogramos.

Cabelos e olhos castanhos.

Usa óculos permanentemente.

Não pratica esportes. No futebol "torcia" pelo Flamengo...

Acha o rádio brasileiro uma "droga", só ligando o receptor para ouvir resultados das corridas de cavalo.

Passa os domingos no prado do Jóquei Clube, ganhando, às vêzes, uma "acumulada" em 3 ou 4 cavalos do Stud Seabra, de que é fã.

Dorme sempre tarde, e acorda cedo, tendo um "deficit" permanente de sono. Já viajou pela Bahia e São Paulo.

Fuma três maços de cigarro por dia.

Adora o turfe, sendo admirador de Tirolesa (muito antes de ganhar o Grande Prêmio Brasil), Radar, Loretta, My Love e Scaramouche.

Atores preferidos: Paul Muni, Edward G. Robinson, H. Bogart, J. Cagney, Chaplin, R. Montgomery, R. Colman e Gary Cooper.

Atrizes: Bette Davis, Ida Lupino, Ann Sheridan, Betty Field, Susan Hayward, Olivia de Havilland, Eleanor Parker.

Grandes mulheres do cinema em sua opinião: Michèle Morgan, Ava Gardner, Susan Hayward, Arletty (mesmo depois de velha), Ann Sheridan, Marlene Dietrich e Ruth Roman.

Politicamente, é anticomunista. Acha que a Rússia devia ser destruida. Pelos colegas é considerado o antitudo porque gosta sempre de remar contra a maré, de contrariar, por prazer. Principalmente, de provocar confusão, e ficar de fora, espiando...

Reside em Copacabana, no pôsto três.

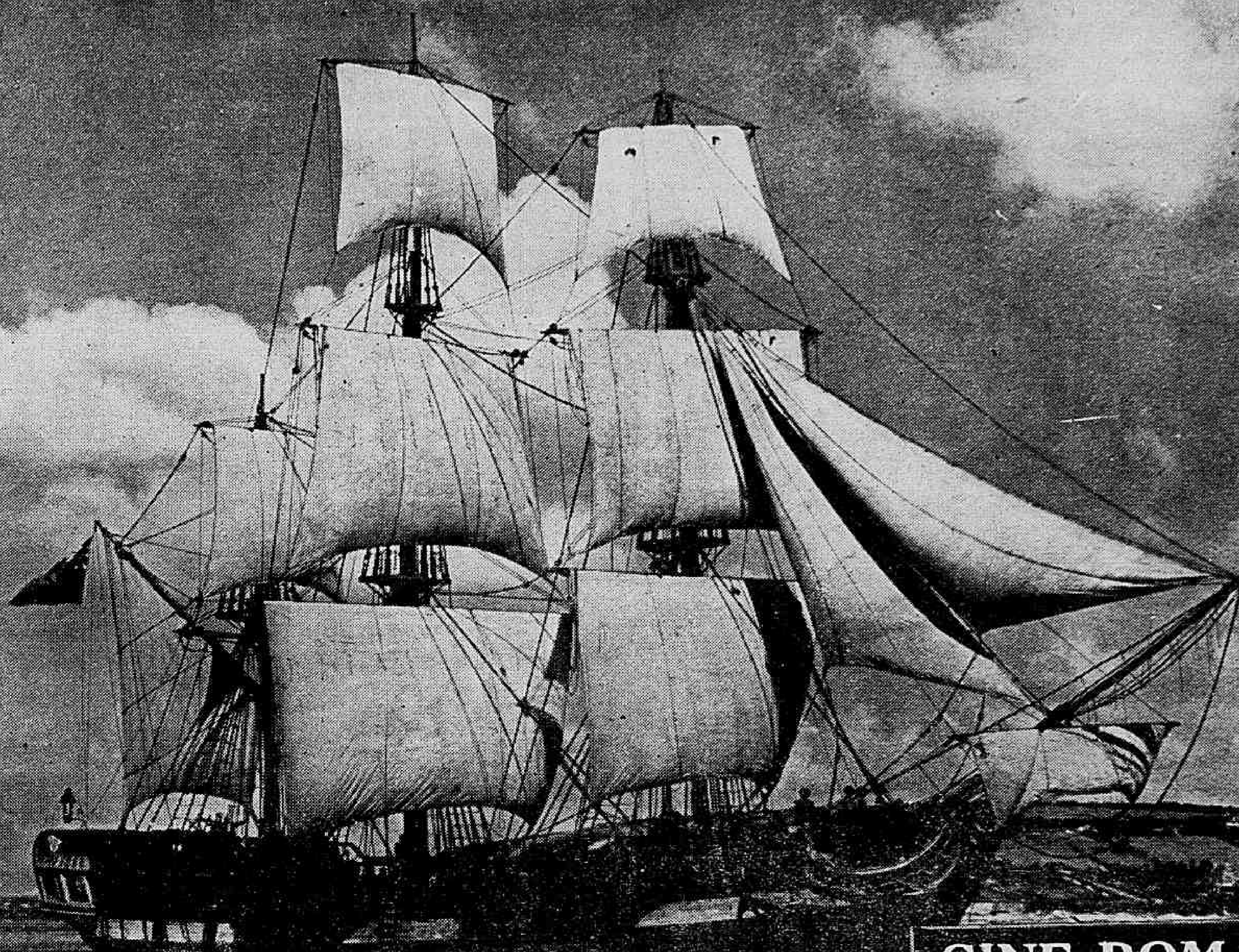
E' a favor da bomba-atômica.

ANTOLOGIA: "RUA SEM NOME"

"The Street with no Name", estruturada sôbre as bases do movimento néo-realista do cinema americano, e assim repousando na medida do possivel em material colhido nos arquivos do Estado, tem muitas das caracteristicas do velho filme de "gangsters", do "G-Man" em particular, ao qual está ligado também por haver sido realizado por William Keighley. Mais do que o recente (e cinematogràficamente superior) "Cry of the City" (Uma Vida Marcada), de Siodmak, que nos narra uma história ficticia, porém, desenrolada num ambiente e num clima de estrita realidade, "The street with no name" concorre para que se estabeleça uma comunicação, um elo, entre o filme de "gangsters" e o documentário ou reportagem cinematográfica. O que caracteriza o movimento citado são dois pontos fundamentais: o fato veridico e o local de filmagem autêntico, não reproduzido nos estúdios. Segundo Henry Hathaway, um dos grandes vultos do cinema néo-realista, o afastamento dos sitios artificiais de Hollywood, para captar a vida "implica em novos "décors", novos atores, novos pontos de vista, assim como em novo ritmo e uma nova maneira de elaborar o cenário, a di-

(*Cont. na pág.* 24)

# A ILHA DO TESOURO




O jovem Jim Hawkins estava de joelhos, atrás do bar, arrumando as garrafas nas prateleiras, quando o estranho entrou. O barulho do seu trabalho e o ruido da ventania abafaram os passos do forasteiro, de modo que foi surpreendido com o bater de um cajado sôbre o bar e com uma ordem imperiosa e rude: "Um copo de rum!"

Jim voltou-se, e, olhando para cima, deparou com a face mais temerosa e maligna que jamais viu. Êle havia servido indivíduos brutos, na taverna de sua mãe, e não era um menino medroso. Mas, diante daquela expressão feroz, acentuada por uma horrivel cicatriz, não pôde evitar uma sensação de pavor.

Levantando-se incontinente, procurando não mostrar o que sentia, Jim encheu o copo de vidro grosso e recolheu a moeda que o temeroso freguês lhe apresentava. O homem tragou a bebida de um golpe e, apertando os olhos, deu uma olhadela à volta da taverna.

— Um lugar quieto... Quem é o dono?

— E' minha mãe, senhor. Ela está na cidade.

O estranho espiou os recantos da taverna.

— Diga-me lá, oh rapaz. Não viu por aqui um homem chamado Capitão William Bones?

Jim não pôde deixar de se mostrar inquieto com a menção do nome, e o estranho percebeu-o. Com um sorriso de satisfação, o homem acrescentou: — Não importa, rapaz. Dê-me outra bebida, que vou embora.

Foi então que Jim compreendeu o sorriso do homem. Êle tinha visto, debaixo da escada, a mala com as iniciais W.B., bem visiveis. O forasteiro riu, bebeu, e saiu, batendo com a porta.

Imediatamente, no alto da escada apareceu a figura ponderosa do Capitão Bones. Debilitado pela doença que o minava, com a face contorcida pela apreensão, o Capitão desceu as escadas com passos trêmulos e incertos.

— Jim — disse êle com a voz alterada, reduzida a um murmúrio — êsse homem — era um perneta?

— Não, senhor. Mas, tinha uma cicatriz horrivel... aqui!

Jim indicou o lugar da cicatriz.

— Black Dog! — murmurou o Capitão, com um tremor. Então, o homem da perna de pau não deve estar longe!

E, antes que Jim pudesse fazer algo, o Ca-



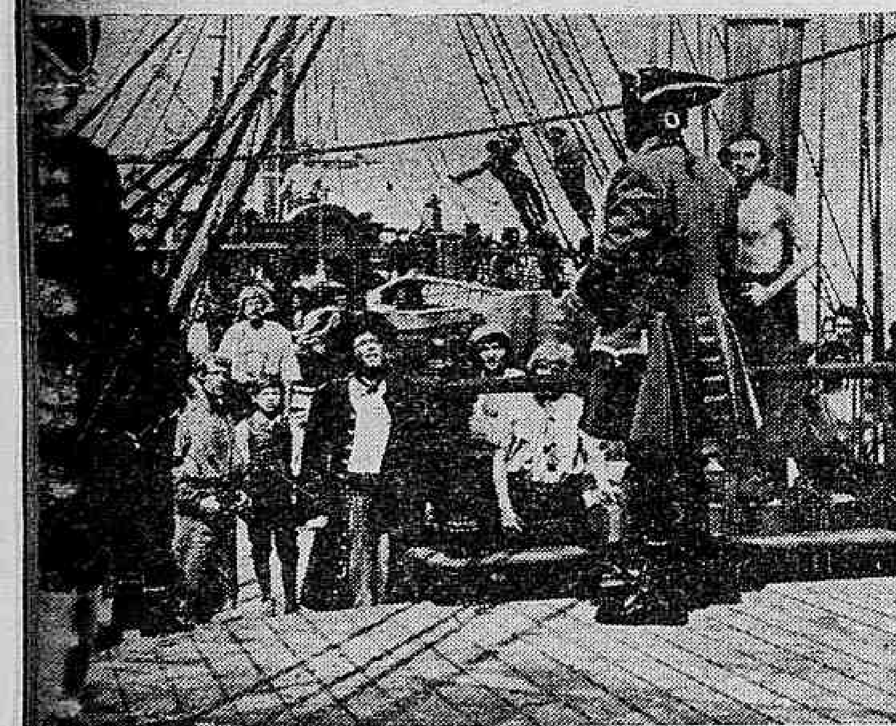














pitão avançou para o bar e se apoderou da garrafa de rum. Jim tentou desesperadamente arrancar-lhe a bebida.

— Não beba, Capitão! O doutor Livesey disse que a bebida o mataria! Por favor! Senão, terei que ir chamar o doutor e o senhor Trelawney.

O doente largou o gargalo da garrafa apenas o bastante para dizer: — Tenho que recobrar minhas fôrças, Jim. Tenho que ir embora!

Tomado de mêdo, Jim correu para a porta. Ao abri-la, esbarrou com alguém que estava para entrar — um vulto meio perdido na névoa, envôlto por uma longa capa negra. Jim percebeu a venda nos olhos do homem, ao mesmo tempo que se sentiu agarrado pelo pulso, duramente.

— Leve-me ao Capitão Billy Bones, — sibilou o cego — ou eu lhe parto o braço.

Reprimindo um gemido de dor e de mêdo, Jim sentiu-se empurrado para dentro da taverna, até junto da mesa onde Bones estava.

— Mas é Pew! — exclamou o Capitão, com os olhos embaciados pela bebida.

— Sim, Pew, como sempre — retorquiu o cego. — Com uma mensagem dos seus antigos camaradas, Capitão Bones!

E, com uma risada maligna, depois de tatear o braço do Capitão, meteu-lhe na mão trêmula um pedaço de papel. Jim sentiu um empurrão, e um momento depois o cego tinha desaparecido no nevoeiro.

O Capitão Bones estava olhando fixamente para o papel, que só tinha uma marca redonda, no centro.

— A marca negra! — murmurou o Capitão. E' a minha sentença de morte, Jim, e êles virão aqui à noite. Mas, não hão de conseguir o que querem! Ajude-me, Jim, e ainda hei de levar a melhor com aquêle perneta!

Com um tremendo esfôrço, o Capitão se ergueu, dirigindo-se, com passos cambaleantes, para a arca que estava sob a escada. E, enquanto Jim olhava assombrado, o Capitão abriu a mala, dela retirando um envelope amarelo, que estava escondido num canto. O esfôrço tinha sido superior às fôrças do combalido Capitão, que caiu pesadamente no chão.

— Tome isso, Jim — disse êle. — Tome isso, e vá buscar socorro. Se êles vierem durante a sua ausência, pelo menos não hão de achar isso comigo! — e meteu o envelope dentro da camisa do menino.

Jim, embora trêmulo de mêdo, saiu a correr. Achou o dr. Divesey em companhia do sr. Trelawney e outros amigos, e contou-lhe, entrecortadamente, a história. Os dois homens entraram em ação imediatamente.

— Williams! Redruth! Tragam o côche! Fachos... armas!

Jim nunca mais se esqueceria daquela corrida inútil, ao escurecer, para a taverna. Era como um pesadelo... os piratas fugindo no nevoeiro, o Capitão Bones estirado no solo.

— Está morto — declarou logo o dr. Livesey. — Mas, não foi morto por êles. Morreu com o choque, ou com a bebida. Não posso imaginar o que os atacantes queriam com êle.

— Eu sei, dr. Livesey — declarou Jim. — Agora, que êle morreu, posso dizer — e mostrou o envelope que tinha sob a camisa.

À luz amarela da lâmpada de óleo, abriram o envelope e estiraram sôbre a mesa a larga fôlha de pergaminho que êle continha. Foi o sr. de Trelawney que falou primeiro.

— Por Deus! E' o mapa do tesouro do pirata Flint! E' sabido que êle pilhou muitos navios, mas ninguém sabe onde êle escondeu o fruto das pilhagens — o sr. de Trelawney deu-lhe uma palmada nas costas. — Vamos procurar o tesouro jovem Hawkins, e você terá a parte que lhe cabe!

O que aconteceu a seguir foi para Jim mais um sonho do que outra coisa. Foi o período dos planos para a aventura. Com relutância, a mãe de Jim deu permissão para que êle tomasse parte na excursão de busca do tesouro. O sr. de Trelawney foi a Bristol para preparar um navio, enquanto o dr. Livesey procurava um substituto para sua clínica. Jim, afinal, foi com o doutor para Bristol, onde Trelawney os esperava. A caminho, Jim indagou do doutor:

— Não seremos perseguidos pelos homens que foram à taverna procurar o Capitão Bones? Dizem que eram do grupo original do pirata Flint.

E L E N C O :

| | |
|---|---|
| Jim Hawkins ....... | **Bobby Driscoll** |
| Long John Silver ... | **Roberto Newton** |
| Capitão Smollett ... | **Basil Sydney** |
| Sr. Trelawney ..... | **Walter Fitzgerald** |
| Dr. Livesey ....... | **Denis O'Dea** |
| George Merry ..... | **Ralph Truman** |
| Capitão Bones ...... | **Finlay Currie** |
| Pew .................. | **John Laurie** |
| Black Dog ......... | **Frances de Wolf** |
| Ben Gunn .......... | **Geofrey Wilkinson** |
| Israel Hands ...... | **Geoffrey Keen** |
| Tom Morgan ...... | **William Devlin** |
| Haggott ........... | **Harry Locke** |
| Scully ............ | **Harold Jamieson** |
| Arrow ............. | **David Davies** |
| Gray .............. | **Andrew Blackett** |
| Hunter ........... | **Paddy Brannigan** |
| Joyce ............ | **Ken Buckle** |

Produção de Walt Disney

Produtor de Walt Disney, Perce Pearce — Direção de Byron Haskin — Versão cinematográfica de L.E. Watkin — Da novela original de Robert Louis Stevenson — Filme da R.K.O.

— Só o que temo, — observou o dr. Livesey — é o próprio sr. de Trelawney, que não sabe calar-se.

O sr. de Trelawney estava no cais, vestido com um esplendor que faria um almirante do Rei envergonhar-se e com a carta de fretamento do navio "Hispaniola" no bôlso. E, gritou aos recém-vindos:

— Já viram um barco mais imponente do que êsse? Nêle poderemos carregar todo o ouro dos piratas que nós encontrarmos!

— Shhhh! — fêz o dr. Livesey, impaciente. — Não fale disso em público!

Jim entreviu um homem mal encarado que saiu correndo, depois de ouvir a indiscrição do sr. de Trelawney — um homem muito parecido com um dos piratas que tinham fugido da taverna, na noite em que o Capitão Bones morreu. Mas, o Senhor de Trelawney continuou a falar, com o seu eterno ar pomposo, e o menino não deu mais atenção ao caso.

— Quando embarcamos, Senhor? — indagou Jim, ansiosamente.

— Depende do Capitão Smollett — resmungou o Senhor de Trelawney. — Há cinco dias que está arranjando uma tripulação, e só conseguiu seis homens! Como ameacei fazer algo, êle declarou que encontrasse um cozinheiro. Foi o que fiz — e na sua própria taverna! O cozinheiro se chama Long John Silver. Bastaram-me, como suas credenciais, os ovos e o presunto que êle me preparou. Venham, e julguem!

Na Taverna Spyglass, Jim ficou surprêso com os tipos estranhos que se achavam sentados às mesas — homens com tranças nos cabelos e brincos nos ouvidos. Mas, uma face bem humorada apareceu por cima da porta da cozinha.

— Tomem uma boa mesa, senhores!

— Aquêle é o Long John Silver — murmurou o Senhor de Trelawney.

Alguns momentos depois, a porta da cozinha abriu-se, e Long John Silver apareceu, carregado de pratos fumegantes. Jim percebeu, com horror, a perna de pau. Era o perneta o homem que o Capitão Bones mais receava!

— Tudo saído da panela! — exclamou o cozinheiro, com ar satisfeito. — O senhor deve ser o dr. Livesey, e o menino aqui deve ser o jovem Hawkins! Falaram-me tanto dos senhores que me parece conhecê-los há muito!

Com essas palavras, Long John Silver pousou a pesada mão no ombro de Jim, o qual não pôde reprimir um movimento de mal-estar. Long John percebeu, e por um instante seus olhos fuzilaram. Mas, disfarçou a raiva com o seu afetado bom-humor, falando da viagem com o Senhor de Trelawney.

— Procurando uma tripulação de confiança, eh? Pois eu já fui ao mar, com o Almirante Hawkes, e aqui na cidade há muitos marinheiros que estiveram comigo a bordo, no mesmo navio do Almirante. Não são tipos de belo

aspecto, mas são homens que têm cicatrizes no serviço da Inglaterra, e...

— Ao diabo, as aparências! — bradou o Senhor de Trelawney. — Arranje-me êsses marinheiros, Silver!

Jim ergueu-se, trêmulo, mas decidido.

— Se conhece os marinheiros tão bem, talvez conheça também o Capitão Bones! — exclamou êle, dirigindo-se a Long John. Êste, por um instante, olhou sinistramente para o menino. Mas, logo se mostrou o mesmo bonachão de costume.

— Jim é como eu era, na mesma idade — disse Long John, dirigindo-se ao Senhor de Trelawney. — Se me permite, eu o levo comigo, para ajudar-me a reunir a tripulação.

Antes que Jim pudesse replicar, o Senhor de Trelawney deu o seu consentimento, pomposamente, achando a idéia excelente. Nas horas que se seguiram, Long John mostrou-se tão amável e tão agradável que Jim perdeu os seus temores. Talvez fôsse outro perneta, o que o Capitão Bones receava. Finalmente, o menino fêz-se até amigo do papagaio do perneta, e não achou sequer estranho o nome que Silver lhe dera — o de Capitão Flint...

Mais tarde, ao sair da cozinha, Jim deu um grito, reconhecendo a face temerosa de Blag Dog, o qual saiu a correr. Jim saiu atrás dêle, gritando, e um dos homens de Long John o deteve. Mas, Long John veio logo após, exclamando: — Não é o rapaz que devem prender! E' o outro, que fugiu!

A perseguição pareceu a Jim algo fingida, e suas suspeitas retornaram mais uma vez. Mas, Long John o levou à cozinha, e mostrou-lhe uma pequena pistola, que tinha gravado o nome do Almirante Hawkes.

— Sabe atirar, meu rapaz? — perguntou. E, como Jim movesse com a cabeça afirmativamente, acrescentou: — Pois então guarde esta pistola e não a mostre a ninguém. Se Black Dog aparecer, está agora preparado!

Assim, embarcaram no "Hispaniola", naquela mesma noite, com uma tripulação de matamouros, arranjados por Long John. O Capitão Smollett deu ordens ao Imediato Arrow para escalar os homens, e chamou o Senhor de Trelawney, o dr. Livesey e Jim à sua cabine.

— Não gosto de viagens secretas — disse êle, mal disfarçando a sua cólera — especialmente quando se trata de um segrêdo que tôda a gente sabe na cidade, senhor. E não gosto da tripulação. Sòmente peço duas coisas: que ninguém saiba, nem mesmo eu e o Imediato, do local onde o senhor guarda o mapa do tesouro, e que tôdas as armas sejam recolhidas e guardadas.

Era tão convincente o tom das palavras do Capitão que, desta vez, até o Senhor de Trelawney, com sua eterna pomposidade, não disse nada. E Jim teve o pressentimento de que haveria dias sombrios, naquela expedição.

Nos primeiros dias de viagem tiveram bom tempo e não depararam com nenhuma dificuldade, exceto pelo fato de que acharam uma pistola com um marinheiro chamado George Merry. Naquele dia, mais tarde, Jim ouviu o marinheiro maldizer o Imediato e declarar que tinha um punhal escondido. E Jim viu também Long John aparecer sùbitamente, tomar o punhal de Merry e atirá-lo ao mar.

— E' tempo — disse êle — que você saiba quem dá ordens aqui, Merry.

— Se assim fôsse, o Imediato não estaria agora se metendo com a nossa vida!

Silver agarrou Merry pela garganta, dizendo-lhe: — Não toque em Arrow, ou terá que avir-se comigo! Eu mesmo desejo cuidar do Imediato.

Naquela noite, Jim não pôde conciliar o sono. Seus terrores haviam voltado. As palavras de Silver e de Merry indicavam que haveria atos de violência a bordo. Finalmente, quando dormiu, já muito tarde, foi para sonhar com dois Silver — um bom e gentil, outro que tramava a destruição do barco.

No dia seguinte, o "Hispaniola" foi prêsa de fortes ventos. E só os mais experimentados marinheiros ousaram ir ao tombadilho. Silver declarou que queria fazer um pudim de ameixas, mas que não tinha rum. E pediu a Jim que conseguisse a bebida com o Senhor de Trelawney, ao que o menino acedeu. Mas, Jim notou que Silver usou pouco rum no pudim, e depois deixou a garrafa na mesa, junto do Imediato, dizendo-lhe que poderia dispor do resto. E, com isso, fêz com que Jim saísse do local.

Uma hora mais tarde, o Imediato, completamente embriagado, subiu ao tombadilho, e foi arrastado pelas ondas que varriam a amurada do navio, perdendo-se no mar. E Jim se recordou das palavras de Long John: — Eu mesmo desejo me encarregar do Imediato.

Na manhã seguinte, Jim desceu ao porão do navio novamente, para buscar maçãs. Estava dentro do compartimento, quando ouviu as vozes furtivas de Merry e de outro marinheiro, Scully.

— Que estamos esperando? — sibilou Merry. — Sòmente Gray, Joyce e Hunter estão do lado do Capitão. Damos cabo dêles e tomamos conta do navio.!

Jim ouviu a voz de Silver: — Nada de mortes, enquanto eu não der ordens! — ao que Scully retrucou, com voz de pouco caso: — Agora, Long John está mole! Não quer derramamento de sangue!

— Vocês são idiotas! — exclamou Long John. — Quem deu sumiço ao Imediato, sem que ninguém suspeitasse, mesmo o menino? Quem vai conseguir as armas, do mesmo jeito? Esperem até que o Capitão Smollett leve o navio ao seu destino, e hão de ver que não sou nenhum moleirão. Se lhes custa esperar, distraiam-se, comendo maçãs!

E Long Silver dirigiu-se para o compartimento das maçãs, com um punhal na mão... Num instante, Jim seria descoberto pelo pirata. E estava na iminência de gritar, quando gritaram, do convés: "Terra à vista!". Silver retrocedeu, afastando-se com os outros.

Jim contou o que ouvira, tremendo de mêdo. Depois de um momento de silêncio, Smollett disse: — Somos nove contra vinte... Jim, você tem que se fingir amigo de Silver, para saber quais são os planos dêle e nos avisar.

Jim sentiu-se mal com a sugestão, mas concordou valentemente. A revolta não tardou muito, e surgiu sùbitamente, provocada pela impaciência e pelo despeito de Merry. Jim e Silver haviam ido num bote, com alguns homens, para encontrar uma ancoragem para o navio, quando ouviram um tumulto a bordo — gritos e tiros. Viram que os piratas haviam atacado, mas foram num instante repelidos pelos homens do Capitão Smollett, e encurralados.

— Aquêle cabeça-dura, o Merry! — exclamou Long John. — Largem as cordas e remem para a praia!

Mas, da amurada do "Hispaniola", o Capitão Smollett apontou um mosquete.

— Não fará tal, Silver! Volte com o bote e entregue-se!

Silver, num abrir e fechar d'olhos, agarrou Jim e ergueu o punhal.

— Atire, e corto o pescoço de Jim!... Mandem-nos o mapa de Flint, dentro de uma hora, se não querem que Jim seja morto! — ao mesmo tempo, Silver disse baixinho a Jim: — Não quero realmente fazer-lhe mal, rapaz!

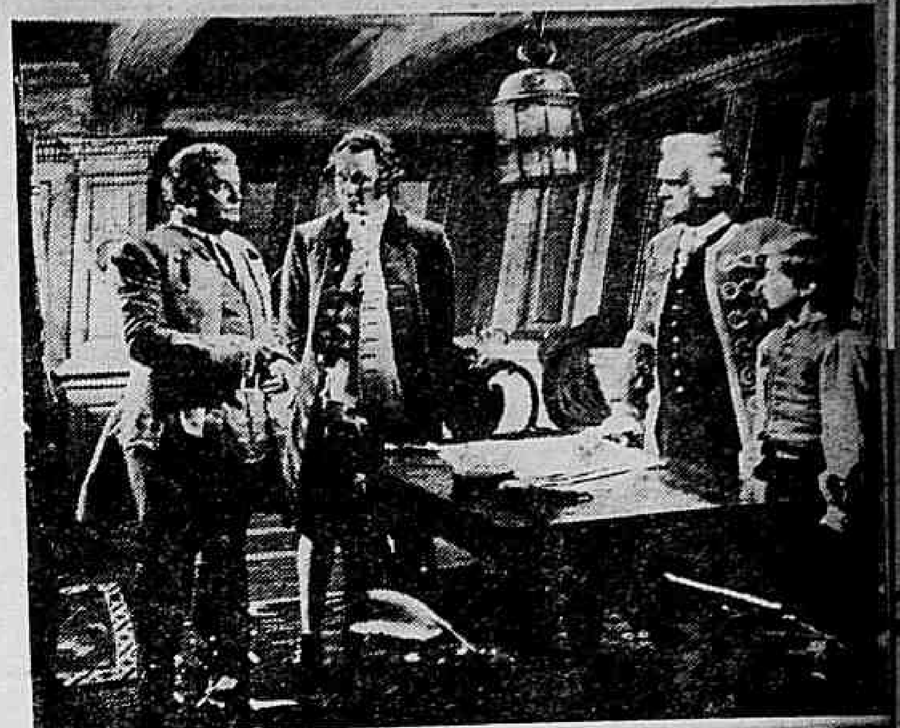
— Mentiroso! — disse Jim, com desgôsto. E, quando o bote estava a chegar na praia, desvencilhou-se de repente, saltou na água rasa e escondeu-se na mataria. Durante uma hora, Jim ficou escondido, num tronco apodrecido, até que os piratas desistiram de encontrá-lo. Ao sair do seu esconderijo, deparou com uma criatura estranha — um homem velho e magro, com uma enorme cabeleira, olhos de louco, apenas coberto com uns trapos.

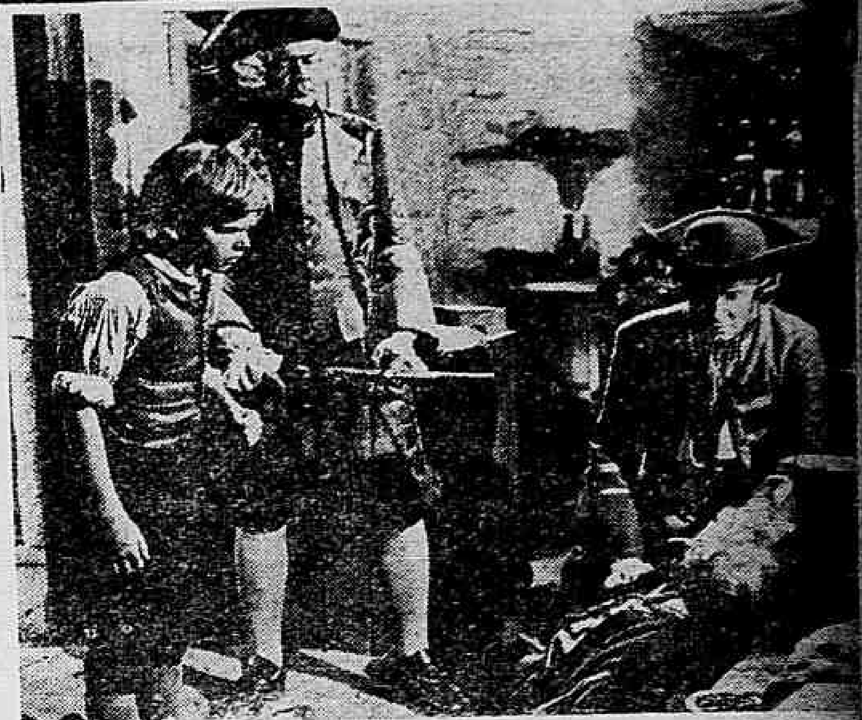
— Não me fará mal, não é? — implorou o velhote. — Eu sou Ben Gunn, e estou há cinco anos isolado nesta ilha. Fui abandonado aqui por inimigo, um homem que tem uma perna de pau...

— Long John Silver!? Êle está aqui, atrás de mim também! Se me ajudar a voltar ao navio, o Capitão Smollett tratará do senhor.

Saltitando como um macaco, o velho, meio louco pela longa solidão, conduziu Jim a uma caverna, na praia, onde êle havia guardado um bote rústico, feito por êle mesmo, com peles de cabra. Mas, novamente a situação mudou. Antes de poder regressar a bordo, Jim viu que seus amigos haviam tomado um barco, e dirigiam-se para a ilha, em busca dêle. Nesse instante, os amotinados conseguiram se libertar, e tomaram posse do "Hispaniola". Baixaram a bandeira inglêsa e levantaram a bandeira negra dos pi-

(*Cont. na pág.* 31)









# "SOB O MANTO DA NOITE"

## (THE GREAT JEWEL ROBBER)

película da W arner Bros.







Dennis (David Brian) ladrão de jóias e peles, morava numa cidade do Canadá, e, sem suspeitar que o pai de sua pequena o denunciára à polícia, e, que a mesma, o aguardava, ao entrar no quarto da jovem é prêso e levado para a penitenciária do Estado a fim de cumprir pena.

Depois de algum tempo de prisão, Dennis (David Brian) estranha a falta de cartas da garota a quem havia prometido casamento, pede aos guardas que o levem à presença do diretor da penitenciária, pois deseja saber o motivo daquele silêncio, por parte da jovem a quem ama.

Após haver recebido maus tratos do diretor da prisão, David Brian foge, indo procurar a sua amada em seu quarto, e pedir-lhe auxílio, pois êles fugiram àquela noite para se casar nos Estados Unidos. Ela fornece-lhe algum dinheiro e as poucas jóias de que é possuidora, inclusive um anel que pertencera à sua mãe, já falecida.







Em vez de fazer o que havia prometido, David Brian, de posse do dinheiro e das jóias, entra em contáto com uma criatura inescrupulosa, que por sua vez tem um amigo, e os três ladrões depois de atravessar a fronteira, realizam um roubo. Sendo David Brian, o único culpado, pois os seus dois amigos o deixam sòzinho no local do crime, fugindo. Quando David no hotel faz as malas para se ir embora, surgem os dois covardes e ameaçando-o com um revólver, pedem-lhe os valores que havia furtado.

David Brian, nega-se a entregar as jóias adquiridas no assalto e é, ferido sèriamente pelo cúmplice, que desaparece do local, levando consigo tôdas as jóias. Depois de uma longa permanência num hospital, David se apaixona por Martha (Marjorie Reynolds) a enfermeira que o tratara e a pede em casamento. Casam-se e David promete-lhe nunca mais roubar...

Mas vendo-se com pouco dinheiro, e depois de haver obtido uma informação sôbre as valiosas jóias, que uma ex-paciente de sua espôsa possui, resolve fazer-lhe uma visita, no que é surpreendido e, ao fugir é ferido pela polícia.

## E L E N C O :

| | | | |
|---|---|---|---|
| DAVID BRIAN | Dennis | Robert B. Williams | Capt. Ryan |
| MARJORIE REYNOLDS | Martha | Warren Douglas | Altman |
| JOHN ARCHER | Sampter | John Morgan | Rogers |
| Jacqueline DeWitt | Sra. Vinson | Bigelow Sayre | Benson |
| Alice Talton | Brenda | Prefeito de New Rochelle | Stanley Church |
| Perdita Chandler | Peggy | e muitos outros. | |

Produzida por: BRYAN FOY — Dirigida por: PETER GODFREY



O departamento de investigações ciente de que David Brian está ferido, procede uma busca em todos os hospitais, casas de saúde da cidade, sem encontrá-lo. David Brian, pede à sua dedicada espôsa que retire do seu ombro aquela bala. Martha consegue depois de uns momentos angustiosos para ambos, extrair o projetil. Em poucos dias David Brian está restabelecido.



Indo à New York para vender as jóias roubadas e, agora completamente modificadas por êle próprio, David Brian, encontra-se com uma jovem que é secretária particular de um dos proprietários de uma das mais famosas casas de peles por atacado. Quando ia propor-lhe uma transação «comercial», sua espôsa o chama por telefone. Não obtendo resposta, depois de três dias de espera, Martha (Marjorie Reynolds) vai a seu encontro, sendo enviada de volta por êle, que promete regressar em dois dias.



Verificando que David Brian continuava roubando, e temendo pelo seu futuro, Martha (Marjorie Reynolds), depois de uma longa conversa com o promotor público, denuncia o espôso.



Quando David Brian procura aproximar-se novamente da jovem secretária, vem a saber que a polícia estava ao seu encalço e desconfiando de sua espôsa, regressa à sua residência. Depois de uma troca de palavras e de maltratá-la, foge, quando a mesma grita por socorro e a polícia o persegue.



Ainda não é desta feita que David Brian, o célebre ladrão de jóias é aprisionado. Viajando para a California, encontra-se no trem com uma rica viúva e, em poucos minutos já são ótimos amigos. Adquirindo a confiança da jovem e bela viúva, David Brian, organiza um assalto à sua casa e rouba uma grande coleção de ricas pedras.



Mas como os seus dias estavam contados, depois de muitas correrias e atrapalhadas David Brian, é finalmente prêso, levado perante o tribunal que o condena e o envia para Sing-Sing. E assim termina outro capítulo da vida de um ladrão de casaca.

# DESMORONA-SE UM CASAMENTO

UMA SEPARAÇÃO APÓS SETE MESES DE CASADOS ★ ELIZABETH TAYLOR E CONRAD NICHOLSON HILTON, RESOLVEM TRILHAR CAMINHOS DIFERENTES ★ UM CONHECIMENTO CASUAL QUE OS LEVOU AO ALTAR ★ DE UMA BRIGUINHA QUALQUER À SEPARAÇÃO

de ANTÔNIO ROCHA

Antes das núpcias os dois jovens eram assim. Entrando no casamento com a mente colocada num excesso de romantismo e sentimentalismo, quase sempre os matrimônios entre jovens fracassam em Hollywood.



— Êle é tudo o que jamais pediria para a minha filha — declarou à imprensa norte-americana Mr. Taylor, pai da conhecida artista de cinema Elizabeth Taylor, quando falava sôbre Nick Hilton, pretendente à mão de Lizzie. — Assim, quando êle a pediu em casamento, não pude dizer não.

Será que Mr. Taylor ainda pensa da mesma maneira? Sim, pois uma das notícias que maior publicidade vem merecendo nos Estados Unidos ùltimamente foi a da separação de Elizabeth Taylor e Nick Hilton.

ÊLE APROVOU

Após Lizzie dar o seu "sim" à Nick Hilton, embora já houvesse faltado à sua palavra uma vez antes, quando acabou o seu noivado com Bill Pawley, êle procurou encontrar-se com Mr. Taylor.

— Como se sente a respeito da carreira de Elizabeth? — indagou-lhe severamente paternal Mr. Taylor, nessa ocasião.

Encabulado, como todo jovem diante do pai de sua futura espôsa, especialmente em seu caso (era essa a sua primeira aventura matrimonial), respondeu:

— Não gostaria que ela desistisse.

Bill Pawley lhe havia pedido para abandonar o cinema, pois morava na Flórida. Após pensar um pouco Lizzie dissera "não".

Esta resposta permitiu a Mr. Taylor um suspiro de alívio.

— Acho que seja o meu dever lhe dizer: ela não sabe cozinhar.

— Nem eu... — retrucou Nick.

— Nem tomar conta de uma casa...

— No hotel tudo o que ela tem a fazer é apanhar o telefone e chamar um garção — novamente respondeu à altura Nick Hilton.

Depois dêsse curto diálogo, Mr. Francis Taylor viu-se encarregado de distribuir quatrocentos convites e arranjar um lugar para a festa, enquanto os noivos tomavam um avião e seguiam para Nova York, a fim de ver as peças da Broadway e planejar a viagem de lua-de-mel à Europa.

HORS D'OEUVRES FRIOS

Foram iniciados os preparativos e a Mr. Taylor tocou procurar um hotel onde pudesse oferecer uma festa e pregar 400 selos.

Antes procurou o gerente do Beverly Hills Hotel, onde já se havia decidido a fazer a recepção e foi informado de que, infelizmente, o hotel fôra alugado meses atrás para uma recepção no mesmo dia em que pretendia dar a de Elizabeth.

Em conseqüência, dirigiu-se imediatamente ao Bel-Air Country Club, onde foi melhor sucedido, pois conseguiu alugá-lo para oferecer a recepção de sua filha.

— O senhor deseja que se sirva hors d'oeuvres? — perguntou o gerente francês.

— Naturalmente — respondeu Mr. Taylor.

— Frios ou quentes?

— Faz alguma diferença?

— Hors d'oeuvres quentes custam mais caro.

— Então, hors d'oeuvres frios.

O gerente virou o nariz e respirou bom gôsto.

— Salmão frio? Numa recepção de casamento?

— Pois bem — respondeu Mr. Taylor, já perdendo a paciência. — Quentes. Tudo quente.

— Talvez seja melhor que esperemos — sugeriu o gerente, sùbitamente pensando numa hipótese ainda não considerada, mas que a sua experiência, êsse "anjo da guarda" de tôda gente, não importando qual seja o "metier", falou ao seu ouvido: — Até que a senhora volte... a mãe da noiva. Porquê não importam quais sejam os arranjos feitos pelo pai, há sempre modificações a fazer quando a espôsa chega.

— *Eu disse quentes* — externou ameaçadoramente Mr. Francis Taylor. — Não quero peixe frio no casamento de minha filha.

Àquela noite Elizabeth fêz um chamado telefônico interurbano de Nova York.

— Estamos divertindo-nos tanto... estou tão alegre — disse com sua vozinha agradável ao pai.

— Você gostaria de salmão frio ou trutas quentes? — perguntou o "velho", preocupado com as preparações do casamento e com o dinheiro que lhe saía ràpidamente do bôlso.

— O quê? — inquiriu Elizabeth, sem entender direito do que se tratava.

— Não importa, querida — respondeu Mr. Taylor. — Já escolhi.



Mr. Francis Taylor ficou em casa, enquanto a snra. Taylor, Nick e Lizzie saiam para fazer compras — juntamente com o «pai do noivo», Mr. Conrad Hilton, Sr. Ei-los em Nova York.

OS NUBENTES

Elizabeth Taylor, todos sabem, é uma jovem inglêzinha de dezenove anos (segundo diz a publicidade), cujos pais se transferiram para os Estados Unidos alguns anos atrás, quando o perigo da guerra iminente com a Alemanha nazista os fêz pensar nos seus filhos e, por isso, arrumar as malas, tomar um navio e vir para a América.

Mr. Francis Taylor vendeu o que possuia na Inglaterra e veio para os Estados Unidos, estabelecendo-se na Califórnia em virtude de seu bom clima. Com o dinheiro adquirido com as vendas efetuadas no Velho-Mundo, abriu uma casa de antiguidades em Beverly Hills.

Enviou os seus filhos para a escola e tudo ia muito bem até que a sua caçula, chamada Elizabeth, resolveu trabalhar no cinema. Como necessitavam de uma pequena para interpretar um dos principais papéis do filme "Lassie", a sra. Taylor, fazendo a vontade da filha, levou-a aos estúdios da Metro a fim de fazer um teste. Tendo esta prova sido satisfatória, Lizzie teve o seu nome incluido na fôlha de pagamento da Metro-Goldwyn-Mayer e, dentro de pouco tempo, viu-se possuidora do coração público por sua graça e sua beleza juvenil, aceitando os dois fatos naturalmente.

Quando um renomado fotógrafo tirou um seu retrato quando ela tinha dezesseis anos, comentou:

— Miss Taylor, a senhora é a mulher mais bonita que jamais fotografei.

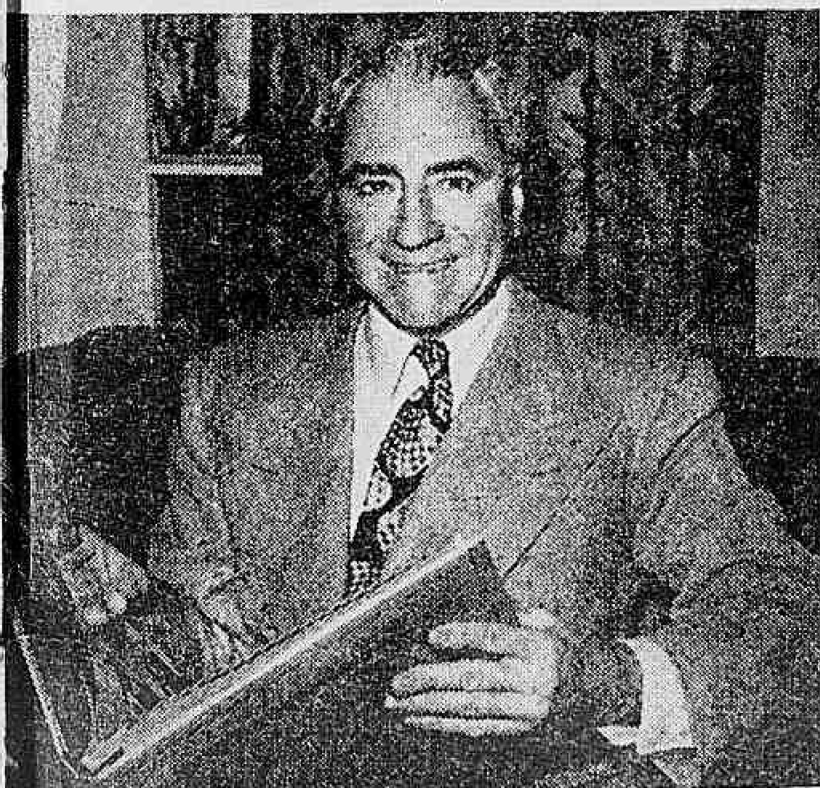
Ao invés de se envaidecer com o cumprimento, Lizzie virou-se para a sua mãe e disse alegremente:

— Ouviu, mamãe, êle me chamou de "mulher".

Um fato bem natural. Tão natural como os jovens que se põem diante do espelho, examinando o progresso de um preguiçoso e mal crescido buço...

Conrad Nicholson Hilton, Jr., conta vinte-e-três anos e é o filho mais velho de Conrad Hilton, o maior proprietário de hotéis do

(*Cont. na pág.* 33)



«O pai da noiva», Mr. Francis Taylor, que com tanta esperança deu a sua filha a Conrad Hilton, Jr., quando virava as fôlhas de um velho álbum de Lizzie. Agora, estará arrependido?





Liz foi a dama de honra do casamento de Jane Powell. Com esta jovem estrêla da Metro se deu o contrário, pois continua feliz no casamento, caminhando para o seu segundo ano de vida matrimonial. Liz conseguiu apanhar o bouquet de Jane e esperou té que o seu «Príncipe Encantado» aparecesse com os seus milhões de dólares...



GARY COOPER
(Paramount)

# Coluna do fan

## MARK ROBSON EM FORMA

Uma vez em mil, Belo Horizonte tem o privilégio de assistir a alguns filmes antes dos cariocas e, por estranha coincidência, êstes celuloides, em geral, são magníficos como «La Malquerida», «Hets» (que vimos com um ano de antecedência sôbre o Rio), e «Home of the Brave» — do já consagrado Mark Robson.

«Clamor Humano», exibido aqui em fins de dezembro, constitui um fêcho soberbo para o ano cinematográfico de 1950, ano em que tivemos películas de alta classe: o já citado «La Malquerida», «Mercado de Ladrões», «Tarde Demais», «Henrique V», «Ladrões de Bicicletas», a reprise de «Cinemaníaco», que, em minha opinião, foram o que houve de melhor em cinema exibido em Belo Horizonte.

Robson atinge em «Clamor Humano», o ápice de uma carreira brilhante e se situa definitivamente no primeiro «team» dos diretores novos de Hollywood. Tratando de um tema raro e ousado (o racismo) Mark Robson não se deixou absorver completamente por êle, como já acontecera com seu colega Elia Kazan em seu «Gentlemen's agreement».

A tese é exposta com a ajuda de linguagem cimenatográfica a mais perfeita possível e ainda sobrou tempo a Mark Robson para que êle nos contasse a história da amizade entre um branco e um prêto, amizade esta que é das cousas mais belas que já vimos no cinema.

Se não conseguiu evitar cenas por demais dialogadas (diálogos indispensáveis em filmes dêste tipo) Robson desconta, e com juros elevados, nas cenas desenroladas na ilha em poder dos nipões em que os cinco soldados americanos têem de cumprir uma arriscada missão; aí temos então oportunidades de assistir a cenas de um suspense impressionante e de uma violência só encontrada nos melhores momentos de Dassin.

As cenas de guerra teem a singularidade de não nos mostrar um só japonês (só se ouve a voz de um dêles, quase no epílogo).

James Edward logra um desempenho que, sem exagêro, é merecedor de um «Oscar»; já o conhecíamos de uma ponta em «Punhos de Campeão», como o pugilista negro que fazia uma das preliminares da luta de Robert Ryan, mas o papel era por demais pequeno para que êle se salientasse; em «Clamor Humano», entretanto, sua interpretação não será tão cedo esquecida; o resto do elênco é formado por nomes relativamente pouco conhecidos e, talvez por isso mesmo, é muito bom: Jeff Corey, Douglas Dick, Steve Brodie e poucos outros.

A música e a fotografia são de superior qualidade e em muito contribuem para que «Home of the Brave» se torne um espetáculo dos mais vibrantes dos últimos anos. Enfim, eis um filme que mostra que o cinema americano é ainda o vanguardeiro do bom cinema mundial, o que aliás só é negado pelos que vêem Hollywood sob um prisma muito deficiente: Van Johnson, Ivone de Carlo, Betty Grable, etc...

ISER ARONSON — (B. Horizonte)

Bagdad, sexta-feira, 13.

**Ruth querida, minha morena linda**

**Sob a luz do meu bairro, quando a noite desce,** abro meu **álbum de recordações** e relembro **os piores anos de minha vida. Querida, como é triste recordar um sonho desfeito.** Entre as **recordações de ontem, na noite do passado,** revejo **cinco rostos de mulher: Iracema, Katucha, Carmem, Anna Lucasta** e você. **Eramos seis,** seis **destinos, aquilo sim era vida,** não guardes **rancor.** Foste **ludibriada,** dei **um passo em falso,** foi uma **baixeza** mas **débil é a carne.** Ouvi **a voz da honra,** hoje sinto **remorso** e **ninguém crê em mim.** Vivo **na solidão do inferno** com **Amarga esperança sem saber se alguém virá esta noite e por que és o maior amor. De pecado em pecado** fui o **grande pecador** que **seguiu caminhos sem fim** numa **estrada proíbida** mas **êsse é êrro de estar vivo** e **o pecado de amar** tanto **as mulheres.** Trago o **coração torturado** e vivo **entre o amor e a morte,** como uma **estátua viva.** Que **destino amargo** o meu, **tarde demais para o resgate de uma conciência.** E's o **meu verdadeiro amor** e **sem piedade** me deixaste **na teia do destino.** Para mim **alguém deixou êste mundo** vazio, dizendo **um dia voltarei,** apenas **palavras de mulher.** Suportaria **um golpe ao coração, se eu** fosse **feliz** sem você, mas **ainda serás minha** porque **meus sonhos te pertencem. Somos dois, sob o signo do capricórnio,** mas **quando duas vidas se encontram, o bater de um coração** suplanta qualquer **armadilha** e une com **laços eternos, duas vidas** separadas. Vivo em **fúria** pagando **o prêço de um pecado** por ter **seguido o caminho da perdição.** Sinto **saudados do passado** e **por causa de um beijo** e **por uma noite de amor,** tornei-me **escravo de uma paixão. Ao cair da noite, quando morre o dia** sinto uma **vontade indômita** de sair **a conquista da felicidade. Minha pobre mãe querida,** eu e **meu filho** somos **três almas que sofrem** êste **conflito de paixões. Mamãe, êle e eu** vivemos num **lar meu tormento, perdidos na escuridão.** Nós **fomos os sacrificados,** mas a **tortura de um desêjo** me tira **o direito de pecar. Ninguém vive sem amor,** mas estou **a margem da vida, a beira do abismo** porque **sou prisioneiro do passado. Por enquanto querida, não adianta chorar,** pois **tristezas não pagam dívidas, só resta uma lágrima** e **os desgraçados não choram.** Vivemos em **mundos opostos** mas **a vida é um jôgo, em qualquer parte da Europa.** Tua **confissão,** foi um **triunfo sôbre a dôr,** e **o ideal de uma vida vencerá** estas **barreiras de sangue. Tôdas as primaveras,** sinto um **esplendor selvagem** por esta **sublime traição.** Com êste **ato de violência** feriste com **flechas de fogo** meu **coração amargurado.** Vivo em **sedução,** mas **se você fosse sincera** eu não teria **a vida por um fio.** Foi uma **vingança perfida, vingança do destino** e **por um amor,** vivo **nas garras da fatalidade,** como **uma vida marcada. Acontece que sou rico,** mas **dinheiro não dá felicidade** e **tu és a única** para mim. **Até parece mentira, entre as onze e meia noite,** vejo **sangue na lua: homicídio, veja mulher, a quanto obrigas, acontecerá de novo? Eu quero você morena, nada além de um desêjo,** é uma **chama que não se apaga,** nem **quando morre uma ilusão.** Foste **um anjo em meu caminho, enamorada,** todos temos **um momento em cada vida,** porque **a aventura anda pela rua,** e **o destino se repete.** Eu **creio em Deus, e numa trágica decisão cruzarei o Arco do Triunfo** anunciando **o Crepúsculo de uma glória** e com **sangue de meu sangue** juraremos **fidelidade** e seremos **amigos até a morte.** Deixaremos **a esquina da vida, a esquina do pecado** e a **estrêla da manhã** com o **toque mágico** anunciará com **sublime devoção** o fim de o **tormento de uma glória de duas almas, dois destinos.** Se fôsse **uma mulher qualquer, creada para amar,** ou **uma mulher sem importância,** eu diria **isto foi uma mulher, perdida pela paixão, uma mulher em meu passado,** mas **não é nada disso** não, és **uma mulher original, isto acima de tudo. Tu voltarás querida, juntos seremos felizes.** Por favor **nunca me digas adeus, aqui começa a vida, onde as palavras morrem.**

Se **perguntarem por quem os sinos dobram,** diremos **era sòmente amor, os sinos de Santa Maria**

(Cont. na pág. 28)

# CINE-TESTE

Isto é um simples passatempo, um exercício para sua memória. Nada de prêmios, nada de aguardar as respostas no próximo número. Divirta-se sòzinho, ou com algum amigo, e veja quem faz mais pontos. Conte um ponto para cada resposta e veja depois a sua classificação:

| | |
|---|---|
| 20 pontos | Excelente |
| 18 pontos | Muito bom |
| 15 pontos | Bom |
| 10 pontos | Regular |
| Menos de 10 pontos | Fraco. |

(Respostas na pág. 28)

**QUAL O DIRETOR DE...**

1—«Adúltera»?
2—«O Boulevard do Crime»?
3—«Êxtase»?
4—«Na Cova das Sespentes»?
5—«Belinda»?
6—«Festim Diabólico»?
7—«A Vida por Um Fio»?
8—«Macbeth»?
9—«Caminhos Sem Fim»?
10—«Roseanna»?
11—«Malásia»?
12—«Em qualquer parte da Europa»?
13—«Strômboli»?
14—«O Crime não Compensa»?
15—«O Fucarão da Vida»?

**QUAL O DIRETOR DE FOTOGRARIA DE...**

1—«Punhos de Campeão»?
2—«O Tesouro de Serra Madre»?
3—«Céu Amarelo»?
4—«Hamlet»?
5—«Anjo Perverso»?

# CORREIO DO FÃ

CARLOS ALBERTO CONRADO — (Rio) — Já tivemos a satisfação de publicar na «Coluna do fã» um trabalho seu. Seu último artigo (Eliane Lage) está dispersivo. Além de abordar, em grande parte, uma crítica ao filme «Caiçara», exibido há muito è já comentado nesta revista especializada, você visa menosprezar a crítica de um companheiro nosso, sem sequer citar seu nome o que nos pareceu sobremaneira deselegante. Afinal o título de seu artigo não era Eliane Lage? A CENA não é um veículo de ataques, especialmente quando a pessoa censurada em seu artigo merece todo o nosso respeito e tôda nossa admiração. O melhor, no seu caso, seria escrever-lhe diretamente, para o seu jornal. Não desejamos tampouco, que veja, nessas restrições, alguma defesa ao nosso colega. Absulutamente. Apenas achamos o seu artigo dispersivo, sem uma diretriz segura, sem um objetivo certo. Volte com outro trabalho, e mais oportuno, que teremos o máximo prazer em divulgá-lo por nossas páginas, okay?

## ROTEIRO DE . . .

(Cont. da pág. 6)

argumento não se situou na vulgaridade dos textos fabricados pelos técnicos de «gags» que acreditam que ainda se deve fazer rir com os combates de «pasteis» e corridas de bicicletas. Neste filme aceitaram intervir nos papéis de suas próprias personagens, gente de todos os tempos do cinema. Glória Swanson quis neste filme concretizar tôdas as facetas de sua vida artística e, dessa forma, ao evocar os filmes, a gente a vê como uma banhista de Mack Sennet, como uma «vaidosa» que se popularizara na guerra de 1920-25, e ainda imitando o genial Charles Chaplin. Existe uma coisa curiosa no filme. E' a participação de von Stroheim, que não chegou a ser seu marido, mas ao que parece foi uma de suas inclinações sentimentais. Glória Swanson voltou a colocar os óculos e tem-se posto a ler novamente um correio enorme. Volta outra vez a sentir o calor do público, o interêsse da gente. E' provável que a Academia de Hollywoon a honre com um prêmio. E ela, a atriz, nada mais que atriz, poderia dizer do avançado de sua idade: «Não tenho triunfado por ser uma glamour-girl, senão por ser algo mais preciso: uma intérprete».

---

## FÚRIA DOS. . .

(Cont. da pág. 29)

de espingardas e pólvora. No entanto, o ataque transforma-se numa batalha ordenada entre Sioux e uma fôrça amiga dos índios, os Saux, cujo auxilio é obtido numa fração de tempo, pela linda filha, educada à maneira européia, do chefe Aleeta, cuja tentativa infrutifera para ganhar o amor de Reed ainda não a fêz mudar de opinião sôbre êle, julgando-o um homem que merece alcançar os seus prorotando, encontrando a morte nas

Aleeta morre durante o curso da batalha. Morrow, depois que o inimigo é derrotado, encontra, também, a morte nas mãos do chefe Saux, Kioluk, e seus valentes homens.

Dessa forma, fica afastado o último obstáculo do caminho, ao longo do qual a estrada de ferro correria para o Oeste. Ista dá a Reed e Constance a oportunidade de cuidarem do seu próprio interêsse... as negociações para o casamento...

---

## ANTOLOGIA . . .

(Cont. da pág. ..)

reção e a tomada fotográfica. Quando os realizadores, os atores, os técnicos e os cenaristas fazem um filme fora dos estúdios, um realismo incontestável se introduz inconscientemente em seu trabalho."

O filme de "gangsters" dos bons tempos, quase todo êle realizado no interior dos estúdios e nem sempre baseado em assunto verídico, possuía, entretanto, um dinamismo próprio, um ritmo peculiar, que lhe davam realidade, vida. E, muitas vêzes, o cenarista, sem recorrer aos arquivos da polícia ou da imprensa, inspirava-se sistemàticamente em acontecimentos reais, e a ficção assumia uma feição "documentária", sem a sua rigidez, todavia. "Scarface", "Little Caesar", "Public Enemy" e "The G-Men" são até certo ponto, filmes documentários, dando-nos uma idéia muito precisa do "gangsterismo" que abalou os Estados Unidos há alguns anos (e agora, segundo se diz, novamente recrudesce), revelando-nos a personalidade dos Al Capone e dos Dillinger, a existência dos "speakeasy", as verdadeiras guerras entre quadrilhas rivais ou entre "G-men" e "rack-teers".

("Correio da Manhã", 1949).

CALVÍCIE PRECOCE
Como evita-la!
Juventude Alexandre
BELEZA & VIGOR DOS CABELOS
JUVENTUDE ALEXANDRE
Super eficaz contra QUÉDA DOS CABELOS

---

## PERDIDAMENTE...

(Cont. da pág. 9)

acredito que você seja um mentiroso.

— Que posso fazer? Conformar-me? Os anos com ela contra o quanto eu a amo?

— Estou pedindo-lhe para fazer uma escolha? — gritou Lily.

Então, compreendeu que era exatamente isso o que vinha fazendo até o momento..

— Creio que estou, realmente. Mas, tentarei ser razoável, querido. Você não a vê há bastante tempo. Esqueceu-se de como era a vida em sua companhia. Eis tudo de que você se lembra — nós. Dê a si mesmo a oportunidade para vê-la novamente. Não volte aqui... por algum tempo. Quando você houver chegado à uma conclusão deixe-me saber. Quando tiver certeza.

— Acaso você me está mandando embora? — demandou Steve.

— Estou tentando! — soluçou Lily. — Estou tentando... mas como é que posso?

De qualquer maneira, Lily deu a festa na sexta-feira em comemoração ao aniversário do homem de seus sonhos. Um grande bôlo com o seu nome. Velas. Champagne.

Mas, Steve não estava lá. Encontrava-se no outro lado da cidade em companhia de u'a mulher que vivia a sua vida numa cadeira de rodas, assistida por uma enfermeira.

Os convidados que enchiam o lindo apartamento de Lily eram-lhe estranhos. Meros conhecidos de conhecidos que não perdiam uma festa e, principalmente, quando esta era na casa de u'a modêlo famosa em tôda a cidade de Nova York. Não era difícil juntar uma verdadeira multidão em New York se houvesse bastante champagne.

Lily não bebeu muito, mas a sua alegria parecia ter saído de dentro de uma garrafa. Maggie Collins, uma outra modêlo de Caraway, que se tornara sua verdadeira amiga, também se encontrava na festa, em companhia de seu jovem espôso Bob. Maggie tentou fazer com que as coisas corressem normalmente, mas Lily estava satisfeita com os acontecimentos e não permitiria nem mesmo à sua melhor amiga intrometer-se na sua vida. Afinal, quem pode mudar o destino? E' exatamente como se alguém tentasse mudar a direção da agulha de uma bússola. Simplesmente impossível.

A festa estava no seu auge quando Lily olhou para a porta e avistou Steve.

Sentiu as suas veias gelarem. Sabia perfeitamente como se encontrava. Respirava fundo devido à dança. O seu cabelo estava despenteado. Repentinamente, acima do barulho da música, gritou:

— O aniversariante! Senhoras e senhores — ou seja lá o que vocês forem — gostaria de apresentar o aniversariante! Venha ver o seu bôlo, Steve. Não deixei que ninguém mexesse nêle... se talvez...

Silenciosamente, Steve olhou o bôlo. Ela quis reacender as velas e êle retrucou que isso não era necessário.

Não, talvez Lily houvesse bebido mais do que parecia. A dor e a solidão tinham-na tornado fria e calculista.

— Está muito bem, Steve. Uma vez que se termina, termina-se de vez. Você não gosta de sua festa... bem, eu gosto. Você vem de uma festa melhor?

— Lily... — começou Steve ternamente.

— Tome um "drink", Steve. E' muito bom quando se está numa festa da qual não se gosta. Aprendi isso com u'a moça que conheci... u'a moça chamada Mary. Satisfeito comigo, bonequinho? Alegre por eu não ter ficado aqui sòzinha?

Steve não lhe deu resposta. Ao invés disso tomou-lhe gentilmente as mãos e levou-a para o quarto. Uma loura barulhentamente alegre, em virtude da champagne, estava sentada em frente ao espelho, sujando o rosto com baton, mas quando os viu levantou-se e bêbedamente saiu.

— Que bem pode isso fazer? — perguntou Steve apaixonadamente.

Lily respondeu bruscamente.

— Como vai Nora? Fêz uma boa viagem? Você lhe disse o quanto sentiu a sua falta? Disse que não sabia mesmo o que fazer consigo mesmo?

— Pare? — ordenou êle à medida que o segurava, firmemente. — Pare!

Ela levantou a cabeça e sorriu estrepitosamente. Então, viu a sua imagem refletida no espelho e gradualmente parou de rir. Lily James — desarrumada, despenteada e com u'a máscara de infelicidade no rosto — viu tudo isso no espelho e começou a chorar baixinho.

— Apague a luz, sim, Steve? Não me quero ver. Apague a luz.

Êle caminhou a passos largos para o comutador e, de um minuto para outro, apenas pálida luz da alvorada entrava no quarto, através dos vidros da janela. Lá fora, os convivas se divertiam barulhentamente. Lily tentou cobrir o rosto com as mãos, mas Steve não lhe permitiu.

— Não fique com raiva — murmurou a moça dèbilmente. — Não posso suportar se você estiver zangado.

— Não, não — a sua voz também não era mais do que um murmúrio. — Mas não maltrate mais a si mesma.

Juntaram-se ainda mais, cada um descansando junto ao outro completamente descansados. Por fim, Lily perguntou:

— Que vamos fazer, Steve?

Nenhum ser humano em iguais condições poderia dar uma resposta. Se fôsse o dinheiro o que precisassem, êle poderia dizer: — "Trabalhar!". Se fôsse uma outra mulher tinham dinheiro suficiente para ir à justiça e pedir o divórcio. Mas, não era nada disso. A causa era uma paralitica que para Steve deixara de ser u'a mulher no dia em que fôra alcançada pelas inelutáveis mãos do destino.

Lily soergueu os olhos e fixou-os em Steve.

— Você não pode chorar? Não pode chorar, querido?

O único barulho que chegava ao quarto era contínuo e persistente e provinha da sala de Lily James, onde os seus conhecidos e conhecidos de seus conhecidos continuavam dançando, cantando e bebendo.

Na manhã seguinte, Lily recebeu a visita de Jim Leversoe, a quem telefonara. Ela lhe dissera o que pretendia fazer.

— Certamente, você não está falando sério! — protestou Jim.

A face de Lily exprimia a sua determinação.

— Você sabe que estou, pois, do contrário, não estaria aqui. Jim, você é seu amigo e será mais fácil para ela se você estiver lá. Esta é a única razão pela qual eu o chamei. Vou ver Nora Harleigh.

— Você sabe o que está fazendo? Já pensou que ela é uma inválida?

— Steve contou-me tudo alguns dias atrás. Por que você não me disse quando nos apresentou?

— Não quis intrometer-me.

— Mas, agora quer, não quer? Sei o que estava pensando a meu respeito! — nada que êle dissesse agora faria com que mudasse de opinião. — Não fiz nenhuma pressão em Steve.

— Êle estava bastante satisfeito com ela até que a encontrou.

— Não, não estava. Tinha-se envelhecido a fim de continuar a viver com Nora. Não será mais possível para êle fazer com que as coisas parem novamente. Não se tornará um inválido apenas porque ela é doente. Por causa disso se está acabando a olhos vistos e eu não pretendo permitir isso. Não posso!

— E' isso o que você vai dizer a Nora? Em caso afirmativo ela se matará.

A porta dos aposentos de Nora no hotel estava entre-aberta. Steve entrou na frente e, de repente, parou e gritou:

— Nora!

A razão do grito é que Nora estava no chão, com as suas bengalas perto de si. Certamente caíra e não se pudera levantar. Enquanto Jim a ajudava a erguer-se, desconsertado, ela sorriu.

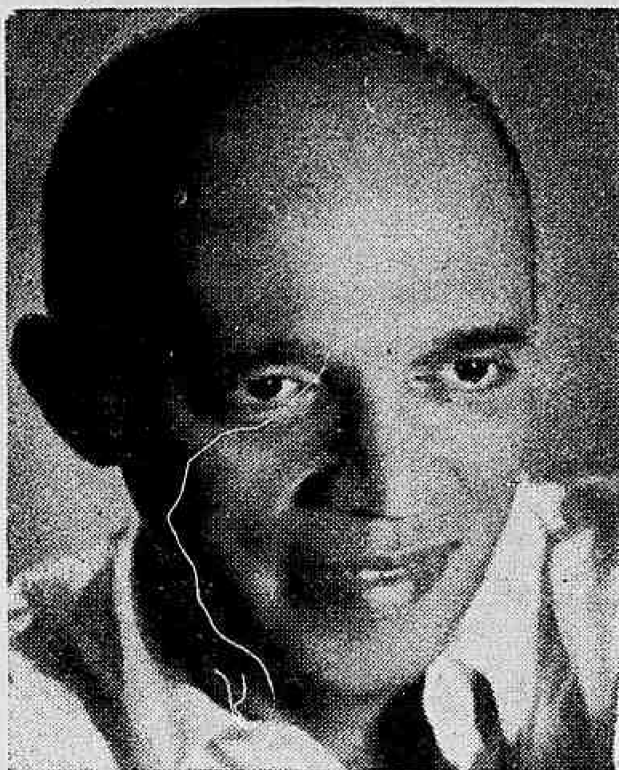
— Estou bem, mas que maneira original de receber visitas! Ponha-me na Velha Fiel — disse, apontando para a cadeira de rodas.

(Cont. na pág. 28)

BIGODE
DE SENHORAS E VERRUGAS
ELIMINAÇÃO GARANTIDA SEM CICATRIZES
GUILHERME KLOTZ
AV. BRIG. LUIZ ANTÔNIO 1471 - SÃO PAULO
PEÇA CATALOGO GRATIS

# RÁDIO-INQUÉRITO

## SADI CABRAL
### 23 ANOS DE MICROFONE



(Sadi Souza Leite Cabral) — ator de teatro, rádio e cinema; brasileiro, solteiro, vacinado; nascido em Maceió, Alagoas, a 10 de setembro de 1906. Enfrentou pela primeira vez um microfone a 8 de abril de 1927, na antiga Rádio Mayrink Veiga, mas depois de algumas atuações como amador, afastou-se. Reapareceu a 26 de abril de 1938 no Programa Casé (também na Mayrink), atuando como ator, produtor e diretor do rádio-teatro. Ainda em 1938, fêz as primeiras experiências de teatro seriado. Em agôsto de 39 assumiu a direção do Teatro de Operetas da Mayrink Veiga. Como ator, atuou em quase tôdas as emissoras cariocas. Como produtor, na Mayrink, e Globo. Durante cinco anos foi o auxiliar direto de Amaral Gurgel na direção do rádio-teatro da Globo, de onde saiu para substituir Rodolfo Mayer na direção rádio-teatral da Mayrink, cargo que ocupou apenas durante dez meses, passando para o mesmo cargo na Rádio Ministério da Educação onde se encontra.

# RESPONDE: SADI CABRAL

P — Qual deve ser a função do Rádio?

R — **Estou inteiramente de acôrdo com o mestre Roquette Pinto. A verdadeira função do rádio é EDUCAR. Nada impede, e está mesmo de acôrdo com as normas atuais da pedagogia, educar-divertindo.**

P — Julga que o nosso Rádio exerce essa função? Por que?

R — **Algumas vezes. Por que?... Ora essa... Porque temos bons e maus programas.**

P — Qual a melhor estação carioca? Por que?

R — **Honestamente, não há — a melhor. Algumas se esforçam por melhorar e outras vão deliberadamente de mal a pior.**

P — Acha que o nível artístico do nosso Rádio atingiu o máximo?

R — **Graças a Deus, não. Reconheçamos que é igual e em muitos pontos superior aos estrangeiros. Mas ainda pode e deve melhorar.**

P — Quais os melhores programas? (cinco)

R — **Honra ao mérito (Rádio Nacional) — Museu de cêra (Rádio Nacional) — Nossos filhos (Rádio Tupy) — Brasiliana (Rádio Ministério da Educação) — Conversa em família (Rádio Globo).**

P — Que acha das novelas?

R — **Bem e mal. Está claro que novelas como certa produção de Amaral Gurgel — (Penumbra, A Família Davidson, A judia, entre as originais, e as estações de Elza e Helena com o título de A Outra e São Bernardo, a obra prima de Graciliano) — certa produção do velho Gurgel, repito, merecem aplausos irrestritos. Como merecem aplausos entusiásticos as novelas encantadoras de Sílvia Autuori, como Primavera, A prima do interior, etc., e os deliciosos seriados de Edgar G. Alves (O Gato Rajado, Paisagem, Cem mil cruzeiros de felicidade...) Estender-me-ia muito se continuasse citando bons novelistas e suas produções. Detesto, porém, a produção mais freqüente de novelas, com seus dramas exagerados e seu mau gosto literário.**

P — **E dos programas de auditórios?**

R — **Em princípio, acho a idéia do auditório anti-radiofônica. Não gosto de tais programas. Mas está claro que a gente acaba cedendo diante da simpatia de Yara Sales e seu marido, Manoel Barcelos, César de Alencar e alguns outros.**

P — Quais os melhores programas humorísticos?

R — **PRK-30 (está visto!)... Edifício balança mas não cai (é claro!) o Dr. Enfezolino... e Alvarenga e Ranchinho que não tenho podido ouvir ùltimamente, na Tupí, mas de quem sou fã incondicional.**

P — E musicais?

R — **Ondas musicais, e a Parada de sucessos da Globo.**

P — Quais os melhores produtores?

R — **Eis aí uma pergunta agradável de responder. E' certo que cinco é um número limitado. Mas também é certo que os que não couberam na seleção sentir-se-ão lisongeados em surgir logo depois de nomes como — Paulo Roberto, Sílvia Autuori, Max Nunes, Almirante e Mário Faccini.**

P — A que se deve o êxito de um programa?

R — **A dez mil pequeninas coisas... Mas também ao trabalho de um bom produtor, servido por um bom quadro de interpretes bem dirigidos, bons técnicos com uma boa aparelhagem... num bom horário. Em tempo: a sorte também influi... até a publicidade.**

P — Qual o gênero de programa que agrada ao ouvinte?

R — **Isso... depende do ouvinte.**

P — Acredita no I.B.O.P. Por que?

R — **Pois é...**

P — Há possibilidade de se transmitir programas montados em todos os horários?

R — **Possibilidade, sempre há. Difícil... também é verdade que é. Quando a Nacional começou a dar novelas pela manhã, muita gente achou loucura.**

P — Qual o melhor horário do Rádio?

R — **Em princípio, qualquer horário é bom, dependendo do que se apresenta. Entretanto, parece que das 20 às 22 é o mais querido.**

P — Os programas de gravações tendem a desaparecer?

R — **Não me consta isso. E eu sentiria se tal acontecesse.**

P — O que mais aprecia no Rádio?

R — **A possibilidade de levar o ensino, a diversão, o consôlo e o noticiário aos pontos mais distantes, bem como aos enfermos isolados.**

P — Sofrerá o Rádio transformações radicais com o advento da TV?

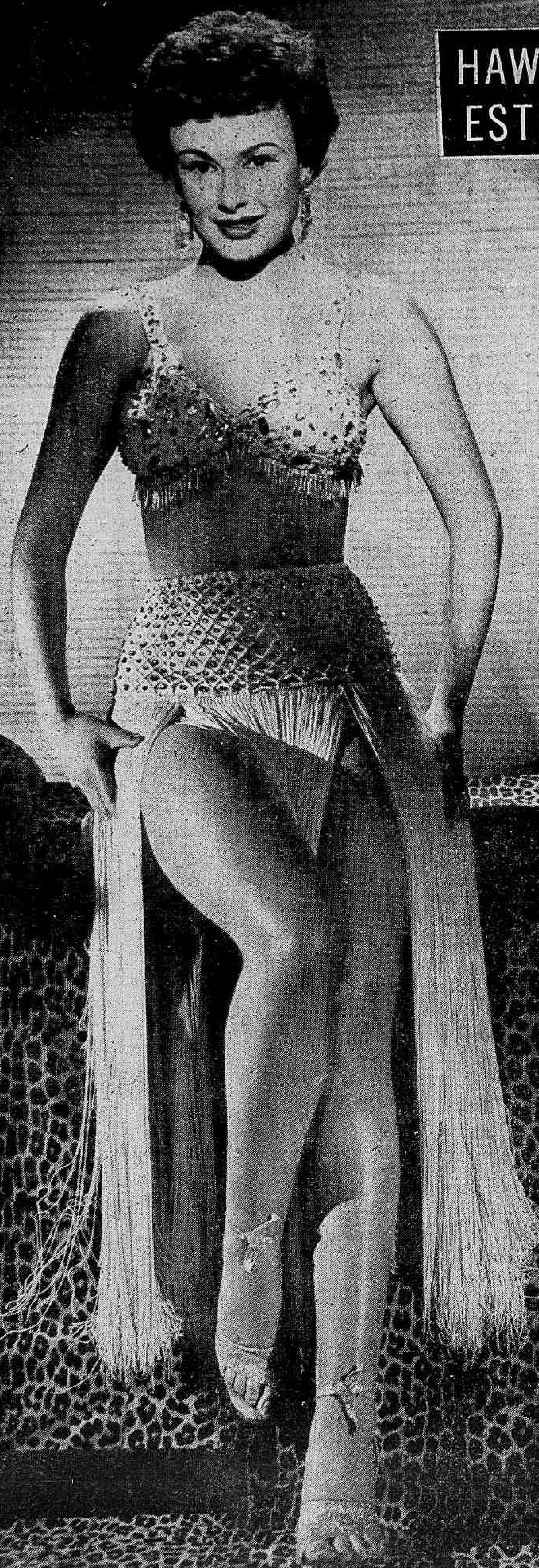
R — **Não há dúvida que sim...**

P — Que gostaria de realizar no Rádio?

R — **Há muitos anos que sonho com um programa que denominaria «História da Raça», com narração, rádio-teatro, montagem, etc., etc., que começaria no velho Portugal primitivo de Viriato, e viria até o Rio de Janeiro de hoje. Também gostaria de apresentar, no mesmo estílo monumental, obras primas da literatura universal, como D. Quixote, a Ilíada, ètc., numa «interpretação» radiofônica, sem concessões àquilo a que vulgarmente chamam «gôsto do público» e é apenas falta de competência, ou preguiça de quem o faz.**

P — Por que não o faz?

R — **Ora... que pergunta! Qual a estação que me daria horário e meios para isso? Talvez a Nacional ou a Tupí tivessem meios. Mas... que é do horário? A minha querida Ministério da Educação talvez me concedesse o horário... Mas onde o dr. Tude de Souza arranjaria a verba para a realização prática?**




SANSÃO E DALILA
FREVO-CANÇÃO

*De Zedantas e Péricles. — Grav. Quitandinha Serenaders*

A fôrça de Sansão
Era a cabeleira
Mas fêz uma besteira
Entregou seu coração
Quando Dalila
Viu Sansão na dormideira
Cortou-lhe a cabeleira
E Sansão ficou na mão.

Se eu pego essa Dalila
Era diferente
Em vez de acordar triste
Acordava até contente
Já estou careca
Mas não sou de brincadeira
Pois minha fôrça
Nunca foi na cabeleira.

★

TEM PENA DE MIM
SAMBA

*De Hervê Cordovil. — Grav. de Araci de Almeida*

Tem pena de mim, tem
Tem pena da minha dor,
[tem.

Quem sofreu o que eu sofri
Não pode mais sofrer - ê, ê
Não pode não
Volta, volta p'ra meu bar-
[racão
Fala coração.

★

CONSOLAÇÃO
SAMBA

*Vicente Paiva, Sebastião Gomes e Tito Mendes. — Grande sucesso de Dalva de Oliveira*

Sim, nosso amor se acabou,
[meu bem...
Não amarei mais ninguém...
Nas horas tristes de solidão
Êste samba será consolação...
Sim, nosso amor se acabou
[meu bem
Não amarei mais ninguém.
Foi aquêle adeus
Que me fêz penar
Tu bem sabes que te amei
E hás de pagar
O que eu passei, ai, ai, ai, ai.

**ALCIDES GERARDI**
**À espera da italiana**



←
(Foto WARNER)

# CARNAVAL

## ITALIANA
MARCHA

*Oswaldo Martins e Felisberto Martins. — Grav. de Alcides Gerardi*

Italiana!...
Você veio lá de Milão
Custe o que custar
Eu quero ver você
Brincar no meu cordão
Com um pandeiro na mão

Já procurei
A cigana das tranças com-
[pridas
Encontrei mil mulheres que-
[ridas
A nenhuma dei meu coração
Italiana!...
Italiana!...
Quero ver você
Com um pandeiro na mão.

★

## STELLA
SAMBA

*Roberto Martins, Jorge Faraj. — Grav. de Alcides Gerardi*

Stella
Me dá meu tamborim Stella
Me dá meu macacão
Prepara o meu jantar
Que amanhã eu não vou tra-
[balhar.

Amanhã é domingo eu vou
Ao futebol ver o Fla-Flu
Se meu clube ganhar você vai
Ver o vento levou num ci-
[nema em Bangu.

★

## LARGO DO ESTÁCIO

*David Násser, Haroldo Lôbo e B. Fonseca Almeida. — Grav. de Francisco Alves*

Foi no Largo do Estácio
Que a minha cuica
Furou o couro...
A cabrocha sambou gostei,
E ganhou uma taça de ouro
A turma gostou
E disse que ela vale um te-
[souro.

Quem não gosta do samba
Não tem coração
Pois eu durmo e acordo,
[ai, ai...
Com o meu tamborim na mão
Eu nasci no Estácio
Do largo do Estácio
Não saio não.

## TÁ SOBRANDO MULHER
FREVO-CANÇÃO

*De Carnera. — Grav. de Carlos Galhardo*

Tá sobrando mulher
É... é... é... é...
Mas tá faltando cruzeiro
Com a cara não arranjo nada
Porque a mulherada
Não dá bola sem dinheiro
Cadê dinheiro (Bis)

Ai, ai, ai, meu Deus
Vou-me acabar... a
Eu não posso mais
É bom parar... a
Vivo no batente noite e dia
E o meu dinheiro
Não chega pra orgia
Adeus orgia

★

## COM O DIABO NO CORPO
MARCHA

*Haroldo Lôbo e Milton Oliveira. — Grav. de Marlene*

Me larga, me solta, me deixa
Que eu quero sambar
Tô com o diabo no corpo
Não posso sossegar.

Eu hoje estou indócil, indócil
[pra brincar
Estou em carne viva
Não posso mais parar
Eu hoje me acabo
E vivo até Sacy
Pois vai haver o diabo
Se me tirar daqui.

★

## O SULTÃO
SAMBA

*De Gil e Miguel Lima e Oldemar Magalhães. — Gravado por Jorge Veiga*

I

O Sultão
Pode ter cem mulheres
E viver amparado nas Leis,
Não é justo, eu ser censurado
Por gostar da Iracema e da
[Inês,
O Sultão, pode ter
Cem mulheres de uma vez,
Por que é que eu não posso?
Ter umas duas ou três.

II

Se por acaso
Alguém censurar os meus
[atos
Quando analisar os fatos
Vai lamentar o que fêz
Eu me baseio no Sultão
E êle tem tôda razão
Está baseado nas Leis.
(Outra vez)

★

## SE O DIVÓRCIO VIER
SAMBA

*David Násser e Haroldo Lôbo. — Grav. de Francisco Alves*

Se o divórcio vier
Marido pode trocar de mu-
[lher
Que bom que é
Que bom
Que bom } *Bis*

Há muita gente que diz
Que o divórcio é bom
Mas o resultado
Eu não sei o que será
Sei lá se êle pode trazer
Benefício ou não
Mas acho bom
Deixar ficar como está.

★

## AI GENY!
SAMBA

*Ari Barroso. — Grav. de Ari Barroso e sua Escola de Samba*

Se você quiser
Ai Geny!
Um sincero amor
Tenho um violão
Um lindo barracão
Que fiz
P'ra ser feliz.

Ai, ai Geny
Pelo amor de Deus
Não me diga que não } *Bis*

## MEU CAVALO PANGARÉ
MARCHA

*De Arlindo Marques Júnior e Roberto Roberti. — Gravação de de Bob Nelson*

I

Quase que eu fiquei
Noivo da Zezé
Só não me casei
Pra não desgostar
Meu cavalo pangaré. (Bis)

II

Eu levei Zezé pra ver
Meu cavalo pangaré
A Zezé não foi com êle
Nem êle foi com a Zezé
Mas, como é impossível
Um vaqueiro andar a pé
Preferi perder a noiva
Que perder meu pangaré.

★

## OS GREGOS ERAM ASSIM
MARCHA

*De Nássara e Alberto Ribeiro. — Grav. de Déo*

Veja só que idéia teve a mi-
[nha nêga
Não quer sair de baiana
Ela quer sair de grega.
Arrancou da cama
O meu lençol de morim
Vestiu e saiu gritando:
"Os gregos eram assim".

Os gregos inventaram a ba-
[canal, oba!
Que durava muito mais que
[o carnaval
O grego pendurava a conta
[no botequim
"Os gregos eram assim"...
Por isso é que a nêga diz

★

## MARIA POUCA ROUPA
BATUCADA

*De L. Antônio e Micelli. — Grav. de Carmélia Alves*

Maria pouca roupa
No samba não é sopa
Quando entrou no cordão
Ai, ai
Um velho disse "ôpa"
Tem gente dando sopa.

A Maria quer rapaz
Deixou o velho na mão
Ai, ai
Quem é moço dança mais
Ai, ai
Quem é velho dorme cedo
Não se mete no brinquedo.



**BOB NELSON**
**Prefere o cavalo à mulher**



**QUITANDINHA SERENADERS**
**Uma Dalila para quatro**



**DÉO**
**Os gregos eram assim?**

**CINE-TESTE**

(Respostas)

**Diretores:**

1—Claude Autant-Lara
2—Marcel Carné
3—Gustav Machaty
4—Anatole Litvak
5—Jean Negulesco
6—Alfred Hitchcock
7—Anatole Litvak
8—Orson Welles
9—Lewis Allen
10—Irving Reis
11—Richard Thorpe
12—Geza Radvanyi
13—Roberto Rossellini
14—Nicholas Ray
15—André de Toth

**FOTÓGRAFOS**

1—Milton Krasner
2—Ted McCord
3—Joe McDonald
4—Desmond Dickinson
5—Armand Thirard

## PERDIDAMENTE...

(Cont. da pág. 24)

Jim fêz as apresentações. Lily notou que ela já fôra muito linda e, aliás, ainda o era. As suas faces eram pálidas, mas a sua fisionomia denotava ser u'a mulher inteligente.

— As minhas bengalas caíram e eu me abaixei para apanhá-las, não podendo mais, no entanto, levantar-me. Assim, resolvi ficar confortàvelmente até que alguém me viesse socorrer.

Jim começou nervosamente:

— Deixei Steve no escritório... não pude esperar.

— Para ver a minha fabulosa face? — soergueu o olhar e fitou os olhos em Lily. — E a sua face... tenho o pressentimento que já a vi antes... mas claro! Centenas de capas de revistas! Como aquilo não deve ter sido divertido!

— Você está parecendo muito saudável, Nora — sentia-se o desespêro de Jim em sua voz.

— Steve é o causador disso — retrucou Nora. — Como senti a falta daquele grandalhão! Êste é o único mal do casamento. Após algum tempo de vida em comum não se vale mais coisíssima alguma sòzinho — novamente ela se virou para Lily. — Há uma pergunta muito pessoal que lhe desejo fazer. Você conhece alguma cabeleireira que possa vir aqui e me faça apresentável? Desejo falar com u'a mulher. Jim. Você quer ir comprar-me algumas aspirinas?

Lily sabia o quanto Jim não as queria deixar juntas, mas ficara numa situação que não lhe deixara outro jeito. Quando a porta se fechou, Lily perguntou delicadamente:

— Por que a senhora queria que êle saísse, Mrs. Harleigh?

— Fique certa que não é para conversar sôbre manicure... se eu estiver enganada, desculpe-me, mas tenho o pressentimento de que existe alguma coisa esquisita nesta visita. Jim está um pouco estranho e você está nervosa, não está? O meu primeiro pensamento foi que Jim está interessádo em você e que a trouxe aqui para que eu a aprovasse. No entanto, você não quer magoá-lo, mas não sabe como evitar.

Lily sentiu-se envergonhada de si mesma e no seu ser foi insuflada uma tal dose de piedade como nunca acontecera anteriormente. Nora Harleigh nem sonhava com o perigo que corria.

— Lamento muito, mas a senhora está enganada.

— Então não há uma razão especial para essa visita? Pessoas como eu estão tão experientes com a própria dor que reconhecem as dos outros — Nora hesitou. — Você está apaixonada, não está? As coisas não estão correndo normalmente? Não tenha mêdo. Não me intrometerei. E' a única complicação que há, mas sei que ninguém pode ajudar. Ninguém a não ser o homem a quem você ama e a êste homem você não pode pedir ajuda.

Nora continuou:

— Se você perguntar-me, consegui-lo não significará tanto assim. Êle estará apenas sendo bondoso, pensará. Isso não ajudará. A pessoa tem de ser tão forte e boa como seja possível... tem de tentar fazer com que dê certo... você é jovem, porém. Sua felicidade não deve depender de uma pessoa... Não é tôda gente que pode dizer isso.

Lily sabia disso. Compreendeu que não poderia aumentar a infelicidade desta pobre mulher. Desesperadamente, tentou livrar Nora dos pensamentos e sorriu.

— Num segundo estaremos chorando como crianças... estamos ambas... nervosas — Lily levantou-se determinadamente. — Tenho um trabalho para fazer e preciso ir. Até logo.

Lily já estava no corredor quando Steve saiu do elevador.

— Não se preocupe, Steve... não lhe disse nada... ela é muito gentil, Steve.

— Já pensei no assunto por mais de uma vez, Lily, não devemos

(Cont. na pág. 30)


# O SEGRÊDODE SUA MOCIDADE!...

**EUTRICHOL ESPECIAL**

que faz voltar a côr natural aos cabelos brancos. Fórmula completamente inofensiva, não contém nitrato de prata ou outro sal prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo, não o deixando quebradiço. Pode ser usado indefinidamente, e o seu uso previne a quéda do cabelo e elimina a caspa. Antes de acabar o primeiro vidro o seu cabelo estará completamente revigorizado, tendo voltado, portanto, à sua côr natural.

PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE USE ÊSTES PRODUTOS DA MULTIFARMA:

**LEITE DE ARROZ**

Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquilagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as partículas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos, tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

**(Exigir a embalagem verde)**

**VINHO CHICO MINEIRO**

Seja inteligente! Não espere engordar demais, tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO que conservará o seu porte elegante. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

**MULTIFARMA**

Praça Patriarca, 26 — 2º — sala 6
São Paulo
Remessas pelo Reembolso
**A venda nas boas Farmácias**


## MARK ROBSON

(Cont. da pág. 23)

**repicam num êxito fugaz por que não estamos sós. Olhai os lírios do campo, porque ainda vive o nosso amor. Esquece teus pezares, quem manda é o amor e o milagre dos sinos é a glória de amar eternamente.**

**Até a vista querida, WILSON, teu amigo fiél.**

**P.S. — Encontre-me em Hollywood.**

JOSE' MAURÍCIO GUGLIOTTI (São Paulo)

### O QUE FOI O CINEMA NACIONAL EM 1950

Ao aureolar do novo ano, fazendo um breve balanço do que foi a nossa indústria cinematográfica, chegamos à conclusão de que, nestes 365 dias, o cinema nacional apresentou-se bastante promissor, mostrando películas de elevado teor artístico e técnico, algumas das quais não fariam feio em qualquer centro cinematográfico do mundo.

Tivemos ocasião de notar que o Rio, talvez em breve, não mais desfrute a posição de «meca» do Cinema Brasileiro, pois São Paulo está se mostrando muito disposto a arrebatar-lhe êste título, já possuindo dois grandes estúdios, bem aparelhados e financeiramente poderosos: a «Companhia Vera Cruz», dirigda por Alberto Cavalcanti, sobejamente conhecido como um dos maiores cineastas internacionais e a «Maristela» que obedece à chefia de Ruggero Jacobbi e Mário Civelli, ambos de larga experiência em conhecidos estúdios italianos.

Quanto aos filmes exibidos no exercício passado, destacou-se, e não podia deixar de fazê-lo, a bela produção de Cavalcanti, «Caiçara», excepcional tanto técnica, como artísticamente.

De nível também bastante elevado, tivemos «A Sombra da Outra», de Watson Macedo e «Quando a Noite Acaba» de Fernando de Barros, realizadores êstes que ao lado de Adolfo Celli e Cavalcanti, em «Caiçara», mostram largo tirocínio e apreciável capacidade no arriscado «metier».

Lamentamos o triste fracasso do excelente cronista cinematográfico Oswaldo de Oliveira (Jonald) que, tentando a direção, a todos decepcionou com o execrável «Estrêla da Manhã».

Tivemos dois carnavalescos: um de Fenelon e outro de Watson Macedo, sendo êste último digno de ser visto, enquanto o outro só críticas contrárias merece.

Dramalhões como «Pecado de Nina» e «Escrava Isaura» levaram em grande escala as mocinhas românticas ao cinema, ao passo que os cronistas especializados os receberam com uma certa e natural frieza. Na verdade, apesar dos pezares, estas duas películas foram bastante melhores que algumas «jóias» mexicanas que o sr. Ribeiro Júnior e Pelmex insistem em nos brindar.

Dois policiais surgiram em nossas telas: «Dominó Negro», de Moacir Fenelon e «A Echarpe de Sêda», de Gino Talamo. O primeiro dêles é um grandioso «chute», ao passo que o último muito nos agradou.

Foi estreada também uma fita de aventuras em selvas amazônicas: «Mundo Estranho» que, apezar de um pouco falsa, é o que de bom se tem feito no gênero. Sensacionais aquelas lutas de Alexandre Carlos e Angelica Hauff contra os crocodilos!

«Abacaxis», tivemos alguns, como «Somos dois», «Almas adversas», «Katucha» e outros, a cujos realizadores desejamos neste ano, uma profissão que não seja a de diretor cinematográfico. Em comparação com os anos anteriores, o número dessas coisas cinematogràficamente horrorosas foi bem menor. O que já é muito!

No terreno dos documentários, vimos em nossas telas: «Sertão» e «Brasil Desconhecido», sendo que o primeiro, uma produção de Gentil Vasconcelos, foi premiado no Festival de Canes, aliás muito justamente. O segundo, supervisionado por Paulo Burle, também foi bastante apreciado pelas nossas platéias.

Intérpretes, observamos muitos, bastante aceitáveis, destacando-se em primeiro plano Anselmo Duarte pela sua extraordinária «performance» em «A Sombra da Outra» e Tônia Carrero, excelente em «Quando a Noite Acaba».

A parte técnica foi bem digna de nota, sendo que a maior parcela dos filmes exibidos teve som, montagem, fotografia, etc. bastante apreciáveis.

Assim, acaba 1950, deixando-nos seguros de que no Brasil já se faz cinema e cinema de fato. Enfim, veio a tão decantada realidade do cinema nacional. E já veio tarde!



# "FÚRIA DOS PELES VERMELHAS"

REED Loomis é um jovem rude, de grande fisico, e engenheiro-chefe construtor da Estrada de Ferro Rock Island. Tinha grandes planos de que algum dia lançaria as trilhas da estrada de ferro, em tôda sua extensão, até a Costa do Pacifico. Entretanto, no presente, êle tem feito pouco, pois os trabalhos sòmente atingiram as fronteiras de Illinois... Qualquer pessoa que acreditasse na estrada de ferro como veiculo de desenvolvimento de uma nação, abrindo os celeiros do Oeste para o Este e os artigos manufaturados do Este para o Oeste, sabia que a batalha a ser defrontada era desesperada e, em geral, batalha de morte quando desperta antagonismo pessoal. Há a inevitável ojeriza do povo em aceitar qualquer coisa nova; a relutância dos interessados na aplicação de capital, naquilo que lhe parece ser um pouco mais do que um novo divertimento, "viajar de trem"; e o que é mais sério, a luta entre as diligências e as companhias de navegação para destruir qualquer outra forma de transporte que venha a fazer-lhes concorrência... com a intensa fé que possuem nas estradas proporcionando um serviço digno para a América, e sua capacidade em lutar até o fim pela sua crença. Reed enfrenta todos êsse problemas. Mas, sempre a seu lado, pronto para uma risada de chacota ou um rápido truque, conforme o caso, está o seu velho amigo Hogger McCoy, companheiro da velha-guarda, principal maquinista de Rock Island, que, incidentalmente, encontrou nesse trabalho a boa maneira de manter à distância a sua insuportável espôsa.

Por acaso, Reed vem a conhecer a linda Constance Strong, durante uma corrida entre o trem e a diligência, ganhando a partida. Ambos se apaixonam e, por acaso, sucede que Constance é filha do grande banqueiro David Strong que, embora cauteloso em negócios de investimentos, divisa as imensas possibilidades no projeto do jovem. Dai êle resolver financiar o lançamento dos trilhos até o Mississipi, prolongar êsse corpo de água e prosseguir nos planos para continuar a estrada para Fort Fletcher, em Iowa, com o amparo financeiro do próprio govêrno. Atrapalhando Reed em todos êsses planos há um homem da mesma idade, o traiçoeiro embarcadiço Kirby Morrow, o mais recente noivo deposto de Constance. Ansioso por vingar-se pela perda da pequena e pela humilhação sofrida na derrota em encontros pessoais com Reed, Morrow resolve lançar fogo na embarcação, culpando-o do acidente. Na ação proposta para pagamento dos prejuizos sofridos, Reed, com o auxilio de um jovem advogado chamado Abraham Lincoln, ganha a demanda.

Fracassando nesse atentado, Morrow planeja, com um grupo de renegados Sioux, atacar um trem da Rock Island, em sua viagem para Fort Fletcher, que levaria o pagamento do exército, correspondência do govêrno e um carregamento

(Cont. na pág. 24)



(ROCK ISLAND TRAIL)

*Personagens:*

Reed Loomis ..... *FORREST TUCKER*
Constance Strong . *ADELE MARA*
Aleeta ............ *ADRIAN BOOTH*
Kirby Morrow .... *BRUCE CABOT*
Hogger ........... *CHIL WILL*
Annabelle ......... *BARBARA FULLER*
David Strong .... *GRANT WITHERS*
Abe Lincoln ...... *JEFF COREY*



Direção de Joseph Kane. ★ Produção de Paul Malvern. ★ Filme da REPUBLIC.



## SUCESSOR DE . . .

(Cont. da pág. 13)

ta questão de predileção por determinado clube atinge indistintamente a todos os demais locutores esportivos e isto eu considero muito natural. No Departamento Esportivo da Tupí, por exemplo, todos os seus componentes «torcem» por determinados clubes. O Ary, o Scassa, o Zézinho e o Isaac são rubro-negros de coração, o Daniél Martins é fã incondicional do América e você é adepto do Botafogo. Porém, sempre nos compreendemos...

**RAPIDA BIOGRAFIA**

Domingos Araujo, nasceu em Niterói em data de 3 de abril de 1928, é solteiro, negociante, estudante e locutor; torce pelo Vasco da Gama, gosta imensamente do Cinema, onde destaca Ingrid Bergman, Bárbara Stanwyck, Paul Muni e Spencer Tracy, como os melhores astros do cinema americano e Oscarito, como o mais destacado entre os nacionais. Gosta também do teatro, sendo fã incondicional da dupla Dulcina-Odilon e considera Ary Barroso o melhor compositor nacional. Sílvio Caldas o melhor intérprete, e «Aquarela do Brasil» como a melhor composição brasileira. A maior decepção sofrida pelo jovem locutor foi a perda do Campeonato Mundial pela equipe brasileira. Foi convidado também por Antônio Maria para transmitir na Tupi-TV, tôdas as atividades esportivas.

## PERDIDAMENTE...

(Cont. da pág. 28)

continuar dessa maneira... vou contar tudo a Nora a nosso respeito... agora... ela... — Steve falava aos poucos, não conseguindo exprimir os seus pensamentos. Suas palavras mais pareciam pedras de um quebra-cabeças.

— Não dará certo. Talvez porque ambos saibamos que isso é a resposta errada. Quando eu lhe ia dizer, — Lily pôs a mão em cima do coração — alguma coisa *aqui* me fêz mudar de idéia. Não consegui e nem você tampouco conseguirá. Alguma outra pessoa, talvez... uma outra espécie de homem, mas não você. Está tudo acabado, querido. *Temos de viver um sem o outro.*

Steve sentia que lhe dava razão, no entanto, teimosamente, retrucou:

— Não creio que eu possa.

— Não creio que possa, também, mas vou viver. Vou dar-lhe as costas, Steve, e lhe peço que me perdoe.

A pouco e pouco o mundo da publicidade acabou conhecendo a história de Lily James. Continuava alegre como sempre, mas a flama desaparecera.

Não mais parava no apartamento, pois êste trazia-lhe recordações. Estava sentada certa vez no Bar Champagne quando Lee Gorrance a viu e veio à sua mesa.

Lily soergueu o olhar e lhe disse:

— Agora mesmo estava pensando a seu respeito.

— Depois de todo êsse tempo? — respondeu Lee sorrindo. — Você vem sempre aqui?

— Costumava vir. Mas, Lee, não é uma banda e cinqüenta "girls" que se compatibilizam mais com o seu gôsto?

— E' verdade, Lily. Compartilhe a sua infelicidade! Xingue alguém. E' o mesmo que colocar manteiga em suas próprias queimaduras — êle se inclinou para ela. — Não sou culpado pelo que aconteceu a Mary, você sabe. Ninguém tem vinte-e-um anos para sempre. Muitas pessoas têm de enfrentar o mesmo problema que ela teve e nem tôdas pulam de janelas.

— O que fazem os fortes?

— Empurram em vez de serem empurrados. Você queria ser u'a modêlo de cartaz e o conseguiu. Isso não consertou coisíssima alguma. Deviam inventar uma nova espécie de ambição, digamos, uma que nunca se acabasse. Parecemonos muito... pessoas como nós afundam-se por conta própria... — levantou-se vagarosamente e acrescentou como se voltasse repentinamente à realidade: — Chama-la-ei depois.

Um avião noturno partia para Montana e Steve Harleigh estava esperando por êle quando Lily chegou ao aeroporto. Lera nos jornais a história de que o banco lhe tomara a mina e êle e Nora tinham de recomeçar tudo novamente. Agora, antes de partir, ela precisava dizer-lhe uma coisa que êle deveria saber.

Espantou-se quando a viu.

— Lily! O que há, querida?

Ela falava sem firmeza.

— Steve, se você ainda pensar no que se passou conosco, lembre-se de que você não teve culpa em nada. Lembre-se disso... nada.

— O que é que você vai fazer, Lily? O que acontecerá?

— Nada de mal vai acontecer-me... Você não deve preocupar-se. Minha mãe tinha mêdo que eu viesse a ser *má*. E eu também. Mas, agora sei que nunca temerei isso novamente. Serei *boa*. A partir de hoje... nunca mudarei.

Olharam-se durante um longo momento e então Lily voltou-se e correu em direção ao táxi que deixara esperando.

Dirigiu-se diretamente ao hotel onde Mary Ashlon tinha morado e pediu o apartamento que pertencera a Mary. Um "boy" levou-a para os seus novos aposentos.

Sòzinha, ela apagou a luz e ficou mirando a janela por onde Mary tinha pulado, iluminada apenas pela luz do luar. O mêdo penetrou em igual intensidade em todo o seu ser para desaparecer um segundo depois. Tirou do bôlso o pequeno chinelo que Mary lhe deixara e fixou os olhos nêle. Repentinamente, jogou-o de encontro à parede. Lee Gorrance estava enganado. Ela agora tinha certeza que nunca seria como Mary fôra.

Lily soergueu a cabeça e olhou mais uma vez para a janela. Chegavam-lhe aos ouvidos os barulhos vindos da cidade, em baixo. Lily James sorriu. Lee Gorrance estava errado. Ela poderia ter uma vida sua e nada, coisíssima alguma, jamais destruiria.

## A ILHA DO TESOURO

(Cont. da pág. 17)

ratas... Os amigos de Jim estavam chegando à praia, quando os piratas que acompanhavam Long John partiram no outro bote para o navio.

— Não se importem com êles! — Jim ouviu Silver dizer. — A bordo, com as armas, seremos donos da situação.

— Eu sei onde êles estão — disse o velho Gunn a Jim. — Venha comigo.

O velho levou Jim a uma colina onde havia uma cabana de toras de madeira, cercada por uma estocada, mas se recusou a entrar lá com Jim. Disse-lhe que o Capitão o procurasse, à noite.

— Quem procura, encontra, e quem encontra, procura — acrescentou o velho.

Jim foi recebido alegremente pelos seus amigos, que ouviram sua história com atenção. E estavam preparando as armas, para o ataque que os piratas fariam, quando ouviram a voz de Silver:

— Proponho uma trégua, para discutir têrmos!

Long John estava junto da estacada, agitando uma bandeira branca improvisada. O Capitão Smollett foi ao encontro do pirata. Silver propunha salvar a vida de todos, em troca do mapa do tesouro. Mas, o Capitão recusou-se.

— Vocês são covardes, não sabem lutar, não sabem como achar o tesouro, não sabem fazer navegar o navio! Eis os meus têrmos! Entreguem-se e terão um julgamento justo!

Silver retirou-se e o ataque começou. Foi um ataque selvagem, mas os defensores da estacada levaram a melhor. Os piratas recuaram. O dr. Livesey entregou a Jim o mapa do tesouro, dizendo-lhe: — Jim, guarde o mapa que, aliás, é seu. Os piratas voltarão. Talvez você possa se salvar, dando-lhes o mapa.

— Amanhã — observou o Capitão — amanhã de manhã, com a maré alta, êles poderão aproximar o navio e bombardear-nos com o canhão. Alguém devia nadar até o navio e cortar as amarras, para que o navio encalhasse.

Os piratas fizeram uma descarga de tiros, e todos os homens da cabana ficaram a postos. Jim, não podendo manobrar um mosquete, decidiu ir ao "Hispaniola". Valendo-se da escuridão, saiu da estacada, armado de uma faca. Utilizou-se do bote de Ben Gunn e remou até o bôjo do navio. Conseguiu cortar a corda da âncora, mas o bote improvisado de Ben Gunn não resistiu e afundou. Jim viu-se agarrado ao navio, que já seguia os impulsos da corrente. Na cabine, os dois piratas que estavam de guarda, Hands e Haggott, estavam lutando por uma garrafa de rum, e estavam prestes a chegar ao tombadilho, onde notariam o movimento do barco. Jim viu, com horror, Haggott ser apunhalado por Hands, o qual, então, observou que o navio não estava mais ancorado. O pirata tentou dar um tiro de canhão, para avisar os outros, na ilha, mas Jim, para impedir as intenções de Hands, agarrou o soquête do canhão e lançou-o ao mar. Hands, descobrindo Jim, foi-lhe em cima. O menino marinhou pelo cordame das velas, perseguido pelo pirata. À luz do luar, Jim viu o punhal reluzir, e sentiu uma dor aguda no braço. Tirou a pistola do cinto e detonou a arma à queima-roupa. Hands despenhou, caindo ao mar. Naquele instante, o "Hispaniola" sofreu uma sacudidela. Tinha encalhado na praia.

— "A estacada está salva" — pensou Jim. E, depois de erguer novamente a bandeira inglêsa, esgueirou-se para a praia e correu para a estacada.

— Dr. Livesey! Doutor...!

Jim tinha entrado na cabana, que estava às escuras. Estava debilitado pela perda de sangue. Uma figura destacou-se nas sombras.

— Ora essa! E' meu companheiro Jim!

Era a voz de Long John Silver! Outras figuras apareceram. Mas, Jim não viu nem ouviu mais nada. Perdeu os sentidos. Quando voltou a si, seu braço estava enfaixado, e Silver dizia: — Não toquem num fio de cabelo do rapaz! Tragam o doutor, com uma bandeira de tréguas! Precisamos dêle como refém, para obter o mapa!

Os piratas se reuniram a um canto, afastados de Silver, e discutiram exaltadamente. Final-


A BELEZA DOS SEIOS **BÉL-HORMON**

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



**BÉL-HORMON**

**Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro**

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ................................

RUA ........................ Nº ....

CIDADE ........... ESTADO ........

**Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00**




mente, um dêles se aproximou de Long John e deu-lhe um pedaço de papel. Os piratas, chefiados pelo sanguinário Merry, haviam dado a Long John a Marca Negra, a sentença de morte dos piratas!

O dr. Livesey chegou e começou a operar o braço de Jim.

— Não fui eu que o feri — disse Silver ao doutor. — Se não fôsse por mim, êles já o teriam assassinado.

— E' mentira — disse Jim. — Para conseguir o mapa, você me mataria.

— Ah, é assim, não é? — murmurou Silver, que abriu o casaco, revelando o mapa metido no cinto. — Era só o mapa que eu queria, hein?

Jim sentiu uma sensação de bem-estar. Apesar dos pesares, êle não podia odiar aquêle Long John Silver. Jim tinha prometido não fugir, e manteve sua promessa, quando o doutor sugeriu que êle escapasse, com sua ajuda. Mas, chegaram a um acôrdo. Silver prometeu dar proteção a Jim, até que se achasse o tesouro, e o dr. Livesey prometeu fazer o possivel para salvar Silver da fôrca.

Mostrando o mapa aos piratas amotinados, Silver se tornou novamente seu líder indisputado. Entre exclamações de entusiasmo, saíram todos em busca dos espólios do Capitão Flint. Jim foi levado adiante, como refém que era dos piratas, e, finalmente, acharam o local do tesouro. Mas, sòmente encontraram uma vasta arca de ferro vazia! Ao mesmo tempo, ouviram a risada maluca, no meio das árvores.

— Vamos ter dificuldades — murmurou Silver aos piratas.

Merry voltou-se para Long John, furioso.

— Então, você entrou em acôrdo com o doutor, eh?... — e levantou o mosquete. Mas, Silver foi mais rápido com a pistola, e Merry tombou, com uma bala no coração.

Silver atirou em dois dos outros piratas, mas agora suas armas estavam vazias. Parecia o fim do pirata. Nisso, uma saraivada de balas apanhou os que iam acabar com Silver, e os amigos de Jim, com o dr. Livesey à frente, apareceram. Os piratas sobreviventes foram fàcilmente dominados e amarrados.

A voz de Ben Gunn se fêz ouvir mais uma vez. O velho maluco estava repetindo o seu estribilho: — Quem procura, encontra, e quem encontra, procura! — e acrescentou: — Venham ver o que o velho Gunn achou!

Na caverna do maluco, de fato, acharam o tesouro do Capitão Flint. Centenas de libras de ouro, pedras preciosas, jóias e prata... Estava terminada a procura do ouro. O perigo de vida passara. Só restava agora Long John Silver. Iam nos barcos, agora, para o "Hispaniola".

— Por favor — suplicou Jim ao Capitão — não façam nada a Long John! Êle me salvou a vida. Deixemos que êle vá embora, livre!

— Êle terá um julgamento justo, na Inglaterra. Você e o doutor poderão testemunhar a favor dêle, mas êle irá!

— Muito obrigado, rapaz — disse Long John a Jim. — Você tomará conta do meu papagaio, não?

Por um momento, Silver passou o braço, amigàvelmente, pelos ombros do menino. Depois, sùbitamente, voltou-se para o grupo, apontando-lhes a arma que Jim tinha antes na cintura.

— Sinto muito, meu rapaz, tomar o presente que lhe dei. Mas, preciso disso agora.

O barco em que os outros iam se afastou. Dois dos homens que iam no barco de Jim, saltaram para a água. Não podiam fazer nada.

— Vamos para o canal, lá adiante — ordenou Silver. — Lá na praia eu o deixarei a salvo.

Jim só podia manejar o leme, enquanto John manobrava os remos. Pouco adiante, Jim viu a barra de uma praia, e, movendo o leme, fêz com que o bote — o bote em que o tesouro havia sido pôsto — encalhasse na areia. Jim saltou para a praia, ao mesmo tempo que Silver se voltava, descobrindo o truque do menino.

— Maldito seja! vociferou Silver. — Ou você me empurra o barco novamente, ou faço o que Merry queria fazer!

E Jim viu que o pirata lhe apontava, a curta distância, a pistola que lhe havia tirado. Apesar do mêdo que o empolgava, Jim sacudiu a cabeça, negativamente.

— Então, terá que atirar. Eu não o ajudarei mais.

Por um momento, a face enegrecida de Long John se contorceu horrivelmente, numa expressão de cólera incontida. Mas, sùbitamente, abaixou a arma, e começou a remar furiosamente, para desencalhar o barco. Jim sentiu uma grande satisfação. Malgrado sua sêde de ouro e suas violências, Long John Silver não tinha podido atirar! No fundo do seu coração, tinha mesmo se afeiçoado ao menino. Então, Jim pôs o ombro contra o bote e empurrou. O bote se desvencilhou da areia, saindo com Silver, livre. O pirata contemplou Jim, sua face rude aberta num sorriso. — Você é um rapaz de coragem, Jim. Adeus!

Jim estava olhando o bote, que se adiantava pelo canal, quando o dr. Livesey se aproximou.

— Maldito seja! Mas, quase encontro em meu coração o desejo de que êle consiga escapar — murmurou o doutor.

Jim ergueu os olhos para êle, com alegria, livre das dúvidas que o atormentaram. O doutor passou-lhe o braço pelos ombros, e ambos ficaram a ver Long John Silver e o tesouro que desapareciam na distância.


LUSTRES DE CRISTAL
de 26 das melhores fábricas européias para todo o Brasil

Nilo Ribeiro seleciona cuidadosamente, para sua importação diréta o que de mais moderno, elegante e artístico a Europa produz em lustres de cristal fino para ornamentar a sua residência

VENDAS A VAREJO POR PREÇO DE ATACADO
— FACILITA-SE O PAGAMENTO —

Não comprem sem visitar nosso exposição, onde encontrarão técnicos para qualquer orientação

EXPOSIÇÃO DAS 8 ÀS 22 HORAS

DEPOSITO E EXPOSIÇÃO:
GALERIA SÃO PEDRO
AV. PRINCÊSA ISABEL, 126-D ★ FONES 37-1200 E 37-3428
JUNTO AO TÚNEL NOVO


# MÚSICA

## FRANCISCO FABIÃO



A Associação dos Tesoureiros Auxiliares (A.T.A.) apresentou no auditório da Associação Brasileira de Imprensa o pianista Francisco Fabião. O jovem recitalista levou a cargo um programa de responsabilidade.

Senhor de técnica bastante cuidada, não foi difícil ao concertista vencer o complicado trabalho mecânico, colorindo com gôsto e beleza os fraseados mais sutis. Na Sonata op. 22 de Beethoven o artista compreendeu bem o estilo do autor, deu à sua execução apesar da dificuldade, grande virtuosismo.

Seguiu-se a Dansa e La plus que lente de Debussy, Minha terra de Barroso Neto e o Alegreto de concerto de Granados, peças interpretadas com graça e espírito característicos.

Encerrando o recital ouvimos a Sonata op. 22 de Schuman, obra de envergadura transcendental. Francisco Fabião mostrou qualidades exuberantes, não se intimidando pela complexidade do intrincado trabalho do mestre alemão.

Senhor de si, sem a preocupação da parte material, conduziu a execução com firmeza e autoridade, primando pela graça dos pianos e pela sonoridade redonda e brilhante dos fortes. Uma platéia numerosa e seleta aplaudiu-o com entusiasmo, resultando na apresentação de vários números extra-programa.

OSWALDO DA CUNHA

✶

# NOTAS

## GUIOMAR NOVAIS

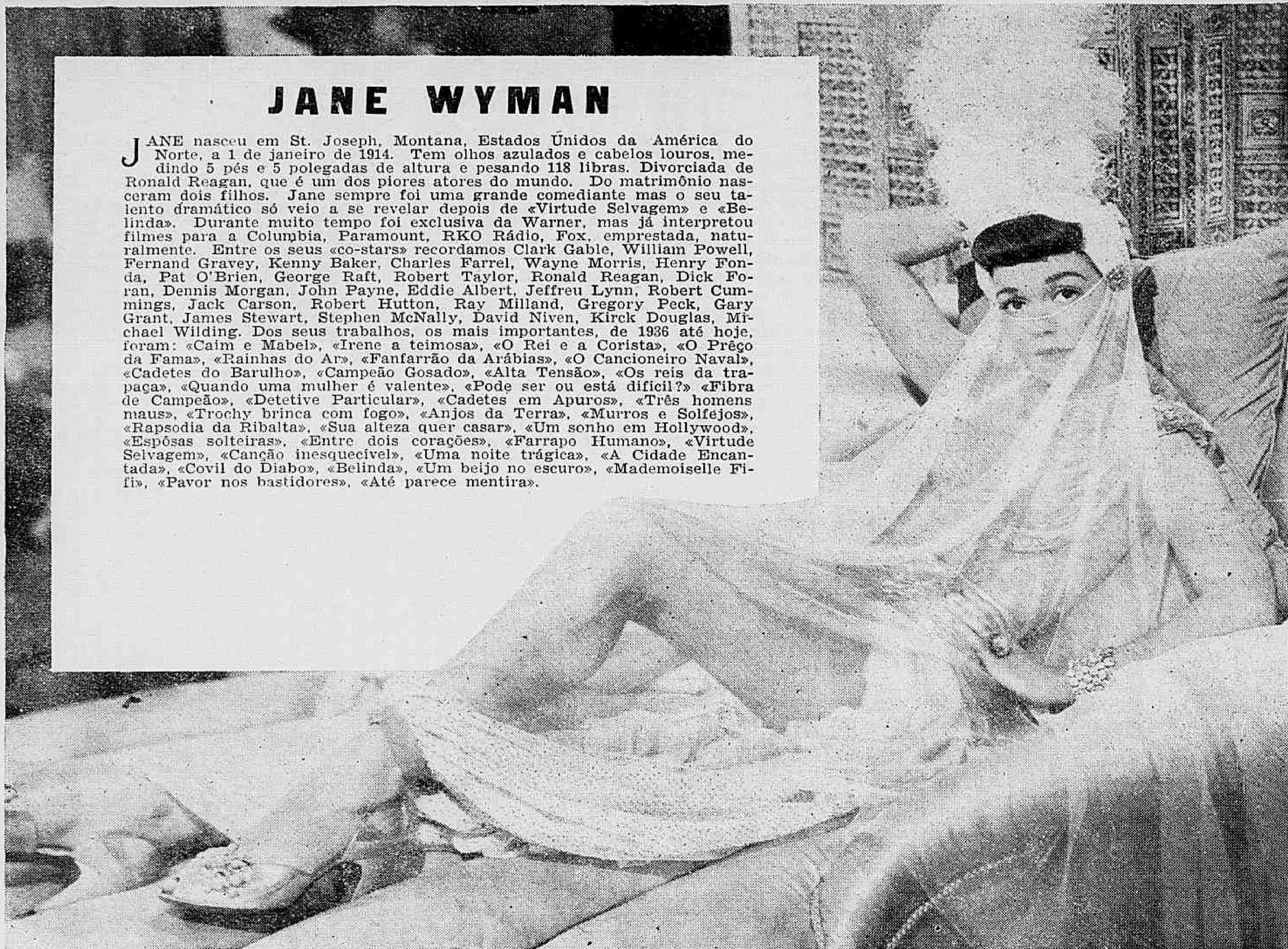
Notícias chegadas dos Estados Unidos, dizem-nos do grande êxito alcançado pela pianista patrícia Guiomar Novais, nos concertos realizados naquêle país amigo. A crítica americana foi pródiga em elogios, não regateando aplausos àquela que, segundo os comentários, é considerada atualmente a maior intérprete feminina, notadamente na parte que diz respeito à Chopin.

★

## «PRELUDE TO FAME»

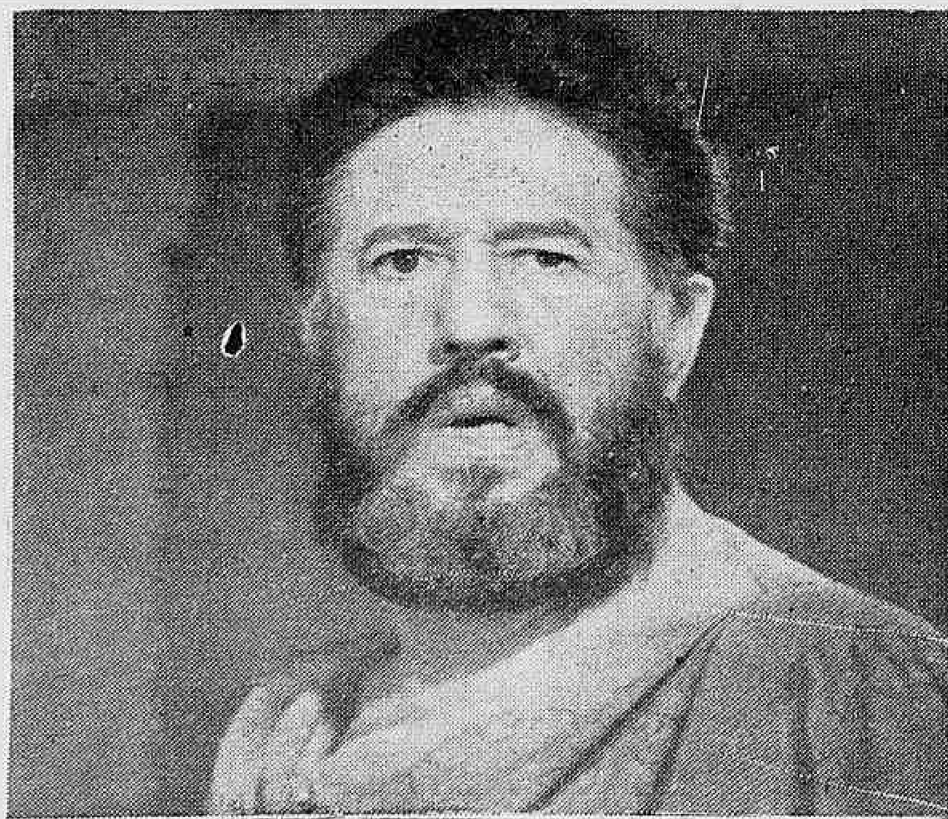
Mais um filme musical de classe, vem de ser apresentado recentemente ao público norte-americano. Trata-se de «Prelude do Fame» que inclui no seu escore musical obras de Weber, Beethoven, Barodine e outros.

# ARQUIVO DE BROOKLYN JACK



## JANE WYMAN

JANE nasceu em St. Joseph, Montana, Estados Unidos da América do Norte, a 1 de janeiro de 1914. Tem olhos azulados e cabelos louros, medindo 5 pés e 5 polegadas de altura e pesando 118 libras. Divorciada de Ronald Reagan, que é um dos piores atores do mundo. Do matrimônio nasceram dois filhos. Jane sempre foi uma grande comediante mas o seu talento dramático só veio a se revelar depois de «Virtude Selvagem» e «Belinda». Durante muito tempo foi exclusiva da Warner, mas já interpretou filmes para a Columbia, Paramount, RKO Rádio, Fox, emprestada, naturalmente. Entre os seus «co-stars» recordamos Clark Gable, William Powell, Fernand Gravey, Kenny Baker, Charles Farrel, Wayne Morris, Henry Fonda, Pat O'Brien, George Raft, Robert Taylor, Ronald Reagan, Dick Foran, Dennis Morgan, John Payne, Eddie Albert, Jeffreu Lynn, Robert Cummings, Jack Carson, Robert Hutton, Ray Milland, Gregory Peck, Gary Grant, James Stewart, Stephen McNally, David Niven, Kirck Douglas, Michael Wilding. Dos seus trabalhos, os mais importantes, de 1936 até hoje, foram: «Caim e Mabel», «Irene a teimosa», «O Rei e a Corista», «O Prêço da Fama», «Rainhas do Ar», «Fanfarrão da Arábias», «O Cancioneiro Naval», «Cadetes do Barulho», «Campeão Gosado», «Alta Tensão», «Os reis da trapaça», «Quando uma mulher é valente», «Pode ser ou está dificil?» «Fibra de Campeão», «Detetive Particular», «Cadetes em Apuros», «Três homens maus», «Trochy brinca com fogo», «Anjos da Terra», «Murros e Solféjos», «Rapsodia da Ribalta», «Sua alteza quer casar», «Um sonho em Hollywood», «Espôsas solteiras», «Entre dois corações», «Farrapo Humano», «Virtude Selvagem», «Canção inesquecível», «Uma noite trágica», «A Cidade Encantada», «Covil do Diabo», «Belinda», «Um beijo no escuro», «Mademoiselle Fifi», «Pavor nos bastidores», «Até parece mentira».



## Pedro Dias

ÊSTE é um veterano do cinema brasileiro. O seu nome por extenso é Pedro Augusto Cordeiro Dias e nasceu a 13 de janeiro de 1891, no Rio de Janeiro, D.F., Brasil. Em 1910 ingressou no teatro, quase por brincadeira. Estreou como bailarino e representando numa peça de Álvaro Collares e J. Brito. A partir dêsse dia não mais parou, excursionando por todo o país, tendo sido, êle próprio, empresário por duas vêzes. No cinema silencioso obteve grandes êxitos como o protagonista de «O Guaraní», e de muitos outros filmes. A relação é longa, muito longa, mesmo, e enfadonha. Quanto à sua atividade no cinema sonoro também não é menor. Todavia, dos filmes mais importantes em que apareceu podemos citar «Estou aí», «Caidos do Céu», «Pureza», «Vinte e quatro horas de sonho», «Uma fumaça». Entretanto, afirmam alguns, o êxito mais sério da carreira do popular cômico será «O Meu Dia Chegará», uma comédia na qual êle encarna um tipo curioso e freqüentemente encontrado, «amigo» do marido infeliz.



★ KATHRYN GRAYSON ★

É natural de Winston-Salem, North Carolina, Estados Unidos da América do Norte. Nasceu a 9 de fevereiro de 1923. Tem lindos cabelos e lindos olhos castanhos-escuros. Aparentemente é uma das «estrêlas» mais «chatinhas» de Hollywood, metida a «grande coisa», importante, presunçosa, e francamente destituida de qualquer valor real. Canta, e às vêzes desencanta. Mas... há gôsto para tudo! Kathryn, como tantas atrizes da Metro, iniciou a carreira cinematográfica em um filme da Família Hardy, em 1941: «A Secretária, de Andy Hardy». E daquela data em diante já apareceu em «Um cavalheiro do Sul» (1941), «Rio Rita», «Sete Noivas» (1942); «A Filha do Comandante» (1943); «Marujos do Amor», «O Rouxinol Mentiroso» (1945); «Ziegfeld Follies», «Quando as nuvens passem» (1946); «Aconteceu assim» (1947); «Beijou-me um bandido» (1948); «Aquêle beijo à meia-noite» (1949); «Quando eu te amei» (1950); «Showboat» e «Grounds for marriage» (1951). Kathryn tem um perfil muito bem talhado mas daí a representar vai o mar...



NASCEU em Genebra, Suiça, a 9 de abril de 1895. Teve experiência teatral antes de entrar para o cinema, o que se deu em 1925. A relação dos seus filmes é a seguinte: «O Falecido Matias Pascal», «O Martírio de Joana d'Arc» (de Dreyer), «L'Enfant de l'Amour», «Jean de la Lune», «On purge bébé», «La Chienne», «Boudu sauvé des eaux», «Miquette et sa mére», «Du haut en bas», «L'Atalante ou La Chaland qui passe», «Le Lac Aux Dames», «A Felicidade», «Amants et vouleurs», «Quand la vie étais belle», «Ademai au Moyen-Age», «Sous les yeux d'Occidens», «Les Jumeaux de Brighton», «Le mort en fuite», «Le club des aristocrates», «Família Exótica», «Miragens», «Le poisson chinois», «Boulot aviateur», «Choc en retour», «Les disparus de Saint-Agil», «Os novos Ricos», «Cais das Sombras», «La chaleur du Sein», «Le Ruisseau», «Eusébe Deputé», «Noix de Coco», «La fin du jour», «Cavalgada de amor», «Circonstances atenuantes», «Fric-Frac», «La comedie du bonheur», «Tosca», «O rei se diverte», «La signora dell'Ovest», «Au bonheur des dames», «Barbebleue», «Vautrin», «Boule de suif», «Alguém virá esta noite», «Pânico», «Trágica inocência», «Les amants du pont-Saint-Jean», «La carcasse et le Tord-Cou», «Fabíola», «A Taverna Maldita».



★ MICHEL SIMON ★

Senhora!
Na toilette diária nunca deve ser esquecida a sua HIGIENE ÍNTIMA
Metrolina
ANTISSÉPTICO
ADSTRINGENTE
BACTERICIDA

## DESMORONA-SE . . .

(Cont. da pág. 21)

**mundo, e chefe supremo de um império de quartos e banheiros no valor de cento e vinte e cinco milhões de dólares, dos quais, incidentaimente, Nick Hilton é o herdeiro.**

Foi criado em diversos Estados, onde quer que o pai fôsse abrir um novo hotel, pois, desde garôto, foi educado para o suceder, conhecendo hoje todos os segredos da profissão de hoteleiro!

Serviu à Marinha do Tio Sam durante a guerra e nunca freqüentou universidade alguma. Tem o ginásio, feito todo êle no ginásio Loyola, um colégio católico.

Em virtude do casamento, papai Hilton encarregou Nick de supervisionar a construção de um monstruoso hotel em Beverly Hills, o qual deverá gerenciar, assegurando, desta maneira, a renda necessária para manter uma artista de cinema, pois, digam o que disserem, um garôta como Elizabeth Taylor nunca poderia ser uma espôsa comum.

O AMOR PERFEITO TORNA A VIDA UM PRAZER

No casamento, que se realizou na Igreja do Bom-Pastor em Beverly Hills, no dia 6 de maio do ano que acaba de findar, a cerimônia foi realizada pelo Padre Concannon.

Como é seu costume, após a cerimônia, fêz o seu pequenino sermão.

"Meus caros amigos, — começou o Padre Concannon — entrastes agora numa união sagrada e por demais séria. E' sagrada por ter sido estabelecida pelo próprio Deus; por demais séria, porque os juntará para a vida, mantendo relações próximas e tão intimas, que influenciará o futuro de ambos. O futuro, com as suas esperanças e desapontamentos, seus sucessos e falências, seus prazeres e dores, suas alegrias e tristezas, está escondido de vossos olhos...

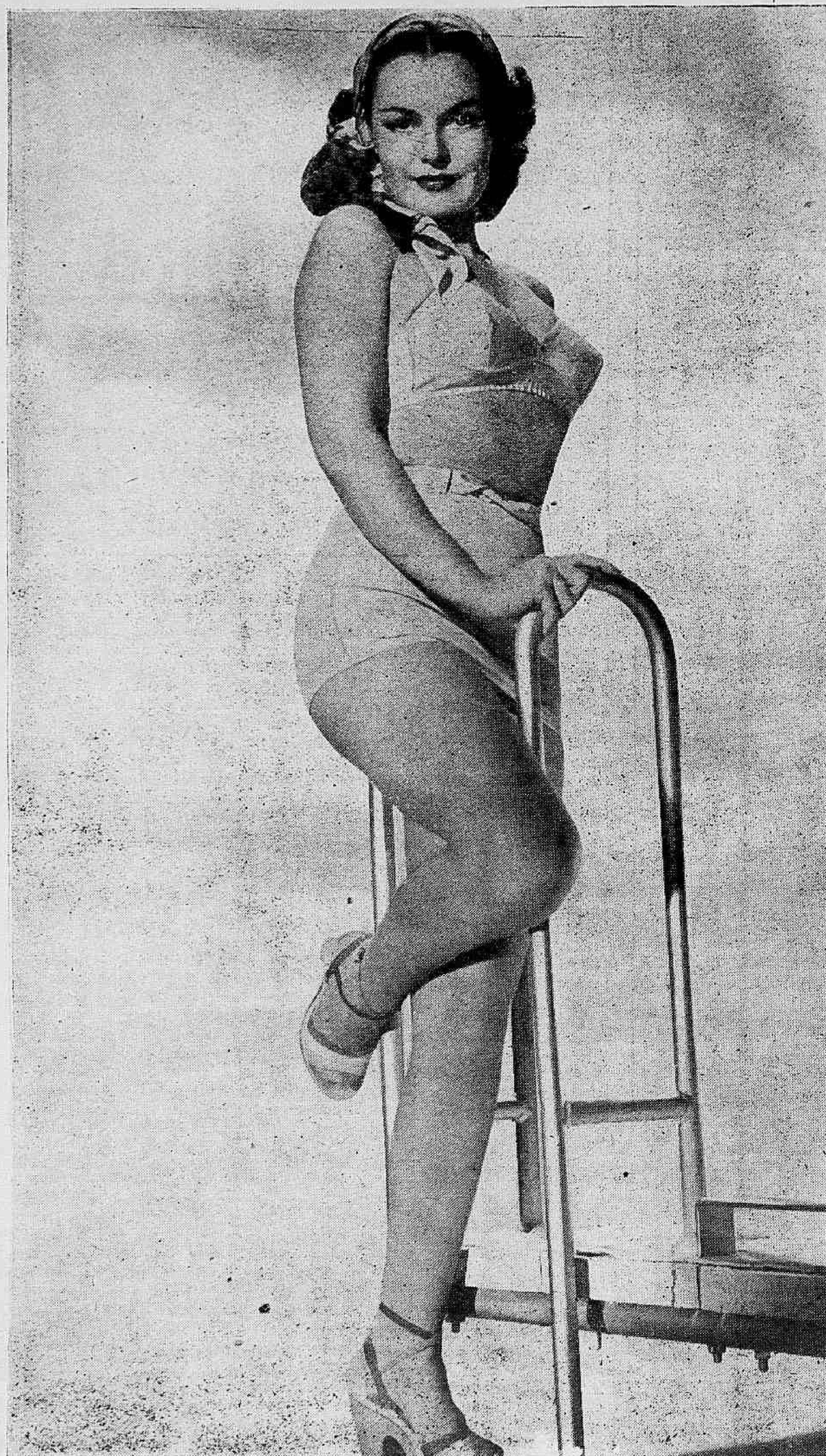
Em verdade, pois, estas palavras são muito sérias. E' o belo tributo à vossa indubitável fé mútua, reconhecendo a sua importância estais, desta maneira, prontos para as pronunciar... Portanto, pertenceis inteiramente um ao outro: serão sòmente uma mente, um coração e uma só pessoa perante as aflições. E, quaisquer que sejam os sacrificios que tenhais de realizar para preservar esta vida comum, sempre os recebei generosamente. Os sacrificios, geralmente, são difíceis e árduos. Sòmente o amor os pode tornar fáceis. O amor perfeito torna a vida um prazer..."

Elizabeth Taylor e Conrad Nicholson Hilton, Jr., aceitaram o conselho do Padre Connanom e, sete meses depois de casados, quando uma dificuldade que a publicidade ainda não tornou pública apareceu, resolveram fazer um sacrificio. Separaram-se. Agora, sem que um atrapalhe o outro, estão procurando encontrar uma solução para ficar novamente livres para, quem sabe, mais tarde contraírem novo matrimônio. Mas, desde que foram casados pela Igreja Católica e esta não admite divórcio, desde dezembro último, cada um de seu lado procura uma maneira de readquirir a liberdade.

---

*N. R.* — Elizabeth Taylor acaba de informar à imprensa que aceita sugestões dos leitores e de seus fãs. Cartas para Metro-Goldwyn-Meyer Studios, Burbank, California, U.S.A.

# Pausa para meditação



DOROTHY HART — (Warner)

## Mexericos

«Girls Wanted», drama social, documentário, será uma das produções de Wald-Krasner, e uma das primeiras a serem réalizadas.

O tema dessa fita é o das raparigas dos «Dances-Halls», onde os homens solitários procuram divertir-se, dançando ao preço de 12 centavos por minuto.

★

Tod Andrews, artista que se tornou astro, ao lado de Mala Powers, em «Outrage», filme da «Filmakers» distribuido pela RKO, foi contratado para atuar durante doze semanas na Broadway, interpretando o papel principal de «Mr. Roberts». A companhia que leva essa comédia de tanto êxito vai fazer uma tournée pelos Estados Unidos. Tod Andrews substitue John Forsythe, o qual, por sua vez substituiu Henry Fonda, na interpretação do papel. Henry Fonda teve que deixar o palco, na Broadway, para se submeter a uma operação no joelho.

★

Denise Darcel, a linda estrelinha francesa que os nossos leitores hão de ver em «Tarzan and the Slave Girl», ao lado de Lex Barker, teve um verdadeiro êxito na sua estréia na Broadway, na revista musical «Pardon Our French».

Desde a sua atuação naquêle filme de Tarzan, Darcel tem se tornado uma das artistas favoritos dos «night clubs» e dos apreciadores da beleza continental.

★

Mala Powers, a nova estrêla de Hollywood, que tanto se destacou em «Outrage», filme dirigido por Ida Lupino e aclamado com grande sucesso em tôda a parte, está de passagem por New York, a caminho de Puerto Rico, onde vai ser estreada a sua última película, «Cyrano de Bergerac», em que ela aparece ao lado do notável ator José Ferrer.

★

Samuel Goldwyn está fazendo os preparativos para a produção de um grande filme, «The Winning of Bárbara Worth», com Dana Andrews à frente do elenco. Goldwyn já está entabolando negociações com os escritores para a redação do libreto.

A história, baseada na novela do mesmo título de Harold Bell Wright, foi produzida pelo próprio Goldwyn em 1926, tendo servido para lançar o ator Gary Cooper.

O famoso produtor declarou que filmará essa película de forma semi-documental, mas dará ao tema amoroso uma grande atenção, justamente como se fêz na versão original.

«The Winning of Bárbara Worth» trata dos processos legais para petições de terras no deserto do Oeste dos Estados Unidos, contendo aspectos de interêsse para muitos países em que há atualmente problemas semelhantes.

Em breve será anunciado o nome do diretor que se encarregará da realização do filme.

★

Harold Lloyd Jr., filho do notável ator cômico da tela, faz a sua estréia cinematográfica na produção de Samuel Goldwyn «Our Very Own», que será distribuida pela RKO Radio. O jovem Lloyd, que só tem 18 anos, é aluno da Academia Militar de North Hollywood.

ESTÁ À VENDA EM TODA PARTE O

# ALMANAQUE




31º ANO

1951

**COMPANHIA EDITORA AMERICANA**
RUA VISCONDE DE MARANGUAPE, 15 — RIO DE JANEIRO

**PREÇO: Cr$ 20,00**
EM TODO O BRASIL

**ATENDE-SE PELO REEMBOLSO POSTAL OU MEDIANTE VALE DO CORREIO.**




A coerência é um atributo das pessoas de bom gosto. Quem sabe apreciar uma sonata de Beethoven, um prelúdio de Debussy, também dá valor a um bom cigarro... Por isso Hollywood é hoje uma tradição da sociedade brasileira. Tabacos finos, rigorosamente escolhidos, harmoniosamente combinados, deram a Hollywood esta posição ímpar. Hoje, Hollywood conta com mais fumantes que todas as outras marcas da mesma categoria combinadas — e você, como pessoa de bom gosto, também aprecia Hollywood.




cigarros

**Hollywood**

*uma tradição de bom gosto*

**um produto SOUZA CRUZ**

H - 88.066